

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

MARCELO SILVEIRA MARIANO NUNES

**A crise de refugiados sírios de 2015 na mídia:** uma análise comparativa  
entre as coberturas de BBC e Al Jazeera à luz do Orientalismo

GOIÂNIA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES  
E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

**2. Nome completo do autor**

Marcelo Silveira Mariano Nunes

**3. Título do trabalho**

A CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS DE 2015 NA MÍDIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS COBERTURAS DE BBC E AL JAZEERA À LUZ DO ORIENTALISMO

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
  - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Marina Bolfarine Caixeta, Usuário Externo**, em 18/03/2025, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Silveira Mariano Nunes, Discente**, em 16/04/2025, às 13:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5237760** e o código CRC **CB853657**.

MARCELO SILVEIRA MARIANO NUNES

**A crise de refugiados sírios de 2015 na mídia: uma análise comparativa  
entre as coberturas de BBC e Al Jazeera à luz do Orientalismo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência Política.

Área de concentração: Relações Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Marina Bolfarine Caixeta.

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Nunes, Marcelo Silveira Mariano

A crise de refugiados sírios de 2015 na mídia [manuscrito] : uma análise comparativa entre as coberturas de BBC e Al Jazeera à luz do Orientalismo / Marcelo Silveira Mariano Nunes. - 2025.  
cxviii, 118 f.: il.

Orientador: Prof. Marina Bolfarine Caixeta.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Ciência Política e Relações Internacionais, Goiânia, 2025.  
Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Orientalismo. 2. refugiados. 3. BBC. 4. Al Jazeera. I. Caixeta, Marina Bolfarine, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 82 da sessão de Defesa de Dissertação de Marcelo Silveira Mariano Nunes,, que confere o título de Mestre(a) em Ciência Política, na área de concentração em Relações Internacionais,

Ao/s vinte de março de dois mil e vinte e cinco, a partir da(s) 19:00 horas, no(a) endereço eletrônico <https://meet.google.com/rnz-okhz-kme>, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada A CRISE DE REFUGIADOS SÍRIOS DE 2015 NA MÍDIA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS COBERTURAS DE BBC E AL JAZEERA À LUZ DO ORIENTALISMO. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) Marina Bolfarine Caixeta (PPGCPRI/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) João Henrique Ribeiro Roriz (PPGCPRI/UFG), membro titular interno; Eduardo Yoshio Nunomura (Faculdade Cásper Líbero), membro titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho [se for o caso inserir: conforme explicitado abaixo]. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido(a) o(a) candidato(a) aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Marina Bolfarine Caixeta, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) vinte de março de dois mil e vinte e cinco.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por Marina Bolfarine Caixeta, Usuário Externo, em 23/03/2025, às 23:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Eduardo Yoshio Nunomura, Usuário Externo, em 31/03/2025, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Joao Henrique Ribeiro Roriz, Professor do Magistério Superior, em 14/04/2025, às 09:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 5237707 e o código CRC 508EC4D0.

Referência: Processo nº 23070.014696/2025-90

SEI nº 5237707

*Para meu sobrinho Antônio*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à minha família por sempre me incentivar e acreditar em mim. Ao meu pai, à minha mãe, às minhas irmãs e aos meus sobrinhos.

Agradeço a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram com esta dissertação, lendo-a criticamente e sugerindo possíveis caminhos a serem adotados.

Em especial, agradeço à minha orientadora, a professora doutora Marina Bolfarine Caixeta, que, ao longo dos nossos encontros, se mostrou muito presente e interessada por esta pesquisa.

Agradeço, ainda, ao meu chefe, que, de maneira bastante compreensível, me permitiu conciliar o trabalho com a pesquisa acadêmica, sem prejudicar um ou outro.

E agradeço, por fim, aos meus amigos, que entendiam quando eu estava ocupado com esta dissertação, e principalmente aos colegas do mestrado, com quem mantive excelentes trocas de ideias e experiência.

*“Ser refugiado não é uma escolha.  
Nossa escolha é morrer em casa ou  
arriscar a morte tentando escapar”  
(Yusra Mardini)*

## RESUMO

Esta dissertação visa comparar as coberturas de BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015 a fim de analisar como elas reproduzem o Orientalismo, que entendemos nesta pesquisa como uma forma de representação do Oriente por parte do Ocidente, colocando o primeiro em uma posição inferior ao segundo e utilizando estereótipos que resultam em uma relação de dominação. O problema da pesquisa consiste na seguinte pergunta: de que forma a lógica de inferiorização do outro tal qual apontada no Orientalismo de Said continua vigente na prática da cobertura da mídia sobre a crise de refugiados sírios de 2015? Utilizando o método da análise de conteúdo para examinar o material empírico, isto é, as matérias dos veículos em questão, esta pesquisa conclui, não confirmando totalmente a hipótese, que as coberturas de BBC e Al Jazeera, vistas separadamente, não foram majoritariamente orientalistas, mas, comparando uma com a outra, a primeira foi mais orientalista do que a segunda, sendo que o veículo do Catar buscou, ainda, ser mais antiorientalista do que o do Reino Unido.

Palavras-chave: Orientalismo; refugiados; BBC; Al Jazeera.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to compare BBC's and Al Jazeera's coverage of the 2015 Syrian refugee crisis in order to analyze how they reproduce Orientalism, which we understand as a form of representation of the East by the West, placing the former in an inferior position to the latter and using stereotypes with the goal to create a relation of domination. The research problem consists of the following question: how does the logic of inferiorization of the other as pointed out in Orientalism according to Said continue to be in force in the practice of media coverage of the 2015 Syrian refugee crisis? Using the content analysis method to examine the empirical material, that is, the articles from the media networks in question, this research concludes, not fully confirming the hypothesis, that the coverage of the BBC and Al Jazeera, seen separately, were not mostly orientalist, but, comparing one with the another, the first was more orientalist than the second, and the Qatari network also sought to be more anti-orientalist than the British.

Keywords: Orientalism; refugees; BBC; Al Jazeera.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Buscas no Google a nível mundial pelo termo “refugiados” .....	16
Figura 2 – Menino Aylan Kurdi morto em uma praia na Turquia .....	65
Figura 3 – Publicação no Facebook desmentida em matéria da BBC .....	91
Figura 4 – Momento em que jornalista húngara faz refugiado sírio tropeçar.....	98

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias da análise de conteúdo .....	40
Quadro 2 – Fontes, meios de legitimação e audiências do <i>soft power</i> .....	51
Quadro 3 – Principais países de origem e destino de refugiados em 2015 .....	68
Quadro 4 – Principais países de origem e destino de refugiados em 2022 .....	72
Quadro 5 – Reprodução das categorias da análise de conteúdo .....	77
Quadro 6 – Autoria das matérias de BBC e Al Jazeera .....	79
Quadro 7 – Formato das matérias de BBC e Al Jazeera .....	79
Quadro 8 – Fontes das matérias de BBC e Al Jazeera .....	80
Quadro 9 – Posicionamento das matérias de BBC e Al Jazeera .....	81
Quadro 10 – Inferiorização dos refugiados nas matérias de BBC e Al Jazeera.....	81
Quadro 11 – Impacto das matérias de BBC e Al Jazeera .....	82
Quadro 12 – Tipo de Orientalismo das matérias de BBC e Al Jazeera .....	82
Quadro 13 – Perspectiva das matérias de BBC e Al Jazeera .....	83
Quadro 14 – Tipo de Orientalismo x autoria das matérias de BBC e Al Jazeera .....	84
Quadro 15 – Tipo de Orientalismo x formato das matérias de BBC e Al Jazeera .....	85
Quadro 16 – Tipo de Orientalismo x fonte das matérias de BBC e Al Jazeera .....	86
Quadro 17 – Tipo de Orientalismo x posicionamento das matérias de BBC e Al Jazeera .....	86
Quadro 18 – Tipo de Orientalismo x inferiorização nas matérias de BBC e Al Jazeera .....	87
Quadro 19 – Tipo de Orientalismo x impacto das matérias de BBC e Al Jazeera .....	88
Quadro 20 – Tipo de Orientalismo x perspectiva das matérias de BBC e Al Jazeera .....	89

## **LISTA DE SIGLAS**

ANSA – Agenzia Nazionale Stampa Associata  
AFP – Agence France-Presse  
AP – Associated Press  
Acnur – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados  
DPA – Deutsche Presse-Agentur  
BBC – British Broadcasting Corporation  
CBS – Columbia Broadcasting System  
CCTV – China Central Television  
IRA – Irish Republican Army  
ONU – Organização das Nações Unidas  
RT – Russia Today  
VPRS – Syrian Vulnerable Person Resettlement Scheme

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>O ORIENTALISMO NO SÉCULO XXI E O CAMINHO DA PESQUISA .....</b>	<b>21</b>
1.1. Orientalismo de Said no século XXI .....	21
1.1.1. O Orientalismo e sua relação com os refugiados .....	25
1.1.2. Orientalismo na mídia .....	29
1.1.3. Orientalismo no pós-11 de setembro .....	33
1.2. O caminho da pesquisa: considerações metodológicas .....	36
1.2.1. O estudo de casos em perspectiva comparada .....	36
1.2.2. Análise de conteúdo .....	39
1.3. Considerações parciais .....	44
<b>BBC E AL JAZEERA: A MÍDIA COMO ATOR INTERNACIONAL .....</b>	<b>47</b>
2.1. As relações do jornalismo internacional com a política internacional .....	47
2.1.1. Diplomacia pública .....	49
2.1.2. O <i>Soft power</i> nos meios de comunicação .....	52
2.2. O alcance do poder da BBC .....	54
2.2.1. O Orientalismo na BBC .....	56
2.3. A atuação da Al Jazeera .....	57
2.3.1. O Orientalismo na Al Jazeera .....	60
2.4. Considerações parciais .....	61
<b>O INSTITUTO DO REFÚGIO E AS CRISES DE REFUGIADOS .....</b>	<b>62</b>
3.1 O conceito e o instituto do refúgio .....	62
3.2. A crise de refugiados de 2015 .....	65
3.2.1. As posturas de Reino Unido e Catar .....	70
3.3. A reprodução do Orientalismo em novas crises: os refugiados hoje .....	72
3.4. Considerações parciais .....	76
<b>A CRISE DE REFUGIADOS DE 2015 SEGUNDO BBC E AL JAZEERA .....</b>	<b>77</b>
4.1. Os achados por categorias: análise quantitativa .....	78
4.1.1. Cruzando dados quantitativos .....	84
4.2. Compreendo os achados: análise qualitativa .....	90
4.2.1. Cruzando dados qualitativos .....	100
4.3. Considerações parciais .....	101
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

As cruzadas e a crise dos refugiados sírios de 2015 são dois eventos similares quanto aos seus impactos na política internacional, mas que apresentam diferenças evidentes, especialmente no que se refere à motivação dos principais atores envolvidos. Enquanto o primeiro caso diz respeito a cristãos em busca de ocupar a Terra Santa, o segundo tem a ver com pessoas que fogem da guerra atrás de uma vida em paz.

No entanto, tanto as cruzadas, que se estenderam de 1095 até 1291, quanto a crise dos refugiados sírios de 2015 permitem algumas reflexões sobre a percepção da população local quanto às pessoas que chegam de lugares distantes. Guardadas as proporções e os contextos de cada época, é possível traçar algumas semelhanças.

Segundo Maalouf (2007, p. 241), o mundo árabe, na época das cruzadas, era considerado “intelectualmente e materialmente o depositário da civilização mais avançada do planeta”. Era em Bagdá, no atual Iraque, por exemplo, que se localizava o centro intelectual conhecido como Casa da Sabedoria. Os europeus, portanto, estavam “muito atrasados em relação aos árabes em todos os domínios científicos e técnicos” (MAALOUF, 2007, p. 126)

Não é por acaso que, para os habitantes do que hoje se chama de Oriente Médio, os cruzados representavam “uma mistura de medo e desprezo”, sendo, inclusive, descritos como “antropófagos”, isto é, canibais. De fato, em 1098, ocorreu o episódio dos canibais de Maarate Anumane, uma cidade que se encontra na moderna Síria (MAALOUF, 2007, p. 47).

Quase um milênio depois, milhares de refugiados, oriundos principalmente da Síria, desembarcavam em solo europeu. Dessa vez, porém, a Europa é tida como mais avançada, ao passo que árabes e outros grupos étnicos, como os curdos – aliás, a mesma etnia de Saladino, o sultão que unificou os muçulmanos na luta contra os cruzados –, estão em uma posição supostamente de inferioridade.

É com esse pano de fundo que surge o presente trabalho, que tem como finalidade analisar a cobertura da imprensa internacional sobre a crise de refugiados sírios de 2015 a partir de uma comparação entre BBC, sigla em inglês

para *British Broadcasting Corporation*, e Al Jazeera, dois veículos que recebem financiamento público dos governos de Reino Unido e Catar, respectivamente, à luz do Orientalismo de Said (2007).

O Orientalismo, de acordo com Said (2007, p. 27), é entendido como “o modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia”. Ele sustenta que “a essência do Orientalismo é a distinção indelével entre a superioridade ocidental e a inferioridade oriental” (SAID, 2007, p. 75).

O problema de pesquisa, dessa forma, pode ser resumido na seguinte pergunta: de que forma a lógica de inferiorização do outro tal qual apontada no Orientalismo de Said continua vigente na prática da cobertura da mídia sobre a crise de refugiados sírios de 2015? Tendo BBC e Al Jazeera como estudos de caso, e partindo da pesquisa comparada entre dois veículos cuja localização geográfica aponta para diferentes perspectivas, nossa hipótese é a de que a cobertura da BBC contribui para reforçar o Orientalismo, que inferioriza os refugiados sírios, enquanto a da Al Jazeera vai na direção oposta e, além de não ser orientalista, busca ser antiorientalista.

Assim, o objetivo geral da pesquisa consiste em explicar de que forma as coberturas midiáticas da BBC e da Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015 reproduzem a lógica de inferiorização do outro não europeu e não ocidental tal qual apontadas no Orientalismo de Said. Logo, características como inferiorização e generalizações são elementos que serão analisados nas matérias selecionadas para classificá-las como orientalistas, ou seja, reproduzindo e reforçando os estereótipos discursivos para se referir aos “não europeus/ocidentais”..

Como objetivos específicos, em torno dos quais os capítulos se organizarão, espera-se (i) discutir o Orientalismo como um fenômeno social e político e suas formas de manifestação contemporânea, ao reforçar a díade ontológica - eu e o outro; ou o refugiado sírio e o europeu; (ii) examinar a atuação da BBC e da Al Jazeera, baseadas no Oriente Médio e na Europa, respectivamente, enquanto veículos midiáticos que potencialmente servem a determinadas visões de mundo como instrumento da diplomacia pública; (iii) explicar a crise de refugiados sírios de 2015 como um evento significativo da expressão atualizada do Orientalismo, no qual os refugiados são vistos como as

vítimas, e os europeus, como os salvadores; e (iv) analisar as coberturas midiáticas, em perspectiva comparada, por meio da análise de conteúdo de matérias on-line veiculadas por BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015 para identificação das formas de representação.

Em um estudo anterior de nossa autoria, sobre as coberturas da Al Jazeera sobre a crise diplomática do Catar, em 2017, a Copa da Ásia, em 2019, e a cúpula do Conselho de Cooperação do Golfo, no mesmo ano, o veículo contou com uma grande frequência de matérias assinadas por agências de notícias, mostrando “que até mesmo um veículo com sede no Catar cobrindo três eventos com envolvimento direto do país depende de agências ocidentais para divulgação de informações” (MARIANO, 2020, p. 63). Como agenda de pesquisa futura, a comparação entre uma cobertura da Al Jazeera com a de um veículo ocidental estava entre as sugestões de continuidade de pesquisa do referido estudo (MARIANO, 2020, p. 85).

Assim, essa pesquisa se justifica não só pelo interesse demonstrado pela opinião pública em suas buscas na internet neste ano, conforme evidencia a Figura 1 abaixo, mas também pelo interesse político de tal evento na política internacional, já que “a crise de refugiados a partir de 2015 fez com que a temática de migração ganhasse um destaque inédito” na governança multilateral dos países, tendo chegado “na primeira ordem da agenda política de vários países europeus”, que tiveram “falhas nos arranjos governamentais” expostas (BARROS-PLATIAU; SOENDERGAARD, 2021, p. 115).

A pesquisa também se justifica pela importância que ainda existe em relação aos refugiados, algo que, na atualidade, se mostra presente entre os temas prioritários das relações internacionais e da mídia na atuação prática e na realização de pesquisas. Em outras palavras, embora o assunto central desta dissertação tenha ocorrido há dez anos, as questões relativas ao refúgio seguem na ordem do dia devido à existência de outros conflitos, como veremos no terceiro capítulo. Além disso, a queda do governo sírio, no final de 2024, colocou os refugiados, especificamente os sírios, de volta no centro das atenções. Alguns países europeus debatem sobre a situação dessas pessoas, inclusive defendendo que elas voltem à Síria, mesmo que a contragosto e em contextos de grande destruição (TODMAN, 2024).

Sobretudo, a pesquisa se justifica pelo seu interesse acadêmico-científico.

Mesmo geograficamente distante do Oriente Médio, o Brasil, como registra Demant (2017, p. 6), não está alheio às discussões sobre a Síria e a região. Apesar das ondas de refugiados fazerem parte desse contexto de migração síria para o Brasil, o principal foco das pesquisas aqui realizadas ainda está nas ameaças que o islã pode representar para nossa sociedade, que se considera pertencente ao Ocidente.

Há pesquisas que se dedicam ao Orientalismo na imprensa e sobre a questão dos refugiados, como Santos e Néia (2021), Souza (2018), Castro (2007), Pereira (2021), Silva e Silveira (2021), Miguel (2015), Araujo (2013) e Demichelli (2018), que veremos ao longo desta dissertação. No entanto, há uma lacuna, especialmente no Brasil, acerca de trabalhos que conectam o tema dos refugiados na imprensa internacional ao Orientalismo. Além disso, o mesmo se percebe no que diz respeito ao Orientalismo na imprensa de caráter público, a exemplo de BBC e Al Jazeera, o que torna esta pesquisa relevante.

O recorte escolhido é o mês de setembro de 2015, quando se registrou a maior quantidade da história de buscas no Google a nível mundial pelo termo “refugiados”, conforme mostra a imagem a seguir.

Figura 1 – Buscas no Google a nível mundial pelo termo “refugiados”



Fonte: Google Trends<sup>1</sup>

Como os sites de BBC e Al Jazeera não dispõem de uma busca avançada para selecionar o material a partir de um intervalo de tempo específico, a

---

<sup>1</sup> As observações presentes na imagem apenas indicam que, naquelas datas, foram feitas melhorias “no sistema de coleta de dados” da ferramenta Google Trends. Disponível em: <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=refugiados&hl=pt>>. Acesso em: 13 out. 2023.

alternativa encontrada é selecioná-lo por meio da busca avançada dos materiais publicados pelos perfis @BBCWorld e @ALJEnglish no X, o antigo Twitter, durante setembro de 2015. Ao todo, foram encontradas 49 matérias, sendo 15 da BBC e 34 da Al Jazeera, que, dessa maneira, constituem o *corpus* analisado como material empírico<sup>2</sup>. A propósito, a diferença no quantitativo de textos de cada um dos veículos já nos parece um indício do nível de prioridade que eles dão a esse tema.

O método de pesquisa para examinar ambas as coberturas é análise de conteúdo, tida como “a técnica mais difundida para investigar o conteúdo das comunicações de massa, mediante a classificação, em categorias, dos elementos da comunicação” (ANDER-EGG, 1978, p. 198 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 129).

Ainda no que se refere à metodologia, e de que maneira ela se coloca à serviço da pesquisa, será feita uma análise comparativa entre as coberturas de BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados de 2015, ou seja, de que forma o mesmo episódio foi retratado por dois diferentes veículos de comunicação. Trata-se, portanto, do uso do método comparado, uma das “principais estratégias metodológicas” nas Ciências Sociais (NEGRI, 2011, p. 3). A possibilidade de cotejar matérias produzidas por dois canais de comunicação, a BBC (no Ocidente) e a Al Jazeera (no Oriente), escolhidos como casos paradigmáticos para o caminho da pesquisa, e a possibilidade de analisá-los com base nos mesmos critérios é o que propõe o método do estudo de caso comparado.

Em relação à estrutura, consta, depois da introdução, um capítulo dedicado ao marco teórico e à metodologia. Em seguida, um capítulo sobre BBC e Al Jazeera. Haverá também um capítulo para tratar da crise de refugiados de 2015. E, no capítulo subsequente, o foco se direciona para a discussão a respeito dos resultados encontrados nas análises das coberturas de cada um

---

<sup>2</sup> Segundo Bardin (2011, p. 126), na fase da escolha dos documentos a serem analisados pelo método da análise de conteúdo, costuma-se demarcar o gênero de documentos para a constituição de um *corpus*. Para ela, o “*corpus* é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras”. A regra da pertinência foi aquela que guiou a definição do *corpus* dessa pesquisa, ou seja, os documentos retidos são adequados, enquanto fonte de informação, ao objetivo que suscita a análise.

dos veículos em questão. Por fim, apresentamos a conclusão desta pesquisa com base no objetivo proposto e com vistas a abrir novas agendas de pesquisa.

## **CAPÍTULO 1**

### **O ORIENTALISMO NO SÉCULO XXI E O CAMINHO DA PESQUISA**

Este capítulo é dividido em três partes. A primeira aborda, inicialmente, o Orientalismo, com três subtópicos na sequência: um para tratar da relação entre Orientalismo e refugiados, outro para tratar da relação entre Orientalismo e mídia e mais um que se concentra nas discussões sobre as distintas formas de manifestação do Orientalismo na contemporaneidade, sobretudo a partir dos ataques de 11 de setembro de 2001. Na segunda parte, tratamos de explicar a importância de uma perspectiva comparada na metodologia proposta para essa pesquisa, que está baseada na análise de conteúdo. Ao final, há uma parte dedicada às conclusões parciais, na qual buscaremos resumir a definição de Orientalismo.

#### **1.1. Orientalismo de Said no século XXI**

Para estudar o tema de pesquisa escolhido, partimos do pensamento de Edward Said com a finalidade de compreender de que forma o Oriente como invenção do Ocidente se manifesta no cenário contemporâneo na crise de refugiados de 2015, que resultou em uma migração maciça do Oriente Médio rumo à Europa.

Nascido em Jerusalém, em uma família árabe cristã, mas criado no Egito e com carreira acadêmica nos Estados Unidos, onde fez doutorado na Universidade de Harvard e atuou como professor na Universidade de Columbia, o crítico literário Edward Said é um dos principais nomes dos estudos pós-coloniais.

Nas palavras de Guimarães (2021, p. 165), “os impérios ruíram, mas a forma colonial de pensar continua viva”. Com essa frase, pode-se entender a ideia do pós-colonialismo, que “lida com os efeitos e as causas da colonização de culturas e sociedades não ocidentais por sociedades ocidentais” por meio da crítica a “um discurso específico que se constrói no momento em que o poder colonial se inscreve no corpo, na mente e no espaço dos Outros “povos ex-colonizados”.

Há, no pensamento pós-colonial, três conceitos centrais: colonialismo,

centro/periferia e anticolonialismo. O primeiro deles se refere a “uma forma específica de exploração cultural, política e econômica que se desenvolveu com a expansão da Europa nos últimos 400 anos e que tem no seu âmago a relação entre colonizador e colonizado”. Já o segundo remete à noção de que a Europa Imperial estava no centro, sendo a periferia o que estava fora, “sempre na margem da cultura do poder e da civilização”. Por sua vez, o terceiro “significa a luta política dos povos colonizados contra a ideologia e prática do colonialismo” (GUIMARÃES, 2021, p. 171-172).

Guimarães (2021, p. 169-170) também sublinha as quatro “premissas básicas” do pós-colonialismo: (i) “analisa as relações de poder entre Norte e Sul, dando ênfase às formas de superação da subordinação e lutas anticoloniais”; (ii) “desafia a hegemonia ocidental no que diz respeito à produção e divulgação do conhecimento”; (iii) “procura problematizar a questão da raça como uma categoria fundamental de análise”; e (iv) “revela as formas de pensar dos povos não ocidentais”.

Diante desse contexto, *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, originalmente publicado em 1978, é o *magnum opus* de Edward Said, ou seja, sua obra-prima. Nela, o autor ressignifica o conceito de Orientalismo, até então visto por uma ótica acadêmica no sentido de que “quem ensina, escreve ou pesquisa sobre o Oriente - seja um antropólogo, um sociólogo, um historiador ou um filólogo - nos seus aspectos específicos ou gerais é um orientalista, e o que ele ou ela faz é Orientalismo” (SAID, 2007, p. 28).

Said (2007, p. 27), por sua vez, entende o Orientalismo como “o modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia”. Mais do que isso, ele examina “o Orientalismo como um discurso”, empregando “a noção de discurso de Michel Foucault” a fim de enxergar, então, “o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 2007, p. 29).

É somente dessa maneira, de acordo com Said (2007, p. 29), que é possível “compreender a disciplina extremamente sistemática por meio da qual a cultura europeia foi capaz de manejar - e até mesmo produzir - o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente”.

Hobson (2020, p. 222) compreende os conceitos de Orientalismo e eurocentrismo como sinônimos. Segundo ele, é razoável enxergar suas

construções teóricas a partir da metade do século XVIII na Europa, como faz Said. No entanto, há casos de eurocentrismo na prática antes disso, como na colonização espanhola das Américas, quando o “discurso civilização/barbarismo foi inventado para ‘entender’ os nativos, o que se tornou uma justificativa para a sua colonização”. Daí as noções de populações-alvo ou vítimas e de salvadores que mobilizamos nesta pesquisa.

A referência diz respeito diretamente ao texto *On the American Indians* (*De Indis*, em latim), do teólogo espanhol Francisco de Vitoria, publicado em 1532. Além disso, já no início do século XVI, surgiu a noção de “eficiência social”. O significado de tal ideia é o de que, se “um povo não ocidental falhar em desenvolver produtivamente a sua terra, os europeus têm o direito de tomá-la e fazê-lo em seu nome” (HOBSON, 2020, p. 222).

De volta a Said, seu trabalho tem como foco o “Oriente islâmico” (SAID, 2007, p. 57) e examina “obras eruditas, [...] obras de literatura, tratados políticos, textos jornalísticos, livros de viagem, estudos religiosos e filológicos (SAID, 2007, p. 54) produzidos principalmente no Reino Unido e na França, as duas antigas potências coloniais no Oriente Médio, depois expandindo a análise para os Estados Unidos.

O autor, vale reforçar, diz que

O Orientalismo nunca está muito longe do que [o historiador britânico] Denys Hay chama ‘a ideia de Europa’, uma noção coletiva que identifica a ‘nós’ europeus contra todos ‘aqueles’ não europeus, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura europeia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a ideia de uma entidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeus. Além disso, há a hegemonia das ideias europeias sobre o Oriente, elas próprias reiterando a superioridade europeia sobre o atraso oriental, anulando em geral a possibilidade de que um pensador mais independente, ou mais cético, pudesse ter visões diferentes sobre a questão (SAID, 2007, p. 34).

Said (2007, p. 75) sustenta que “a essência do Orientalismo é a distinção indelével entre a superioridade ocidental e a inferioridade oriental”. *Orientalismo* é um livro “a respeito das representações do ‘Oriente’” (SAID, 2007, p. 11) e “sobre cultura, ideias, história e poder” (SAID, 2007, p. 13), ou seja, a obra mostra, de maneira crítica, como o Ocidente busca dominar o Oriente, representando “o outro” da forma que lhe for mais conveniente, já que os povos orientais, em uma posição de suposta inferioridade (ou de vítima), na visão do

ocidental-salvador, seriam incapazes de se representar e de conduzir/agir rumo a sua evolução (capacidade de agência). *Orientalismo*, portanto, é um livro paradigmático justamente por dar voz a esse “outro” silenciado e dominado, o Oriente.

Nesse sentido, o autor ressalta o perigo das generalizações porquanto geram discursos estereotipados, “Os terríveis conflitos reducionais que agrupam as pessoas sob rubricas falsamente unificadoras como ‘América’, ‘Ocidente’ ou ‘Islã’”, já que, com isso, criam-se “identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes uns dos outros” (SAID, 2007, p. 25).

Isto posto,

tomando o final do século XVIII como ponto de partida aproximado, o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente - fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o; em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (SAID, 2007, p. 29).

Said (2007, p. 32) também sublinha que “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa”. Ao destacar o papel da hegemonia, o autor tem como referência Antonio Gramsci, que vê o processo hegemônico como uma espécie de “liderança cultural”. Na sua visão, “é a hegemonia, ou antes o resultado da hegemonia cultural em ação, que dá ao Orientalismo a durabilidade e a força” (SAID, 2007, p. 34).

Assim, um dos elementos mais importantes do Orientalismo é o grupo de ideias referentes à dominação, “impregnadas de doutrina da superioridade europeia, vários tipos de racismo, imperialismo e coisas semelhantes, visões dogmáticas do ‘oriental’ como uma espécie de abstração irreal e imutável” (SAID, 2007, p. 35).

Dessa forma, é preciso “pensar no Orientalismo como uma espécie de projeção ocidental sobre o Oriente e vontade de governá-lo” (SAID, 2007, p. 144). Além disso, ainda de acordo com o autor, “o Orientalismo também pode expressar a força do Ocidente e a fraqueza do Oriente – assim como é visto pelo Ocidente” (SAID, 2007, p. 80).

Posteriormente, o conceito foi aprimorado em diversas outras obras de sua autoria, com destaque para duas que também serão abordadas nesta pesquisa para determinar a perspectiva teórica adotada: *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of the World*<sup>3</sup> e *Cultura e imperialismo*, originalmente publicadas em 1981 e 1993, respectivamente.

Nesta última, Said (2011) discorre acerca da influência de ideias imperialistas na cultura ocidental e chama a atenção para o papel que os meios de comunicação em massa exercem na conquista do Oriente. Aqui, ele retoma a discussão sobre o processo da representação, que se caracteriza por ter o “papel de manter o subordinado como subordinado, o inferior como inferior” (SAID, 2011, p. 143).

Na outra obra, o autor estuda a imprensa dos Estados Unidos e tem como gancho a crise dos reféns americanos no Irã, entre 1979 e 1981. Nela, Said (1997) mostra como o jornalismo praticado nos EUA generaliza os países de maioria muçulmana – localizados, segundo a concepção ocidental, no Oriente –, retratando a religião em questão como um sinônimo de terrorismo.

Assim, a análise comparativa entre as coberturas de BBC<sup>4</sup> e Al Jazeera sobre a crise de refugiados de 2015 será feita com base no pensamento de Said extraído das três obras em questão, que, em graus diferentes, tratam do Orientalismo na comunicação, de uma forma geral, e no jornalismo, de uma forma específica.

### **1.1.1. O Orientalismo e sua relação com os refugiados**

Ao passo que o foco de *Orientalismo* é o “Oriente islâmico” (SAID, 2007, p. 57), o autor, em *Cultura e imperialismo*, amplia a discussão para outras regiões, “de modo a descrever um modelo mais geral de relações entre o

---

<sup>3</sup> O livro não tem edição brasileira. Em português, a tradução livre do título seria “Cobrindo o Islã: Como a Mídia e os Especialistas Determinam Como Nós Vemos o Resto do Mundo”.

<sup>4</sup> Sigla em inglês para *British Broadcasting Corporation*.

Ocidente metropolitano moderno e seus territórios ultramarinos” (SAID, 2011, p. 9). Nesse contexto, os refugiados, que também podemos considerar como uma expressão dos povos pertencentes a territórios explorados e vulneráveis provenientes do chamado Sul Global, desempenham um papel relevante como vítimas, povos que precisam ser assistidos.

Said (2011, p. 22) lembra que o Ocidente, “de uma maneira que surpreendeu, e muitas vezes alarmou, americanos e europeus metropolitanos”, enfrenta “grandes contingentes populacionais de imigrantes não brancos em seu próprio meio, e se defrontam com um rol impressionante de vozes recém-assumidas pedindo ouvidos para suas narrativas”.

Analisando a literatura, por exemplo, percebe-se uma influência dos refugiados nesse campo:

dessas interações sobrepostas, mas divergentes, estão começando a aparecer as novas leituras e conhecimentos. Basta pensar nas revoltas tremendamente vigorosas que ocorreram no final da década de 1980 – a derrubada de barreiras, as insurreições populares, o cruzamento de fronteiras, os problemas avultantes dos direitos dos imigrantes dos refugiados e das minorias no Ocidente – para ver como são obsoletas as velhas categorias, as separações rígidas, as autonomias confortáveis (SAID, 2011, p. 105).

Para Said (2011, p. 504), a colonização e os “grandes conflitos pós-coloniais e imperiais” foram responsáveis por “ter gerado mais refugiados, imigrantes, deslocados e exilados do que qualquer outro período da história”. Como consequência, a condição dessas pessoas, que “existem entre o velho e o novo, entre o velho império e o novo Estado, exemplifica “as tensões, irresoluções e contradições nos territórios sobrepostos mostrados no mapa cultural do imperialismo”.

Com o passar do tempo, a produção acadêmica sobre as possíveis conexões entre Orientalismo e refugiados, manifestadas de diversas formas, naturalmente acompanhou esse movimento de questionar as consequências nefastas do colonialismo no século atual, em especial no que concerne à crise de refugiados a partir de 2015.

Santos e Néia (2021) analisam o caso da novela brasileira *Órfãos da Terra*, de 2019, que conta a história de refugiados sírios no Brasil. De acordo com os autores, a “noção de Orientalismo” pode ser entendida como o

“acionamento de um repertório e de um vocabulário construídos pela consciência ocidental ao se referir a países e culturas do Oriente” (SANTOS; NÉIA, 2021, p. 1033), algo que costuma se fazer presente também em telenovelas. Eles argumentam que, em *Órfãos da Terra*, houve a construção do imigrante “descrito como ideal, próximo e não ameaçador” (SANTOS; NÉIA, 2021, p. 1047). Ele é estigmatizado, portanto, como esse “outro” sujeito submisso, a ser dominado e moldado pela cultura hospedeira.

Em livros, há situações similares, como em *O Caçador de Pipas*, uma obra do escritor afegão naturalizado americano Khaled Hosseini que também aborda a questão dos refugiados. Segundo Rasheed e Hamad (2021, p. 132), “a criação das identidades culturais afegãs tanto de Amir quanto de Assef é equivocada e problemática devido à forte dependência de estereótipos orientalistas”.

Embora os leitores de *O Caçador de Pipas*, de Khaled Hosseini, sejam levados a acreditar que [Amir e Assef] estão construindo uma ‘ponte de entendimento’ com cultura afegã, eles estão simplesmente se identificando com uma visão tradicional da relação Oriente-Occidente. Isso é auxiliado em parte pelo fato de as personagens ‘estrangeiras’ com as quais o leitor ocidental se identifica, apesar de sua origem, não serem realmente “estrangeiras”, elas foram concebidas para satisfazer as necessidades políticas e psicológicas ocidentais (RASHEED; HAMAD, 2021, p. 132).

*Eu venho de Aleppo: Itinerário de um refugiado*, a autobiografia do professor de francês e refugiado sírio Joude Jassouma, que narra a trajetória desde sua terra natal até a França, é um outro exemplo de obra literária com características do Orientalismo, como na frase “quero viver à francesa”, presente no último parágrafo do livro. Tendo o referido trecho como gancho, Souza (2018, p. 71) examina “excertos que apontam para a construção de um discurso de que o solo europeu é o lugar da liberdade, da civilização e da paz – a única saída para aqueles que já não podem mais sobreviver em seus espaços natais”.

Souza (2018, p. 71) recorre “não apenas para excertos que demonstram a vivência no refúgio após a chegada na Europa, como também [analisa] trechos que constroem, pouco a pouco, a sua aproximação com a França”. Em seu estudo, ela compreende “tal discurso como uma produção (neo)orientalista amparada na dicotomia Oriente *versus* Ocidente, ou outras oposições como guerra *versus* paz, opressão *versus* liberdade, barbárie *versus* civilização”.

Não é somente no âmbito cultural em que se nota a conexão entre

Orientalismo e refugiados. Na política, isso também fica evidente, como demonstra Venterink (2018), que investiga esse assunto no contexto holandês, mais especificamente nas discussões parlamentares a respeito da crise de refugiados após os ataques terroristas em Paris, na França, e Bruxelas, na Bélgica, em 2015 e 2016, respectivamente.

O autor sustenta que o Orientalismo aparece nessas discussões. Para ele, “a presença do Orientalismo nos debates políticos pode desempenhar um papel significativo na explicação da relutância da Europa em aceitar migrantes e refugiados” (VENTERINK, 2018, p. 51).

Por meio do enfoque na natureza supostamente violenta do islã, na ligação do islã aos refugiados e ao terrorismo e na criação de um conflito ideológico entre ‘nós’ e ‘eles’, a presença de pressupostos orientalistas contribuiu para a securitização da chamada crise de refugiados. Isso ocorre porque o foco no islã, na violência e na construção de um conflito ideológico entre o Ocidente e o Oriente são manifestados por meio de um discurso ameaçador, no qual a ‘nossa’ sociedade é contrastada com os perigosos ‘eles’, dos quais precisamos de ser protegidos. O foco no islã, na violência e na construção de um conflito ideológico entre o ‘nós europeu’ e o ‘eles islâmico’ ajudaram, além disso, a legitimar medidas de segurança extremas contra o terrorismo e a migração, que se tornaram cada vez mais interligadas (VENTERINK, 2018, p. 51).

Já Doboš (2020) investiga o que ele denomina de “Orientalismo inconsciente” no Facebook durante a crise migratória enfrentada pela Europa, com foco na realidade da República Tcheca. O pesquisador chama a atenção para o poder de “difusão do Facebook, a sua capacidade de ingressar em diversos grupos de discussão e a sua seleção algorítmica de quais postagens e comentários as pessoas veem preferencialmente” (DOBOŠ, 2020, p. 9).

Em outras palavras, é como se o Facebook contribuísse para a disseminação de um “Orientalismo inconsciente”, responsável por moldar as atitudes em razão do medo do Outro – nesse caso, o migrante ou refugiado. Apesar disso, na concepção de Doboš (2020, p. 9), a abordagem do referido conceito não pode ser vista como uma maneira de “culpar as pessoas pelas suas atitudes racistas e xenófobas conscientes, ou pela sua atitude malévola de falta de vontade de ajudar as pessoas necessitadas”.

### 1.1.2. Orientalismo na mídia

Logo no primeiro parágrafo de *Orientalismo*, após o Prólogo da edição de 2007, Said (2007, p. 27) faz referência ao jornalismo ao citar um texto de um jornalista francês que visitou o Líbano na segunda metade da década de 1970, durante a guerra civil deste país. Para o jornalista, uma determinada área deserta no centro de Beirute, a capital libanesa, já não era mais a que “outrora parecia pertencer [...] ao Oriente de Chateaubriand e Nerval”, em alusão aos escritores franceses.

Nas palavras de Said (2007, p. 27), comentando sobre o trecho em questão, “o Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias”. No entanto, “estava desaparecendo” e, “num certo sentido, já desaparecera, seu tempo havia passado”.

A mídia, de acordo com Said (2007, p. 58), contribuiu para reforçar “os estereótipos pelos quais o Oriente é visto”, sendo esse reforço “um aspecto do mundo eletrônico pós-moderno”. Para o autor, “a televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados”. Aqui a mídia aparece como um importante meio pelo qual se divulgam e se constroem imagens sobre os povos orientais influenciando e persuadindo a opinião pública dos países.

Um dos objetivos por trás da generalização do Oriente feita pela imprensa, ressalta Said (2007, p. 16), é “sacudir” o Ocidente “contra o diabo estrangeiro”, e o jornalismo ainda “se arroga o papel de fornecer supostos ‘especialistas’ que validem a linha geral do governo” (SAID, 2007, p. 23), como evidenciado pelo exemplo a seguir:

Em 1973, durante os dias da Guerra Árabe-Israelense de outubro, a *New York Times Magazine* encomendou dois artigos, um representando o lado israelense e o outro o lado árabe do conflito. O lado israelense foi apresentado por um advogado israelense; o lado árabe, por um antigo embaixador americano num país árabe, que não tinha treinamento formal em estudos orientais (SAID, 2007, p. 391).

Said (2007, p. 22) pontua que, com generalizações, como a “demonização

de um inimigo desconhecido” por meio do rótulo “terrorista”, as pessoas ficam “mobilizadas e enraivecidas”. Assim, “as imagens da mídia atraem atenção excessiva e podem ser exploradas em épocas de crise e insegurança”.

Em *Cultura e imperialismo*, Said (2011, p. 185) lista o jornalismo como um “meio persuasivo” mais eficiente a longo prazo do que a “dominação direta [...] pela força física” no processo de hegemonia ocidental. Nesta obra, o autor, que destaca a influência que o imperialismo dos meios de comunicação ocidentais tem no restante do mundo (SAID, 2011, p. 446), analisa especificamente a cobertura sobre a Primeira Guerra do Golfo, entre 1990 e 1991, quando o Iraque invadiu o Kuwait, este apoiado por uma coalizão liderada pelos Estados Unidos.

Nesse conflito, o governo americano não só enviou “uma enorme quantidade de soldados para o golfo árabe”, como também requisitou “a ajuda da mídia para executar a operação” (SAID, 2011, p. 495-496). Segundo Said (2011, p. 451), a mídia adotou “meio encabulada o modelo político do governo, mobilizando para o direito de guerra desde o início”.

Contudo, “o mais desanimador [...] foi ficar traficando um conhecimento ‘especializado’ sobre o Oriente Médio, supostamente bem-informado sobre os árabes”. O autor menciona algumas ideias gerais que chamaram sua atenção negativamente, como “os árabes só entendem a força; a brutalidade e a violência fazem parte da civilização árabe; o islã é uma religião intolerante, segregacionista, ‘medieval’, fanática, cruel, contra as mulheres” (SAID, 2011, p. 451-452). Vale enfatizar que, na visão do autor, há “imagens fomentadas pela mídia” capazes de provocar “uma violência administrada e uma xenofobia raivosa” (SAID, 2011, p. 499-500).

Em *Covering Islam*, o autor, que antes tinha o Orientalismo na literatura como objeto principal de seu estudo, direciona sua atenção ao jornalismo, de uma forma geral, e à cobertura sobre o islã e a crise dos reféns americanos no Irã, entre 1979 e 1981, de formas específicas. Mais uma vez, Said (1997, p. XVII-XVII) ressalta o poder das generalizações. Ele argumenta que os textos de jornalistas tendem a usar termos “extravagantes”, como “fundamentalismo”, uma palavra que já está “quase automaticamente associada ao islã” e “desperta sentimentos alarmantes e consternantes” nos leitores, ao passo que a religião, em razão de uma cobertura conforme o “pensamento orientalista e os estereótipos da mídia”, aparece já “acusada e condenada”.

Para Said (1997, p. XXIX), o mesmo se verifica “na vaga aplicação da palavra ‘terrorismo’”. Dessa forma, o islã, no Ocidente, carrega um significado de “notícias traumáticas”, com clichês e expressões etnocentristas, hostilidade e ódio cultural e racial (SAID, 1997, p. L-LI). Logo, o ideal seria eliminar generalizações ofensivas de rótulos como ‘o muçulmano’, ‘o persa’, ‘o turco’, ‘o árabe’ e até mesmo “o ocidental” (SAID, 1997, p. LXIX).

De acordo com Said (1997, p. 28), “as caricaturas do mundo islâmico são apresentadas de tal forma para, entre outras coisas, tornar este mundo mais vulnerável à agressão militar”. Porém, o autor faz um alerta que é relevante para se ter em mente no que concerne ao modo como a imprensa opera:

É importante dizer que, mesmo nos jornais, no rádio e na televisão, há uma série de variações a serem observadas, como entre uma linha editorial e outra, ou entre diferentes pontos de vista de ‘artigos de opinião’, ou entre opiniões alternativas ou imagens contraculturais e convencionais. Em suma, não vivemos à mercê de um aparelho de propaganda centralizado, embora grande parte do que é realmente propaganda seja produzida pelos meios de comunicação e até por acadêmicos respeitáveis. No entanto, apesar da variedade e das diferenças, e por mais que proclamemos o contrário, o que a mídia produz não é nem espontâneo nem completamente ‘livre’: as ‘notícias’ não acontecem simplesmente, as imagens e as ideias não brotam meramente da realidade para os nossos olhos e mentes, a verdade não está diretamente disponível, não temos uma variedade desenfreada à nossa disposição (SAID, 1997, p. 48).

Trivundža (2019, p. 4) alega que, apesar de *Covering Islam* ter sido originalmente publicado em 1981 e do “consenso geral de que existe um discurso negativo e orientalista na mídia”, a pesquisa a respeito do Orientalismo é muito mais frequente no âmbito dos “estudos culturais” do que nos “estudos do jornalismo”. Em relação ao Brasil, diferentemente desta dissertação, o que se verifica é uma preferência por investigar o Orientalismo na cobertura sobre assuntos internacionais por parte veículos de comunicação brasileiros em vez de estrangeiros.

Por exemplo, Castro (2007) mostra como os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo representaram árabes e muçulmanos antes e depois dos atentados de 11 de setembro de 2001. Segundo a autora, “foram disseminados conceitos orientalistas, estereótipos e estigmas” (CASTRO, 2007, p. 153).

Pereira (2021) também estuda a representação do Oriente Médio na Folha de S. Paulo e, desta vez, inclui o jornal O Globo. De acordo com ela, no

período analisado – os cinco primeiros meses de 2018 –, identificou-se “uma visão orientalista baseada no conflito, no fanatismo religioso e no terrorismo para uma vinculada à ocidentalização” (PEREIRA, 2021, p. 124).

Já Silva e Silveira (2012) investigam o Orientalismo exclusivamente na Folha de S. Paulo ao longo da Primavera Árabe no Egito, em 2011. Os dois sustentam que “a ideia de um Oriente inferior é bastante comum” e que houve “uma visão generalizante”, ou seja, “não se trata de um grupo terrorista, mas do terrorismo islâmico” (SILVA; SILVEIRA, 2012, p. 13).

Por sua vez, Miguel (2015) aborda a cobertura sobre a Primavera Árabe nos três principais jornais impressos brasileiros, isto é, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo. Conforme encontrado por ela, em todos os casos, “o Orientalismo ocorreu por meio da repetição de imagens genéricas e pejorativas acerca do povo árabe”. Além disso, “enquadramentos negativos” que eram mais comuns no passado, como “terrorismo extremista”, foram substituídos por “outros mais sutis”, a exemplo de “islamismo antidemocrático” (MIGUEL, 2015, p. 92).

O trabalho de Araujo (2013), por outro lado, se concentra no Orientalismo em revistas semanais ao longo do ano de 2011, sendo que as escolhidas para estudo foram Veja, IstoÉ e CartaCapital. O autor foi capaz de notar três casos do que chamou de formações discursivas. Primeiro, “o Islã Insano”, a ideia “de que o Islã em geral, e o fundamentalismo islâmico em particular, devem ser compreendido em termos de cognição e de saúde mental”. Em segundo lugar, o “Islã Cismático”, a ideia “de que o Islã é uma religião cismática”. Finalmente, o “Oriente Imutável”, a ideia “de que o mundo árabe e islâmico tem uma essência imutável, que se mantém desde a Idade Média e mesmo períodos anteriores, caracterizada por autoritarismo, violência, crueldade, fanatismo e malícia” (ARAUJO, 2013, p. 98).

Com outro enfoque, Demichelli (2018) estuda o papel do jornal americano *The New York Times* na construção da hegemonia dos Estados Unidos no contexto da guerra da Síria. Com base em conceitos como o Orientalismo, ele conclui que o referido veículo de comunicação reflete o expansionismo dos EUA, “tornando-se, em certa medida, um agente, independente do conflito, da guerra ou do inimigo, nacional ou internacional” (DEMICHELLI, 2018, p. 171).

Há outros trabalhos que relacionam o Orientalismo com jornais de fora do

Brasil, em especial a BBC e a Al Jazeera, que são as mídias estudadas por esta pesquisa, mas eles serão abordados no próximo capítulo.

Entende-se, aqui, que entender o Orientalismo como fenômeno social e político da mídia não apenas aponta para a importante agência assumida pelos meios de comunicação na política internacional no presente - a mídia como um ator das relações internacionais -, como implica também reconhecer as distintas formas da contribuição da mídia para o que se conhece como diplomacia pública. Esta veicula certas visões de mundo e serve a interesses de governos e sociedades de países mais poderosos em detrimento daqueles reconhecidos como inimigos, ameaças e competidores.

Assim, a mídia atua como um poderoso meio através do qual discursos são veiculados intencionalmente e imagens são construídas coletivamente, e o Orientalismo tem sido, ainda, uma importante forma de interpretar os “outros” estrangeiros e refugiados.

### **1.1.3. Orientalismo no pós-11 de setembro**

Said faleceu em setembro de 2003, apenas dois anos depois dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, realizados pela Al Qaeda contra alvos nos Estados Unidos. Silva (2013, p. 72) sustenta que a cobertura midiática desses atentados “levou parcela da população ocidental a se alimentar de fontes orientalistas”, como, por exemplo, “explicações superficiais” sobre “incidentes que envolvem povos islâmicos e não islâmicos”.

O autor argumenta que, após o 11 de setembro, o Orientalismo se fortaleceu (SILVA, 2013, p. 62). De fato, mesmo tendo vivido pouco desde esse momento, o próprio Said (2001), em artigo reproduzido pelo jornal Folha de S. Paulo, cerca de um mês depois dos ataques, reconheceu que o “paradigma básico do Ocidente *versus* o resto do mundo”, já consolidado anteriormente, continuou, “de maneira muitas vezes insidiosa e implícita, nas discussões tidas desde de 11 de setembro”.

De acordo com ele, em uma crítica à ideia do choque de civilizações, difundida a partir de 1993 pelo orientalista americano Samuel Huntington, segundo o qual a cultura é o que divide a humanidade e os principais conflitos posteriores à Guerra Fria poderiam ser resumidos entre países e grupos de

diferentes civilizações, o 11 de setembro teria servido para comprovar esse pensamento (SAID, 2001).

O massacre cuidadosamente planejado e o atentado suicida horrendo e patologicamente motivado cometidos por um pequeno grupo de militantes de mente perturbada foram transformados em provas da tese de Huntington. Em lugar de enxergá-lo como o que foi, a apropriação de grandes idéias (estou usando o termo 'grande' em um sentido amplo) por um minúsculo bando de fanáticos loucos, para finalidades criminosas, luminares internacionais, da ex-premiê paquistanesa Benazir Bhutto até o primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, ponderaram publicamente sobre os problemas do islã, e, no caso do último, usaram as teses de Huntington para fazer arengas sobre a superioridade do Ocidente, sobre como 'nós' temos Mozart e Michelangelo, enquanto 'eles', não (SAID, 2001).

Outro autor frequentemente criticado por Said ao longo de sua obra é o orientalista britânico Bernard Lewis. Ao evidenciar práticas orientalistas no pós-11 de setembro, Silva (2013, p. 62) lista livros de Lewis que foram publicados ou tiveram uma nova edição entre 2001 e 2003. Para ele, isso sugere uma “resposta imediata” ao acontecimento em questão, um tipo de literatura “que oferece resposta às questões mais imediatas, consolida caricaturas que cintilam no imaginário ocidental”.

O período entre o 11 de setembro e a Primavera Árabe, que se iniciou no final de 2010, pode ser classificado como pós-orientalismo por ter cristalizado “o momento de uma mudança epistêmica, ou a virada discursiva, que permitiu uma narrativa com novas possibilidades temáticas e teóricas sobre a relação Ocidente e Oriente”. Trata-se de um “entremeio em que as antigas ideias já não parecem ter a mesma força, visto que já cumpriram sua função delimitada na história, e, ao mesmo tempo, o posterior ainda não está consolidado” (DABASHI, 2017 *apud* SOUZA, 2018, p. 34).

O pós-orientalismo, dessa forma, “possibilita o surgimento de novas perspectivas de produção do conhecimento”, segundo Souza (2018), como o que se vê na indústria cultural e nos chamados *think tanks*. Estes últimos exercem “importante papel na dispersão de enunciados que reproduzem o discurso da supremacia ocidental”. Além disso, na academia, também “é possível perceber a reprodução de uma visão binária que aborda a relação Ocidente e Oriente como naturalmente antagônica” (SOUZA, 2018, p. 34-35). Vale enfatizar que

algumas dessas produções alcançam sucesso não apenas no meio acadêmico, como também nas mídias populares que buscam um embasamento teórico para muitas de suas explicações acerca de conflitos internos no Oriente Médio ou nos momentos em que este se torna uma ameaça à hegemonia do Ocidente (SOUZA, 2018, p. 35).

Ademais, surgiu, na contemporaneidade, mais um termo: o (neo)orientalismo, que tem sido “utilizado para categorizar produções literárias emergentes deste momento de entremeio” (BASTOS, 2016 *apud* SOUZA, 2018, p. 36). No (neo)orientalismo, “o Oriente e o oriental estão cada vez mais no Ocidente, seja como migrantes, seja como a figura imaginativa (ou real) do muçulmano terrorista”, enquanto no Orientalismo “Oriente é uma entidade distante”. Uma outra distinção relevante é o fato de que, no (neo)orientalismo, “ainda que persista na academia, o principal espaço de circulação são as mídias de amplo acesso e a indústria cultural: cinema, telejornais, jornais impressos e eletrônicos, literatura de massa” (SOUZA, 2018, p. 43-44).

Por fim, relacionando o Orientalismo com a cobertura midiática nos Estados Unidos sobre os ataques de 11 de setembro de 2001, Abrahamian (2003, p. 538) afirma que tal episódio deixou duas marcas, uma social e outra intelectual. A primeira diz respeito à reação nos EUA contra a comunidade muçulmana. A mídia americana enquadrou “a crise no contexto do islã”. Ao fazê-lo, “tornou todos os muçulmanos suspeitos”.

A segunda, porém, é “mais perturbadora”. Ela diz respeito ao “triunfo” das ideias de Huntington, combatidas por Said, conforme discutimos anteriormente. Isso surpreende os estudiosos já que essas ideias prosperaram em um contexto de “uma sociedade plural com uma aparente mídia livre”. Na prática, os especialistas convidados por veículos de comunicação “que não explicaram a crise no contexto do islã e, em vez disso, fizeram perguntas embaraçosas, foram postos de lado”. Assim, o campo ficou “aberto aos chamados especialistas em ‘terrorismo’, ‘extremismo religioso’ e ‘fundamentalismo islâmico’” (ABRAHAMIAN, 2003, p. 539).

No cenário contemporâneo, portanto, o Orientalismo tem sido rediscutido em função de novos eventos políticos internacionais e das prioridades políticas estabelecidas por países centrais na geopolítica global. A emergência de um “pós-orientalismo” e de um “(neo)orientalismo” denotam a importância da obra

de Said para interpretar os fenômenos recentes. O fato de haver uma mídia hegemônica proveniente do Ocidente, também, mostra um forte viés na cobertura midiática de crises, como a de refugiados sírios em 2015, e sua importante atuação na constituição das políticas externas dos países.

## **1.2. O caminho da pesquisa: considerações metodológicas**

O caminho a ser seguido pela pesquisa adota a abordagem qualitativa com a combinação dos métodos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e da pesquisa comparada (RAGIN, 2007). Considerando nosso interesse em discutir a atualidade da obra de Said (2007), que trata do Oriente como uma invenção do Ocidente, no cenário político internacional, apresentado como marco teórico, a pesquisa comparada dois casos paradigmáticos – a cobertura midiática da BBC e da Al Jazeera - sobre a crise de refugiados sírios de 2015 como evento selecionado. Segundo Coller (2000, p.42), os casos paradigmáticos ou exemplares foram escolhidos como casos analíticos, que, diferentemente dos casos exploratórios, permitem

estudiar el funcionamiento de un fenómeno o de una relación entre fenómenos. Suelen disponer de un aparato teórico que encuadra el caso y le dota de significado y relevancia. En ocasiones se elaboran unas hipótesis que se comprueban luego en el caso que se quiera estudiar. El caso analítico no trata sólo de detectar y describir un fenómeno, sino que va más allá buscando sus causas, sus correlatos, y sus efectos. Puede tener como objetivo rellenar un vacío teórico. Este tipo de casos suele ser de naturaleza ejemplar ya que con su uso se intenta ilustrar una teoría previa o el funcionamiento inesperado de un fenómeno.

### **1.2.1. O estudo de casos em perspectiva comparada**

Na Ciência Política, o método comparado, de acordo com Gonzalez (2008, p. 2), “remonta ao trabalho de Aristóteles e seu elenco das formas de governo”. Essa prática, então, se desenvolve até chegar à “produção moderna de instituições comparadas, largamente influenciada pelo campo do Direito”, que faz “a caracterização das instituições políticas de vários países, colocando-as lado a lado dentro do mesmo texto”.

A partir da metade do século XX, em um contexto de pós-Segunda Guerra

Mundial,

A conjuntura internacional provocou a necessidade, principalmente dos Estados Unidos, de conhecer melhor a política de outros países. As análises de comparação institucional normalmente preocupavam-se com o estudo dos Estados Unidos e alguns países da Europa Ocidental, principalmente França, Alemanha e Reino Unido. Os estudos preocupavam-se com a política formal – partidos, parlamentos, gabinetes, etc. (GONZALEZ, 2008, p. 3).

Como consequência dessa necessidade americana, passou a existir um “financiamento abundante para as pesquisas feitas no exterior”. No entanto, é importante dizer que esses estudos apresentavam uma “insuficiência conceitual” para retratar a realidade de países de regiões do chamado mundo não ocidental, isto é, América Latina, África e Ásia (GONZALEZ, 2008, p. 3).

Ao longo do tempo, segundo Gonzales (2008, p. 3), “os estudos de governos comparados foram substituídos por outras metodologias”. Na prática, “a comparação passou a ser abordada, por diversos autores, como um método ao lado de outros”.

Dito isto, embora sejam parecidos, o método comparativo e a política comparada não são necessariamente sinônimos. Gonzalez (2008, p. 10) argumenta que “a visão da política comparada, tendo como objeto o que se encontra ‘*abroad*’, foi substituída pela concepção de método comparativo”. Em outras palavras, “a política comparada deixa de ser identificada pelo seu objeto, mas sim pelo seu método”.

Considerado uma das “principais estratégias metodológicas” nas Ciências Sociais (NEGRI, 2011, p 3), o método comparado possui três dimensões, que estão interligadas. A primeira diz respeito à “escolha da comparação por casos mais semelhantes ou por casos mais diferentes entre si”, enquanto a segunda “se refere mais diretamente aos casos selecionados e às circunstâncias de comparação”, e a terceira, por seu turno, “remete à escolha da quantidade de casos e à extensão temporal do estudo” (NEGRI, 2011, p.13).

Nesta dissertação, será aplicado, conforme Ragin (2007, p. 177), o método comparado para estudar a diversidade da manifestação do fenômeno, isto é, o Orientalismo na cobertura midiática da crise de refugiados de 2015. Os contrastes entre os casos selecionados - um veículo do Ocidente e outro do Oriente - são esperados para examinar e explicitar as diferenças entre esses

casos. Sobre isso, o autor argumenta que, entre os diversos métodos comparativos existentes, a especificidade do enfoque comparativo é mais evidente naqueles estudos que se concentram na diversidade (RAGIN, 2007, p. 177). Para ele,

a ênfase da investigação comparativa na diversidade (especialmente nos diferentes padrões que podem existir dentro de um conjunto específico de casos) e na familiaridade com cada caso faz com que esse enfoque seja especialmente adequado para os fins de explorar a diversidade, interpretar a relevância cultural ou histórica de um feito e desenvolver a teoria (RAGIN, 2007, p. 181).

Negri (2011, p. 2) reconhece que comparações exigem “a justaposição de semelhanças e diferenças”, mas pontua que “é possível orientar o desenho de pesquisa pela escolha dos casos por proximidade ou distância em relação às suas características sensíveis”, ou seja, semelhança ou contraste.

Ragin (2007, p. 189) explica que “o enfoque comparativo pode se aplicar a muitas classes diferentes de casos”, sendo “importante que os casos selecionados sejam comparáveis”. Ele usa o exemplo de países como um tipo de classe, mas, aqui, isso corresponde a veículos de comunicação – e as diferentes coberturas que fizeram acerca do mesmo assunto.

Logo, seguindo a formulação de Negri (2011, p. 8) a respeito das dimensões de comparação, a comparação nesta pesquisa será sincrônica – “situada em um único e determinado contexto histórico” – e intrassistêmica – “entre as características de um fenômeno dentro de um único sistema”. O sistema focalizado pela pesquisa é o sistema político internacional em cujo contexto está o fenômeno das migrações de refugiados de um local (a Síria) para outro (a Europa) provocado por crises desse sistema assimétrico e hegemônico caracterizado por uma hierarquia de poderes de Estados nacionais.

Também convém reforçar que o marco analítico a ser empregado é o Orientalismo, já que “os investigadores comparativos [...] usam marcos analíticos que os ajudam a dar sentido a suas categorias e revisam seus marcos em função em função da examinação das provas empíricas” (RAGIN, 2007, p. 188).

De acordo com Negri (2011, p. 2), a empiria pode facilitar “as opções que se seguem à delimitação teórica, construção de objeto e formulação de problema de pesquisa”. Contudo, ressalta-se que, nesta pesquisa, a empiria surgiu antes

da definição do marco teórico, ou seja, nosso interesse pela identificação pelas diferentes formas da mídia de retratar o refugiado sírio nos levou à discussão da contemporaneidade do Orientalismo. Ragin (2007, p. 188), inclusive, assinala que, em geral, quem utiliza o método comparado já inicia a pesquisa “com um conjunto específico de casos em mente”.

### **1.2.2. Análise de conteúdo**

A análise de conteúdo, segundo Bardin (1997, p.42), pode ser resumida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, que, por meio de “procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, busca chegar a “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

A autora, tida como uma das principais referências nesse método, complementa a explicação acerca da análise de conteúdo e pontua que a ela pertencem

todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação [...]. Esta abordagem tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referente à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens) (BARDIN, 1977, p. 42).

Com a análise de conteúdo, o analista “possui à sua disposição (ou cria) todo um jogo de operações analíticas, mais ou menos adaptadas à natureza do material e à questão que procura resolver”. Acima de tudo, “qualquer análise objetiva procura fundamentar impressões e juízos intuitivos, através de operações conducentes a resultados de confiança” (BARDIN, 1977, p. 42-43).

Para analisar as coberturas de BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados de 2015, escolheu-se esse método por ele ser “a técnica mais difundida para investigar o conteúdo das comunicações de massa, mediante a classificação, em categorias, dos elementos da comunicação” (ANDER-EGG, 1978, p. 198 apud MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 129).

Vale destacar que a análise de conteúdo, além de ser um método de análise de dados, também “é uma técnica que visa aos produtos da ação humana, estando voltada para o estudo das ideias e não das palavras em si” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 129) e que ela pode ser aplicada em uma pesquisa quali-quantitativa, ou seja, “usando a abordagem qualitativa, mas com o emprego de dados estatísticos”, conforme explicam Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 100).

De acordo com Bardin (1977, p. 95), a análise de conteúdo possui diferentes fases, que se organizam “em torno de três polos cronológicos”. São elas: (i) a pré-análise; (ii) a exploração do material; e (iii) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. É importante frisar que, nesta dissertação, seguiu-se as três fases na ordem em que foram mencionadas.

Na primeira fase, denominada “pré-análise”, geralmente estão incluídas “três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise (*corpus*), a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI, 2021, p. 104).

Na missão referente à escolha dos documentos, o analista deve ler “todos os materiais e analisar para decidir quais deles, efetivamente, estão de acordo com os objetivos da pesquisa”, sendo que “nem todos os documentos selecionados inicialmente farão parte da amostra” (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI, 2021, p. 105).

Como vimos na Introdução, serão analisadas, neste trabalho, 34 matérias da Al Jazeera e 15 da BBC, totalizando 49. Trata-se, portanto, do *corpus* da pesquisa, ou material empírico. A princípio, a ideia era analisar 151 matérias, publicadas durante três meses, mas buscou-se restringir o marco temporal a somente um mês – setembro de 2015 –, e considerando conteúdos baseados em texto<sup>5</sup> – eliminando, portanto, conteúdos baseados em vídeo ou foto.

Quanto à elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação

---

<sup>5</sup> Não foram considerados três conteúdos da BBC baseados em texto escrito. Eles eram uma espécie de resumo do dia e tratavam de diversas notícias ao mesmo tempo, geralmente com apenas um parágrafo, meramente factual e sem profundidade, semelhante a um fio na rede social X, anteriormente chamada de Twitter.

final, pensamos as categorias analíticas propostas para as análises em diálogo com o marco teórico. Consideram-se “os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, então, o trabalho preparatório será o da escolha destes [...] e sua organização sistemática em indicadores”, levando em conta a hipótese, que já foi apresentada na Introdução, bem como os objetivos (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI, 2021, p. 105).

Já a segunda fase, chamada de “exploração do material”, nas palavras de Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 105), consiste no “momento de tratar o material coletado na fase anterior, transformando-o em dados passíveis de serem analisados, através de operações de codificação”, que, por sua vez, “implica o estabelecimento de um código que possibilite identificar rapidamente cada elemento da amostra recortada para a pesquisa”, podendo ser “constituído de números e/ou letras ou qualquer outra forma de representação que o analista quiser criar em seu referencial de codificação”.

Na terceira e última fase, “o processo de análise do material pesquisado resulta na enumeração e na sistematização das características de seus elementos”. Depois, como o próprio nome desta fase sugere – “o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” –, é chegada a “hora de interpretar, ou seja, conceder significação nova a estas características” (CARDOSO; OLIVEIRA; GHELLI, 2021, p. 109).

Finalmente, Cardoso, Oliveira e Ghelli (2021, p. 109) também afirmam que “como resultado do processo de descrição é produzido um texto síntese para cada uma das categorias, de modo a expressar o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise”. O quadro a seguir mostra as categorias utilizadas nesta dissertação.

**Quadro 1** – Categorias da análise de conteúdo

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Autoria	Se a matéria tem identificação nominal na autoria, mesmo que apenas em algum trecho do texto (1A), não tem identificação nominal, mas diz ter usado conteúdo de agência de notícia (2A) ou não tem identificação nominal, nem diz ter usado conteúdo de agência de notícia (3A)

Formato	Se o texto é um artigo de opinião (1B), uma reportagem (2B) ou uma notícia factual (3B)
Fonte	Se a matéria tem os próprios refugiados como fonte de informação (1C), de forma a dar voz a eles, se são usados outros tipos de fontes para retratar o assunto, como a governamental, ou uma análise do próprio autor, em caso de artigo de opinião (2C), ou se há uma mescla de fontes (3C)
Posicionamento	Se a matéria adota um posicionamento a favor do acolhimento aos refugiados (1D), contrário (2D) ou se isso não está explícito (3D)
Inferiorização	Se, em algum momento, os refugiados ou sua origem são tratados como inferiores aos europeus (1E) ou não (2E)
Impacto	Se o texto trata dos impactos da crise dos refugiados na política (1F), na percepção da sociedade (2F) ou em ambas as áreas (3F)
Tipo de Orientalismo	Se a matéria apresenta características do Orientalismo de forma deliberada (1G) ou de forma não intencional/estrutural (2G); ou se não apresenta característica alguma do Orientalismo (3G); ou se, além de não apresentar característica alguma, adota uma postura crítica em relação ao Orientalismo, eventualmente apresentando alternativas a ele (4G)
Perspectiva	Se a matéria retrata mais o drama dos refugiados (1H), de quem os recebe (2H), de ambos (3H) e ou de nenhum (4H)

**Fonte:** elaboração do autor

A primeira categoria (“Autoria”) serve para verificar se foram utilizados mais conteúdos próprios ou de agências de notícias, sendo as ocidentais as principais. O foco de interesse, aqui, é a situação da Al Jazeera, por esta não estar no Ocidente, contribuindo para a discussão sobre se o veículo em questão, sendo baseado no Oriente Médio, se apresenta como uma alternativa à mídia ocidental no que diz respeito ao Orientalismo, isto é, se sua narrativa pode ser vista como antiorientalista, ou se, mesmo com um jornalismo feito a partir do chamado mundo árabe, adota posicionamentos parecidos com veículos do

Ocidente.

A segunda categoria (“Formato”) ilustra um interesse mais do ponto de vista jornalístico, no sentido de identificar se as coberturas terem se aprofundado mais nos assuntos, como ocorre com reportagens e artigos de opinião, ou se foram mais superficiais, como geralmente ocorre com notícias factuais.

A terceira categoria (“Fonte”) também tem uma preocupação jornalística sob a ótica de mostrar por meio de quais fontes de informação as matérias foram construídas. Ao mesmo tempo, dialoga com o objetivo geral da pesquisa, de identificar se a como as coberturas de BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015 promovem o Orientalismo de tal forma que eles pareçam inferiores aos europeus, considerando que, se os próprios refugiados são mais usados como fonte, as chances de haver Orientalismo são reduzidas. Por outro lado, se as fontes são mais representantes de governos ocidentais, por exemplo, as chances aumentam.

A quarta categoria (“Posicionamento”) está relacionada com o segundo objetivo específico, isto é, examinar a mídia, representada por BBC e Al Jazeera, como instrumentos de diplomacia pública dos países e atores relevantes da política internacional. Sabendo que ambas estão ligadas aos governos de Reino Unido e Catar, respectivamente, é importante observar e identificar como se deu suas coberturas sobre a crise de refugiados de 2015, se elas tiveram um posicionamento mais a favor ou contrário à acolhida dos mesmos.

A quinta (“Inferiorização”) e a sétima categoria (“Tipo de Orientalismo”) estão diretamente ligadas ao objetivo geral e à pergunta de pesquisa, ou seja, as categorias mais substantivas da pesquisa. Ressaltamos que, apesar de semelhantes, ambas não necessariamente se confundem, já que, como se vê mais adiante, pode-se ser orientalista sem haver inferiorização, sendo esta apenas uma das características possíveis.

Essas duas categorias, aliadas à sexta (“Impacto”), proporcionam ainda mais subsídios para um melhor entendimento da manifestação contemporânea do Orientalismo no contexto da crise de refugiados sírios de 2015. Quando falamos em verificar se as matérias apresentam ou não alguma característica que possa ser identificada como a uma manifestação do Orientalismo, convém ressaltar, fazemos referência a questões como generalização e inferiorização.

Finalmente, a oitava e última categoria (“Perspectiva”) tem como

finalidade buscar compreender os pontos de vista de cada um dos veículos analisados, dialogando com o segundo e o terceiro objetivos específicos, que são os seguintes: examinar a atuação da BBC e da Al Jazeera, baseadas no Oriente Médio e na Europa, respectivamente, enquanto veículos midiáticos que potencialmente servem a determinadas visões de mundo como instrumento da diplomacia pública; e explicar a crise de refugiados sírios de 2015 como um evento significativo da expressão atualizada do Orientalismo, no qual os refugiados são vistos como as vítimas, e os europeus, como os salvadores.

Cabe mencionar que a disposição das categorias não obedece a uma ordem de importância. Colocamos dessa maneira conforme as necessidades foram se apresentando ao longo da pesquisa.

### **1.3. Considerações parciais**

Neste capítulo, vimos, em um primeiro lugar, o conceito de Orientalismo, cuja essência, segundo Said (2007, p. 75), “é a distinção indelével entre a superioridade ocidental e a inferioridade oriental”. Para o autor, “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa” (SAID, 2007, p. 32). Podemos, então, entender o Orientalismo como uma forma de representação do Oriente por parte do Ocidente, colocando o primeiro em uma posição inferior ao segundo e utilizando generalizações e estereótipos com o objetivo de criar uma relação de dominação.

Após seções focadas em mostrar as conexões do Orientalismo com os refugiados e a mídia, a atenção se voltou para as práticas orientalistas na contemporaneidade, principalmente a partir dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001. Contribuíram com essa discussão os termos pós-orientalismo, entendido como “o momento de uma mudança epistêmica, ou a virada discursiva, que permitiu uma narrativa com novas possibilidades temáticas e teóricas sobre a relação Ocidente e Oriente” (DABASHI, 2017 apud SOUZA, 2018, p. 34), e (neo)orientalismo, quando “o Oriente e o oriental estão cada vez mais no Ocidente, seja como migrantes, seja como a figura imaginativa (ou real) do muçulmano terrorista” (SOUZA, 2018, p. 43).

Em segundo lugar, explicamos o caminho que seguiu essa pesquisa. O

método comparado, tido como uma das “principais estratégias metodológicas” nas Ciências Sociais (NEGRI, 2011, p 3) explicita a necessidade dessa pesquisa de contrastar duas diferentes coberturas midiáticas, provenientes do Ocidente e do Oriente para identificação da manifestação do Orientalismo. O método comparado a ser aplicado nesta dissertação para analisar as 49 matérias selecionadas, sendo 34 da Al Jazeera e 15 da BBC, é o que busca estudar a diversidade, ou contrastes, e examinar as diferenças. Conforme Ragin (2007, p. 177), entre os diversos métodos comparativos existentes, a especificidade do enfoque comparativo é mais evidente naqueles estudos que se concentram na diversidade.

E a análise de conteúdo, como o método escolhido para examinar as coberturas de BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados de 2015. Trata-se da “ técnica mais difundida para investigar o conteúdo das comunicações de massa, mediante a classificação, em categorias, dos elementos da comunicação” (ANDER-EGG, 1978, p. 198 apud MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 129). A análise de conteúdo empregada nesta pesquisa obedece às fases propostas por Bardin (1977), quando propomos para a fase do tratamento dos resultados, inferência e interpretação sete categorias estabelecidas de acordo com a necessidade da pesquisa: autoria; formato; fonte; posicionamento; inferiorização; impacto, tipo de Orientalismo; e perspectiva.



## CAPÍTULO 2

### BBC E AL JAZEERA: A MÍDIA COMO ATOR INTERNACIONAL

Este capítulo é dividido em quatro partes. A primeira se dedica, inicialmente, a elucidar as **dinâmicas** do jornalismo internacional e, posteriormente, se concentra no uso da mídia como uma ferramenta de diplomacia pública e *soft power* por parte dos países. Já as segunda e terceira partes servem, respectivamente, para explicar o que são a BBC e a Al Jazeera, que estão localizadas, respectivamente, na Europa e no Oriente Médio, as duas regiões envolvidas na crise de refugiados estudada nesta dissertação. Cada uma dessas duas últimas partes terá um subtópico para tratar do Orientalismo nos referidos veículos de comunicação. Ao final, há uma parte dedicada às conclusões parciais. Vale destacar que especialmente os tópicos sobre jornalismo internacional, *soft power* e a Al Jazeera já fizeram parte de pesquisas anteriores de nossa autoria (MARIANO, 2020).

#### 2.1. As relações do jornalismo internacional com a política internacional

Considerando o jornalismo internacional como uma especialidade dentro do jornalismo, assim como existem o jornalismo esportivo, econômico e cultural, entre outros, poderia-se pensar que, naturalmente, a prática de produzir conteúdo sobre assuntos internacionais na imprensa surgiu depois da imprensa como um todo.

Uma outra característica que serviria de argumento para se imaginar que as primeiras práticas jornalísticas foram locais e não internacionais é o fato de que, no passado, a infraestrutura de comunicação era mais precária, dificultando a circulação de informação proveniente de outros lugares, conforme aponta Natali (2018, p. 23).

O autor, contudo, afirma que o jornalismo, na verdade, já nasceu internacional por meio da “coleta e difusão de notícias produzidas em terras distantes”. De acordo com ele, na primeira metade dos anos 1600, época em que surgiram os primeiros veículos de comunicação, “jornais baseados em informações econômicas e políticas de terras estrangeiras já circulavam na Suíça, Áustria, Hungria, Inglaterra e França” (NATALI, 2018, p. 23).

Para Aguiar (2008, p. 17), a definição de jornalismo internacional é relativa. Isso porque o que é internacional para um determinado público não necessariamente é para todos. No jornalismo internacional, diferentemente do que ocorre em outras áreas do jornalismo, o objeto de interesse varia conforme “a procedência nacional do repórter que apura e com a localização (física; geográfica) do veículo ao qual a matéria se destina”.

Portanto, “o que for exterior para uns não o será para outros; e o assunto que é ‘doméstico’ para um país é ‘internacional’ para todos os demais”. Tomando como exemplo a BBC, trata-se de um veículo relacionado ao jornalismo internacional sob a ótica brasileira. Porém, para os britânicos, é um veículo nacional. Da mesma forma, a crise de refugiados na Alemanha, para citar apenas um dos países mais impactados, é um assunto principalmente doméstico para o público alemão – embora tenha origem no exterior –, e internacional para o brasileiro.

As agências internacionais constituem um elemento indispensável do jornalismo internacional, para o bem e para o mal. Elas são “especializadas em coletar informações de interesse jornalístico dispersas, formatá-las como notícia e redistribuí-las para assinantes” (AGUIAR, 2008, p.22. Na prática, outros veículos de comunicação assinam os serviços de uma agência de notícias, que têm “repórteres-correspondentes espalhados por praticamente todo o mundo”, e adquirem o direito de reproduzir seus conteúdos, barateando o custo de manter profissionais no exterior (AGUIAR, 2008, p. 22).

Por outro lado, na concepção de Aguiar (2008, p. 27), as agências de notícias adotam um sistema fordista de “homogeneizar quaisquer informações para todo o mundo, em vez de adequá-las [...] à imprensa local”. O resultado é a origem da informação ser quase sempre a mesma. Por terem um público amplo, as agências são generalistas. Logo, não dão destaque a um ponto que seria do interesse do brasileiro, por exemplo, e contam a história a partir de suas próprias visões de mundo.

Isso pode se tornar problemático quando se percebe que as principais agências de notícias são a *Reuters*, do Reino Unido, a *Associated Press* (AP), dos Estados Unidos, e a *Agence France-Presse* (AFP), da França. Nas palavras de Natali (2018, p. 32), “a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores”. O argumento do autor é uma lembrança da menor

relevância das agências de notícias de países que perderam a Segunda Guerra Mundial, como a *Deutsche Presse-Agentur* (DPA), da Alemanha, e *Agenzia Nazionale Stampa Associata* (ANSA), da Itália. As de países não ocidentais, como a russa *Sputnik* e a chinesa *Xinhua*, estão ainda mais atrás neste mercado.

### 2.1.1. Diplomacia pública

A diplomacia pública é definida por Gilboa (2001, p. 4) como o momento em que “atores estatais e não estatais usam a mídia e outros canais de comunicação para influenciar a opinião pública em sociedades estrangeiras”. A Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética ilustra esse caso, com os americanos usando a *Voice of America*, a *Radio Liberty* e a *Radio Free Liberty*, e os soviéticos, a *Radio Moscow* (GILBOA, 2001, p. 5).

Na diplomacia pública, o Estado atua como uma espécie de “patrocinador político” e, ao fazê-lo, garante “que a sua mensagem seja disseminada de forma inalterada”. Por exemplo, Rússia, Irã e países de língua árabe, “preocupados com o fato de que seus pontos de vista não estavam sendo totalmente apresentados ao público europeu e norte-americano, anunciaram planos para transmissões em inglês” (ZAHARNA, 2009, p. 90).

Conforme Zaharna (2009, p. 90-91), nesses casos, a mídia, explícita ou implicitamente, tende “a refletir as opiniões do seu patrocinador político”, o que frequentemente costuma ser rotulado como “propaganda”. Em certas ocasiões, os “patrocinadores políticos prontamente e até mesmo com orgulho identificam suas produções”, como o grupo libanês Hezbollah, ligado à estação Al-Manar, e os EUA, à Al-Hurra. Por sua vez, “o público é livre para aceitar suas mensagens ou mudar o canal”.

Além da diplomacia pública, registra-se que há, segundo o autor, outras duas formas de uso da mídia como instrumento diplomático: a diplomacia midiática e a *media-broker diplomacy* – ou a diplomacia feita pela própria mídia. Na diplomacia midiática, “funcionários usam a mídia para se comunicar com os atores e promover a resolução de conflitos” (GILBOA, 2001, p. 4) – aqui, o objetivo é mais de curto prazo, enquanto a diplomacia pública, por sua vez, busca resultados mais a longo prazo. Por exemplo, durante a crise dos reféns de 1979, no Irã. “os Estados Unidos se comunicaram com os terroristas que

estavam com os reféns exclusivamente por meio da imprensa” (GILBOA, 2001, p. 11)

Já a *media-broker diplomacy* se dá quando “jornalistas assumem temporariamente o papel de diplomatas e atuam como mediadores nas negociações internacionais” (GILBOA, 2001, p. 4). Há um caso emblemático desse uso da mídia como instrumento diplomático. Durante uma entrevista em 1977, o jornalista americano Walter Cronkite, da rede CBS<sup>6</sup>, perguntou ao presidente do Egito, Anwar Sadat, se ele não tinha interesse em visitar Israel, e a resposta positiva foi o pontapé inicial para o acordo de paz entre os dois países (GILBOA, 2001, p. 17).

Em um outro estudo, Gilboa (2002, p. 733) elenca quatro tipos de comportamento distinto da mídia no campo de atuação das relações internacionais: controladora, constrangedora, interventora e instrumental. Burity (2013, p. 177) resume da seguinte maneira:

Como controladora, a mídia torna-se ator influente na formulação de políticas relacionadas à defesa e às crises humanitárias. Como constrangedora, procura influenciar os líderes políticos a tomar determinadas decisões e a agir em curto prazo. Como interventora, atua como mediadora das negociações internacionais. Como instrumental, serve de ferramenta para mobilizar suporte e lograr acordos.

No que tange à influência exercida pela mídia, cabe mencionar o que Robinson (2000, p. 613) classifica como “efeito CNN”. Em outras palavras, “o impacto da cobertura midiática nas decisões de intervenção durante crises humanitárias”, sendo os principais exemplos as situações no Iraque, em 1991, e na Somália, em 1991 e 1992, quando “coberturas noticiosas emotivas sobre o sofrimento das pessoas aparentemente impulsionaram a intervenção”.

Para o autor, a mídia é capaz de exercer influência nesse tipo de ocasião quando existe uma incerteza por parte dos tomadores de decisões, que ficam mais suscetíveis a serem levados pelo que é transmitido pelos veículos de comunicação. Já quando há certeza nos rumos que serão tomados, a influência da mídia, mesmo com uma cobertura crítica, é pouco provável de se manifestar

---

<sup>6</sup> Sigla em inglês para *Columbia Broadcasting System*.

(ROBINSON, 2000, p. 631).

Assim, acerca da diplomacia pública, podemos dizer que a história da imprensa internacional nesse âmbito pode ser dividida em dois períodos, de acordo com Samuel-Azran (2013, p. 1.294). Ao passo que o primeiro se iniciou durante a Primeira Guerra Mundial, com emissoras de rádio bancadas por governos que promoviam propaganda de seus valores e narrativas a audiências estrangeiras, o segundo período é marcado pelo “surgimento de redes de notícias globais privadas (por exemplo, CNN, Sky News e MSNBC) nos anos 1980 e 1990”.

Há, ainda, um “modelo híbrido”. Para Samuel-Azran (2013, p. 1.294), é justamente aí que a Al Jazeera se encaixa, isto é, um veículo de comunicação financiado por um governo, mas que “funciona de forma independente em assuntos rotineiros, o que dá a credibilidade de um veículo privado, e volta a ser transmitida no modelo anterior [público] apenas durante uma crise envolvendo o Estado”.

Na visão de Nye Jr. (2008, p. 94), a diplomacia pública desempenhou um papel relevante para os Estados Unidos vencerem a Guerra Fria. Esse recurso, porém, já era usado antes, pelo menos desde os anos 1920 e, a partir da década seguinte, quando comunistas e fascistas promoveram suas respectivas imagens de forma favorável ao público exterior, sendo que, para ele, a Alemanha nazista dominou com perfeição o jogo da propaganda (NYE JR., 2008, p. 97).

Uma das dimensões da diplomacia pública é que o se chama de “comunicações diárias”. Conforme Nye Jr. (2008, p. 101), funcionários de governos democráticos pensam em como comunicar suas decisões de política doméstica e externa para a imprensa focando especialmente em veículos locais ou regionais. No entanto, a imprensa internacional também deveria receber mais atenção. O autor cita um exemplo de “comunicações diárias” envolvendo precisamente a Al Jazeera:

Por exemplo, quando a Al Jazeera transmitiu a primeira fita de vídeo de Osama bin Laden, em 7 de outubro de 2001, as autoridades americanas tentaram impedir a Al Jazeera e as redes americanas de transmitir mais mensagens. Mas, na era da informação moderna, essa ação não é apenas frustrante como parar a maré, mas é contrária ao valor de abertura que os Estados Unidos querem simbolizar. Uma resposta melhor seria se preparar para inundar a Al Jazeera e outras redes com vozes americanas para combater o discurso de ódio de Bin

Laden (NYE JR., 2008, p. 101).

Nye (2008, p. 108) afirma que a diplomacia pública é “uma importante ferramenta no arsenal de *soft power*”, caracterizando-se como um recurso cada vez mais utilizados por governos mundo afora com o objetivo de se comunicar com o público de outros países visando atraí-lo (NYE JR., 2008, p. 95).

### **2.1.2. O *Soft power* nos meios de comunicação**

Formulado em um contexto de pós-Guerra Fria, momento no qual o uso da força estava deixando de ser o centro da ideia de poder (NYE JR., 1990, p. 154), o conceito de *soft power* (traduzido comumente para o português como “poder brando”) pode ser entendido como a capacidade de um país “alcançar os resultados que deseja na política mundial porque outros países querem segui-lo ou concordam com uma situação que provoca tais resultados” (NYE JR., 1990, p. 166).

Trata-se de uma “maneira mais atraente de exercer o poder do que os meios tradicionais”, isto é, os poderes militar e econômico, que caracterizam o *hard power*. Em outras palavras, o *soft power* é mais “um país fazer com que outros países queiram o que ele quer” e menos “ordenar que os outros façam o que ele quer” (NYE JR., 1990, p. 166).

Considerado por Stuenkel (2018, p. 108-109) como “uma das inovações mais notáveis na disciplina das relações internacionais” e “uma das poucas ideias desenvolvidas na academia que foi adotada com sucesso por formuladores de política em todo o mundo”, o *soft power*, que, para o autor, “envolve liderar pelo exemplo”, se popularizou principalmente por ser “mais barato do que meios mais tradicionais de aumentar o poder”.

Nye Jr. (2008, p. 95) aponta que “o *soft power* não é meramente influência”. De acordo com ele, “é mais do que persuasão ou a habilidade de comover as pessoas pelo argumento, embora esta seja uma parte importante”. Na sua visão, “é também a habilidade de seduzir e atrair”.

O conceito em questão carrega consigo um caráter quase que automaticamente positivo, podendo ser ainda mais benéfico com o que se chama de *smart power*, ou “estratégias inteligentes que combinam ferramentas tanto do

hard quanto do soft power” (NYE JR., 2009a, p. 160). Porém, em contrapartida, há o *soft disempowerment*, ou “o outro lado dos *soft power*” (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2014, p. 12), isto é, “ocasiões em que se pode incomodar, ofender ou alienar outras pessoas, levando a uma perda de atratividade ou influência” (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2014, p. 4).

O quadro abaixo detalha os tipos de fontes do *soft power*, bem como os meios para legitimá-lo perante uma determinada audiência.

**Quadro 2** – Fontes, meios de legitimação e audiências do *soft power*

<b>Fontes</b>	<b>Meios de legitimação</b>	<b>Audiência</b>
Política externa	Governo, mídia, organizações não governamentais (ONGs) e organizações internacionais (OIs)	Governo e público estrangeiro
Valores políticos	Mídia, ONGs e OIs	Governo e público estrangeiro
Alta cultura	Governo, ONGs e OIs	Governos e público estrangeiro
Cultura de massa	Mídia e mercado	Públicos estrangeiro

**Fonte:** adaptação de Nye Jr. (2008, p. 107)

É importante sublinhar que, com exceção da alta cultura, a mídia aparece como um meio de legitimação do *soft power* em todos os tipos de fonte, ou seja, como parte da política externa, forma de expressão dos valores políticos e da alta cultura e, ainda, como importante forma da manifestação da cultura de massa contribuindo, assim, para atingir tanto governos quanto as sociedades (opinião pública) estrangeiras. Para Nye Jr. (2014), um dos fatores que ajudaram a impulsionar o *soft power* foi exatamente a atual revolução da informação por meio dos rápidos avanços tecnológicos nas comunicações.

Diante do exposto, pode-se concluir que veículos de comunicação total ou parcialmente controlados por governos são capazes de atuar como instrumentos de *soft power*. Conforme mostra Stuenkel (2008, p. 116-117), tal prática ocorre em diversos países, como Estados Unidos com a *Voice of America*, Alemanha

com a *Deutsche Welle*, Rússia com a *RT*<sup>7</sup> e China com a *CCTV*<sup>8</sup>, além, é claro, do Reino Unido com a BBC e o Catar com a Al Jazeera, que é reconhecida pelo próprio Nye Jr. (2009b, p. 29) como um recurso de *soft power* catari.

## 2.2. O alcance do poder da BBC

Inicialmente chamada de *British Broadcasting Company*, a BBC foi criada em 18 de outubro de 1922 por um grupo de fabricantes de redes sem fio. Em 1927, adotou o nome que vigora até os dias de hoje: *British Broadcasting Corporation*. Desde então, o veículo deixou de ser privado e se tornou público quando passou a ser regido pela *Royal Charter*, ou carta régia. No começo, a transmissão era apenas de rádio. A transmissão pela TV ocorreu a partir de 1936. Algumas décadas depois, em 1997, a BBC entrou para a internet (BBC, [201-]).

A BBC é o principal exemplo do que se chama de “serviço público” por um veículo de comunicação. Esse modelo enxerga o público “como uma entidade superior composta por muitos subgrupos sociais e culturais”. Seus defensores argumentam que o “livre mercado não conseguiu proporcionar os benefícios que alguns destes subgrupos legitimamente esperam”. Daí entra o governo para proporcionar conteúdo midiático de qualidade a todos (MCCAULEY ET AL., 2015, p. XIX-XX).

A atual carta régia teve início em 2017 e sua validade vai até 2027, quando será atualizada e renovada. Além disso, a BBC possui um acordo assinado com o Departamento de Cultura, Meios de Comunicação e Esporte, que dispõe sobre mais detalhes a respeito de questões regulatórias e de financiamento (BBC, 2024).

Na carta régia, há uma ênfase referente à independência editorial da BBC. A missão do veículo, segundo o documento, “é atuar no interesse público, atendendo a todas as audiências por meio da prestação de serviços e produtos imparciais, de alta qualidade e diferenciados, que informam, educam e entretêm”

---

<sup>7</sup> Sigla em inglês para *Russia Today*.

<sup>8</sup> Sigla em inglês para *China Central Television*.

(BROADCASTING, 2016, p. 4-5).

São listados, ainda, cinco “objetivos públicos”: (i) fornecer notícias e informações imparciais para ajudar as pessoas a compreender e se envolver com o mundo ao seu redor; (ii) apoiar a aprendizagem de pessoas de todas as idades; (iii) mostrar os produtos e serviços mais criativos, da mais alta qualidade e diferenciados; (iv) refletir, representar e servir as diversas comunidades de todas as nações do Reino Unido e, ao fazê-lo, apoiar a economia criativa em todo o Reino Unido; e (v) refletir o Reino Unido, a sua cultura e valores para o mundo (BROADCASTING , 2016, p. 5-6).

A BBC é financiada por uma taxa anual para cada residência, que, atualmente, corresponde a 169,50 libras esterlinas. Ao pagá-la, os cidadãos britânicos têm acesso à BBC e a outros canais, como o *Channel 4*, bem como TV ao vivo em determinados serviços de *streaming*, entre outros serviços. Em 2021 e 2022, a taxa estava em 159 £, ou 13,25 £ por mês, sendo a maior parte (7,29) gasta com a televisão, enquanto 2,09 foram para o rádio. O serviço mundial da BBC e a internet ficaram com 1,30 e 1,27, respectivamente. O 1,30 restante foi destinado a outros custos menores (BBC, [202-b]).

A BBC se define como “a emissora de notícias mais confiável do mundo” e “uma das exportações culturais mais importantes do Reino Unido”. De acordo com seu próprio site, baseando-se em dados divulgados em 2023, sua audiência semanal gira em torno de 318 milhões de pessoas. Operando em 42 idiomas diferentes, conta com jornalistas e equipe de apoio em 73 cidades espalhadas por 59 países (BBC, [202-a]).

Conforme aponta Silva (2006, p. 3-4),

Parte das características do jornalismo da BBC surgiram ainda no período do rádio e, quando a BBC se tornou uma emissora televisiva, já tinha o jornalismo consolidado como instituição social. Por ser um serviço público, toda a história da BBC se desenvolveu com base nessa concepção e isso significa agir em função de uma ideia de bem comum, interesse público e consenso. Entregue à direção de John Reith em sua fase inicial, a BBC (ainda radiofônica) distanciou-se dos representantes políticos, posicionando-se como uma voz ‘neutra’ acima do partidarismo, o que estabeleceu o primeiro parâmetro de uma premissa do jornalismo: a objetividade.

Dessa forma, logo no seu início, a BBC conquistou “credibilidade para agir como ‘cão de guarda’ dos interesses da sociedade”. Como o veículo não tinha

ligação partidária, o público via com bons olhos, mas, durante a Greve Geral de 1926, a situação mudou, já que a BBC deu mais atenção ao governo, representado “como a voz da ordem, enquanto os grevistas eram entrevistados nos ambientes conturbados das manifestações e por isso enquadrados como desordeiros” (SILVA, 2006, p. 4)

A Greve Geral de 1926 fez com que a BBC praticasse uma espécie de autocensura “internamente a fim de evitar a influência da visão governista sobre os fatos”. Na Segunda Guerra Mundial, dado o sentimento de união entre os britânicos – diferentemente da greve –, a emissora foi a principal fonte de informação da população. Tanto que, “ao migrar para o sistema televisivo, já tinha um jornalismo consolidado que lhe permitiu sobreviver ao longo dos anos quando surgiu a concorrência com outras emissoras de televisão” (SILVA, 2006, p. 4-8).

Essa postura independente da BBC lhe rendeu “fortes pressões governamentais e ameaças de fechamento”. Foi o que ocorreu, sem sucesso, durante a gestão da primeira-ministra Margaret Thatcher, entre 1979 e 1990. Ela “pretendia fazer da emissora um fórum de divulgação das ações do governo”. Porém, já que “o partido Conservador permaneceu no poder durante mais de vinte anos, não havia outra versão dos fatos que pudessem fazer oposição à política de Margaret Thatcher, papel que acabou caindo nas mãos da BBC”. (SILVA, 2006, p. 8).

Assim, se por um lado Thatcher esperava um alinhamento por parte da emissora e a negação das vozes dissidentes, ameaçando tirar a concessão da BBC e cortar seu financiamento, por outro, a BBC esperava desenvolver um serviço público que pudesse dar visibilidade às várias camadas sociais e às várias versões dos fatos, nesta época representadas pelo IRA e pelos adversários da Inglaterra no conflito das Malvinas. Para a primeira-ministra inglesa, dar voz ao IRA [*Irish Republican Army*, conhecido em português como Exército Republicano Irlandês] e aos protestantes radicais da Irlanda do Norte era um ataque direto à sua autoridade e uma atitude desleal (SILVA, 2006, p. 8).

### **2.2.1. O Orientalismo na BBC**

Dessa forma, o alcance do poder da BBC foi crescendo no Reino Unido e no plano internacional, tanto como um veículo à serviço do governo quanto da

sociedade inglesa. Daí Morse (2019, p. 4) afirmar que a “ideia de Said sobre Orientalismo tem sido aplicada à BBC”. Examinando o Orientalismo presente no serviço mundial da BBC a partir de uma perspectiva egípcia, o autor chama a atenção para o fato de que os orientalistas britânicos costumavam ter um público majoritariamente ocidental. No entanto, com a difusão das comunicações, esse cenário sofreu alterações substanciais.

A partir de uma análise transnacional e histórica do programa *World Book Club*, da BBC, Morse (2019, p. 10) conclui que, no contexto do debate entre Ocidente e Oriente, o veículo de comunicação exerce um papel “tanto de perpetuação quanto de desafio da ideologia do Orientalismo por meio do seu envolvimento com escritores, leitores e ouvintes egípcios”.

É importante, segundo ele, “enxergar o serviço mundial da BBC em uma trajetória mais longa, que inclui imperialismo e pós-colonialismo” (MORSE, 2009, p. 11). No Oriente Médio, a BBC é frequentemente “vista como uma continuação do legado colonial britânico”. Contudo, por adotar uma postura independente, até mesmo o governo britânico já foi publicamente hostil à emissora por sua cobertura sobre assuntos da região, como durante a crise do Canal de Suez, em 1956 (MORSE, 2019, p. 1-2).

Por sua vez, Way (2013, p. 30), que estuda o Orientalismo praticado pela BBC nas notícias on-line a respeito da pirataria na Somália, argumenta que, “apesar das reivindicações de objetividade e de ‘informar o mundo sobre o mundo’, o site internacional da BBC perpetua um tipo de orientalismo que irrita uma situação já volátil e perigosa em desvantagem da Somália e dos somalis”.

Em seus achados, o autor sustenta que a BBC apresenta “os piratas de forma negativa e os militares ocidentais de forma positiva”. Com isso, na sua visão, a emissora “legitima as atividades de interesse do Ocidente nos assuntos somalis”, o que é contrário aos interesses locais. Para ele, a “história tem mostrado que os interesses, influências e intervenções estrangeiras são parcialmente responsáveis pela pirataria e outros problemas na Somália” (WAY, 2013, p. 30).

### **2.3. A atuação da Al Jazeera**

A Al Jazeera foi ao ar pela primeira vez em 1º de novembro de 1996.

Segundo a própria emissora, antes dessa data, não havia outro canal de notícias que atuasse de forma independente no mundo árabe, “caracterizado por narrativas controladas pelo Estado que negavam ao público o direito de saber e o direito de ser ouvido” (AL JAZEERA, [202-]).

Com um jornalismo provocante, o “fenômeno Al Jazeera” se tornou um objeto de estudo de diversos acadêmicos, e a emissora se consolidou como “uma das maiores e mais influentes redes de notícias internacionais do mundo”. Sediada em Doha, a capital do Catar, a emissora conta atualmente com mais de 70 escritórios pelo mundo, empregando mais de 3 mil pessoas oriundas de mais de 95 países e está disponível para mais de 430 milhões de residências em mais de 150 países e territórios (AL JAZEERA, [202-]).

Porém, “o caminho para o sucesso” foi turbulento. Conforme consta em seu site oficial, “a emissora e os seus jornalistas têm estado no fogo cruzado e, por vezes, pagaram um preço elevado por tentarem levar a verdade ao seu público” (AL JAZEERA). Para mencionar um caso que teve ampla repercussão, a jornalista palestino-americana Shireen Abu Akleh morreu após ser “atingida por tiros disparados por soldados israelenses” enquanto cobria uma operação de Israel em Jenin, na Cisjordânia, em maio de 2022 (VELOSO, 2022).

Na concepção de Rayes (2003, p. 24), a Al Jazeera, quando de sua criação, fazia parte de um pacote de reformas supostamente liberalizantes e democráticas do então emir do Catar, Hamad bin Khalifa Al Thani. A intenção dele era “transformar a emissora na vitrine da democratização e da modernização de seu país”, o que, na prática, acabou não ocorrendo.

De acordo com Sanchez (2016), a cobertura da Al Jazeera dedicada ao Catar não chega a 1%. Logo, “a liberdade no tratamento dos assuntos globais não se repete na cobertura das questões internas do país-sede da emissora”. El-Nawawy e Iskandar (2003, p. 83) argumentam que, em geral, “a Al Jazeera é vista como um veículo que mostra certa deferência à agenda e às preocupações do governo do Catar”.

Assim, embora a Al Jazeera tenha feito do Catar “um ator importante no mundo da imprensa” (EL-NAWAWY; ISKANDAR, 2003, p. 71), a falta de cobertura sobre os assuntos domésticos, na avaliação dos autores, configura um “defeito flagrante” (EL-NAWAWY; ISKANDAR, 2003, p. 200). Pode-se dizer, então, que o estilo de jornalismo provocativo da Al Jazeera ocorre apenas

quando o assunto não é o Catar.

Foi a partir da ruptura do contrato entre o serviço da BBC em árabe com a *Orbit Radio and Television Service*, de capital da Arábia Saudita, em razão de divergências no que se refere à independência editorial, que a Al Jazeera se fortaleceu, tendo herdado “boa parte da equipe da BBC em árabe, assim como o estilo e independência editorial do veículo britânico”, segundo El-Nawawy e Iskandar, 2003, p. 31), com a exceção de pautas sobre o Catar, como vimos

Vista por seus apoiadores como um “fenômeno político e social transformando a região”, a Al Jazeera também passou a ser por vezes chamada de a “CNN do mundo árabe”, adotando um um estilo jornalístico ocidental (JOHNSON; FAHMY, 2008, p. 338-342). Curiosamente, a emissora é encarada, por outro lado, como um veículo de comunicação que desafia o Ocidente.

Para Nogueira (2012, p. 124-125), esse desafio ocorre principalmente em questões de “políticas internacionais, modelo sociopolítico, identidade cultural e transmissão de informações”, representando uma alternativa “diante de formulações padronizadas de visões de mundo, [...] constituindo-se como a ‘voz do mundo árabe’, representando o ‘sofrimento do povo árabe’”.

Ao longo de sua história, a Al Jazeera se destacou nas coberturas sobre as invasões dos Estados Unidos contra o Afeganistão, em 2001, e o Iraque, em 2003. Ambos os episódios contribuíram para que a emissora mostrasse ao mundo a sua visão a partir do próprio Oriente Médio, consolidando-a no meio jornalístico. As polêmicas divulgações de fitas do terrorista Osama bin Laden, em 2001 e em 2004, mencionados anteriormente, também foram momentos de destaque (AGNEZ, 2017, p. 107).

Por fim, faz-se necessário pontuar que a Al Jazeera criou, em 2006, o seu canal em inglês, que apresenta diferenças significativas em relação à versão em árabe. Algumas não possuem tanta importância, como a disposição das informações, já que, em árabe, a leitura ocorre da direita para a esquerda. Outras, porém, são relevantes. Por exemplo, a Al Jazeera em árabe dá mais atenção às notícias sobre a região do Oriente Médio, recorrendo a fontes próprias em vez de agências de notícias, enquanto a versão em inglês busca ser mais abrangente, embora ainda tenha um foco maior no Sul Global do que a mídia ocidental (ABDUL-MAGEED; HERRING, p. 282-284, 2008).

### 2.3.1. O Orientalismo na Al Jazeera

Ramdane e Souad (2011, p. 167) argumentam que a Al Jazeera promove uma imagem dos árabes referente a “pessoas racionais e cívicas, que recorrem a métodos legais de argumentação e raciocínio para expressar as suas opiniões”. Para eles, no mundo árabe, segundo a Al Jazeera, há “comunidades cultas, que se orgulham do seu modo de vida e querem defender a cultura que herdaram sem suprimir o direito de existência dos outros”.

Essa postura difere do pensamento orientalista, que representa o árabe “com preconceitos históricos, religiosos e políticos”, ainda conforme Ramdane e Souad (2011, p. 167). Os autores pontuam que

o canal Al-Jazeera conseguiu tratar a cultura árabe oriental com grande objetividade. Como tal, e até certo ponto, a emissora foi capaz de mudar a imagem coletiva profundamente enraizada dos árabes – nos seus mantos e turbantes, armados com as suas espadas, galopando pelo deserto, lutando pela sobrevivência em um país sem Estado, e em busca de novos territórios e presas – que os orientalistas, a literatura, os meios de comunicação de massa e as instituições de entretenimento do Ocidente tentaram arduamente inculcar na mente ocidental (RAMDANE; SOUAD, 2011, p. 167).

Com a criação de seu canal em inglês, a Al Jazeera se tornou ainda mais global, sendo capaz de “romper barreiras linguísticas e alcançar uma audiência muito maior mundo afora”. Em outras palavras, dessa forma, o veículo do Catar, com a sua postura que contrasta com o Orientalismo, chega a mais pessoas e em mais países, o que “certamente contribui para uma melhor comunicação, debate e compreensão” (RAMDANE; SOUAD, 2011, p. 168).

Em um estudo que compara as coberturas da Al Jazeera, da BBC e do jornal americano *The New York Times* sobre o Estado Islâmico, também conhecido como Daesh, Márquez-Bustos (2018, p. 96) conclui que a principal diferença entre o primeiro e os demais é “a ausência de traços orientalistas em sua cobertura, que se explica por sua origem catari (que, entre outras coisas, dá mais ênfase a aspectos culturais e políticos da região”, além de tomar como premissa o fato de que o grupo terrorista em questão não representa o islã.

Márquez-Bustos (2018, p. 97) também identificou três consequências de uma cobertura orientalista como as que fizeram BBC e o *The New York Times* a respeito do Estado Islâmico. Primeiro, “legitima a intervenção ocidental da

região”. Segundo, “estabelece uma escala para medir o valor das vidas humanas de acordo com sua procedência”. E, finalmente, “perpetua o desconhecimento sobre o islã e as relações injustas que o Ocidente estabeleceu com ele”. Uma cobertura não orientalista, portanto, evita essas consequências.

#### 2.4. Considerações parciais

Neste capítulo, vimos as peculiaridades do jornalismo internacional, que varia de acordo com a procedência do jornalista e do veículo, bem como as dinâmicas das agências de notícias. Estas produzem informações generalistas e contam a história conforme seus respectivos pontos de vista, o que é algo preocupante, tendo em conta que as três maiores agências são todas de países ocidentais.

Dentro desse contexto do jornalismo internacional, mostramos que a diplomacia pública funciona quando “atores estatais e não estatais usam a mídia e outros canais de comunicação para influenciar a opinião pública em sociedades estrangeiras”, segundo Gilboa (2001, p. 4).

O autor elenca, ainda, outras duas formas de uso da mídia como instrumento diplomático: a diplomacia midiática e a *media-broker diplomacy* (GILBOA, 2001, p. 4), bem como quatro tipos de comportamento distinto da mídia no campo de atuação das relações internacionais: controladora, constrangedora, interventora e instrumental (GILBOA, 2002, p. 733).

Em relação à diplomacia pública, Nye Jr. (2008, p. 108) a considera como uma ferramenta importante de *soft power*, conceito definido por ele como a capacidade de um país “alcançar os resultados que deseja na política mundial porque outros países querem segui-lo ou concordam com uma situação que provoca tais resultados” (NYE JR., 1990, p. 166).

Concluimos, assim, que veículos de comunicação total ou parcialmente controlados por governos são capazes de atuar como instrumentos de *soft power* por meio da diplomacia pública. São os casos de BBC e Al Jazeera - que também assumem certa autonomia quanto aos governos e buscam credibilidade junto às sociedades (as de de origem e estrangeiras) - cujas histórias foram detalhadas, além de suas respectivas relações com o Orientalismo.

## CAPÍTULO 3

### O INSTITUTO DO REFÚGIO E AS CRISES DE REFUGIADOS

Este capítulo é dividido em quatro partes. A finalidade da primeira é problematizar o conceito e a instituição do refúgio a partir de uma perspectiva histórica e baseada no direito internacional. A segunda apresenta a crise de refugiados de 2015 e as respostas de Reino Unido e Catar a este evento. Na terceira parte, buscamos discutir a temática dos refugiados no centro de questões internacionais na atualidade, uma problemática que gradualmente ganha mais atenção na governança global e na política externa dos países. A última se dedica às considerações parciais.

#### 3.1 O conceito e o instituto do refúgio

De acordo com a Convenção das Nações Unidas Relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951 – ano seguinte à criação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) –, o termo “refugiado”, definido logo em seu Art. 1º, se aplica a qualquer pessoa que

temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.<sup>9</sup>

Na Convenção, contudo, a referência é somente aos “acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951”. Para que a definição passasse a valer também para o período posterior à data em questão, houve uma atualização por meio do Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados, em que essa situação foi devidamente resolvida, sendo “desejável que todos os refugiados abrangidos na definição da Convenção, independentemente do prazo de 1 de

---

<sup>9</sup> Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951). Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2024.

Janeiro de 1951, possam gozar de igual estatuto”.<sup>10</sup>

Segunda essa Convenção, os direitos dos refugiados em outro território, isto é, a proteção que lhes é garantida, são abordados de forma um tanto quanto vaga, afirmando, por exemplo, que os países receptores devem dar um tratamento mais favorável possível ou tão favorável quanto ao proporcionado aos seus nacionais. O texto também estipula que cada país faça, “uma declaração precisando o alcance que pretende dar a essa expressão do ponto de vista das obrigações assumidas por ele em virtude da presente Convenção”.

A Convenção de 1951 também contém uma limitação geográfica ao restringir a aplicação do conceito de refúgio apenas aos europeus. Em outras palavras, a Europa inventou o instituto do refúgio, mas este já nasceu de uma forma exclusiva ao contexto europeu e, portanto, excludente. Trata-se, portanto, de uma construção na Europa para a Europa, excluindo dessa proteção jurídica os povos não europeus.

Historicamente, a propósito, a Europa sofreu dois grandes choques no que tange aos refugiados, de acordo com Arendt (1989, p. 313-314). O primeiro “foi a abolição tácita do direito de asilo”, que se tornou “paulatinamente anacrônico, entrando até em conflito com os direitos internacionais do Estado”. Já o segundo trata de uma “dupla constatação de que era impossível desfazer-se deles [refugiados] e era impossível transformá-los em cidadãos do país de refúgio”. A razão, segundo a autora, é o consenso de que “só havia duas maneiras de resolver o problema: repatriação ou naturalização”.

O Protocolo de 1967 avança no sentido de afirmar que a proteção do refugiado deverá ocorrer “sem nenhuma limitação geográfica”. Porém, aos olhos dos povos de outros continentes, isso ainda é algo insuficiente, pois, na prática, eles são excluídos de proteção. Segundo Rosa (2022, p. 292), em referência tanto à Convenção de 1951 quanto ao Protocolo de 1967, “o regime internacional de proteção aos refugiados [...] apresenta características eurocêntricas e restritivas”, pois ambos os documentos “estabeleceram conceitos que serviam à política da Guerra Fria e, com isso, respondiam a fluxos migratórios estritamente

---

<sup>10</sup> Protocolo de 1967 Relativo ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Protocolo\\_de\\_1967.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Protocolo_de_1967.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2024.

européus”.

A autora argumenta que,

uma vez que a definição de refugiado nos referidos tratados estava diretamente vinculada a causas e indivíduos que se refugiavam na Europa, parte dos indivíduos que migraram de maneira forçada no Terceiro Mundo não encontrava proteção naquele regime. Contudo, isso não significava que o ‘problema’ não existia noutros continentes (ROSA, 2022, p. 292).

Como resposta, a União Africana elaborou, em 1969, uma convenção sobre a proteção e assistência a pessoas deslocadas internamente na África, também conhecida como Convenção de Kampala.<sup>11</sup> Entre suas inovações, o texto da Convenção afirma que “todas as pessoas têm o direito de serem protegidas contra as deslocações arbitrárias”, baseadas em diferentes aspectos, como “políticas de discriminação racial ou outras práticas similares visando a/ou na alteração da composição étnica, religiosa ou na composição racial da população”, além daquelas utilizadas como “método de guerra” e resultantes de “violência generalizada ou violação dos direitos humanos” e “práticas nocivas”.

Rosa (2022, p. 293) declara que a convenção em questão foi um resultado de pressões pan-africanas, que obtiveram êxito em conseguir que sejam reconhecidas como refúgio situações “diretamente atreladas ao colonialismo e aos processos de independência”. Inspirados nesse movimento, países latino-americanos adotaram a Declaração de Cartagena,<sup>12</sup> em 1984.

Tal Declaração recomenda que os países, ao adotarem uma definição de refúgio, considerem.

também como refugiados as pessoas que tenham fugido dos seus países porque a sua vida, segurança ou liberdade tenham sido ameaçadas pela violência generalizada, a agressão estrangeira, os conflitos internos, a violação maciça dos direitos humanos ou outras circunstâncias que tenham perturbado gravemente a ordem pública.

---

<sup>11</sup> Convenção da União Africana sobre a Protecção e Assistência as Pessoas Deslocadas Internamente em África. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/convencao\\_de\\_kampala.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/convencao_de_kampala.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2024.

<sup>12</sup> Declaração de Cartagena. Disponível em: <[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD\\_Legal/Instrumentos\\_Internacionais/Declaracao\\_de\\_Cartagena.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2024.

Assim, Rosa (2022, p. 293) destaca a importância de desvelar a insuficiência de conceitos eurocêntricos no Terceiro Mundo, os quais são, usualmente, considerados suficientes e universais”. Da mesma forma, por meio de uma “refocalização para além do Norte Global, é possível avaliar a interlocução entre a proteção dos refugiados na África e nas Américas”, implementando, assim, o instituto do refúgio como forma de proteger os migrantes forçados de acordo com as distintas realidades e contextos.

Cabe, aqui, diferenciar o refúgio do asilo, dois termos que, na mídia de língua inglesa (*refugee* e *asylum seeker*, respectivamente) são frequentemente tratados como sinônimos. Conforme aponta Nunes (2015, p. 384-385), ambos “têm fundamento humanitário” e são semelhantes por estarem “relacionados ao acolhimento de um estrangeiro que não pode permanecer em segurança em seu Estado de origem”. No entanto, diferentemente do asilo, um pedido de refúgio está mais ligado a guerras civis e catástrofes naturais do que a perseguições governamentais, como ocorre com o asilo.

Nunes (2015, p. 385) prossegue: “O refugiado não é necessariamente uma pessoa acusada de um crime ou um dissidente político declarado *persona non grata*, ainda não oficialmente, pelo governo de seu Estado de origem”. O autor também esclarece um outro ponto, desta vez sobre questões econômicas: “Condições socioeconômicas de um país, mesmo a miséria extrema, não asseguram a seus nacionais o direito de obter abrigo alhures”, uma vez que o “refúgio econômico ainda não tem guarida no sistema internacional” (NUNES, 2015, p. 386).

### **3.2. A crise de refugiados de 2015**

No início de setembro de 2015, a foto de Aylan Kurdi, um menino sírio de apenas três anos, ganhou as manchetes de todo o mundo. Encontrado de bruços em uma praia da Turquia, ele fugia da guerra em seu país rumo à Europa, mas acabou morrendo no meio do caminho e se transformou em uma das principais personagens da crise de refugiados.

Figura 2 – Menino Aylan Kurdi morto em uma praia na Turquia



Fonte: Nifula Demir/DHA/AFP

El-Enany (2016, p. 13) o classificou como o refugiado humano por ter chamado tanto a atenção da opinião pública global, especialmente da Europa, embora o fluxo migratório da Síria para o velho continente tenha começado em 2012 e outras crianças tenham morrido nesse trajeto antes de Kurdi. A autora argumenta que, em razão de o garoto ter a pele mais clara do que a média dos refugiados, os europeus, de uma forma racista, demonstraram mais empatia e o humanizaram (EL-ENANY, 2016, p. 14).

Uma constatação importante, nesse sentido, é a necessidade de um olhar interseccional sobre os migrantes e refugiados, conforme apontam Scherer e Prestes (2021). A sensibilização das sociedades e da opinião pública global sobre a situação de vulnerabilidade da pessoa refugiada depende, ainda, de outros marcadores sociais. O racismo, sexismo, etarismo, além do preconceito da origem cultural e socioeconômica dos migrantes atravessam tanto a formação da opinião dos distintos públicos sobre determinados eventos e fluxos migratórios quanto a tomada de decisão dos líderes políticos em relação às medidas a serem adotadas em respostas a esses eventos.

Além disso, faz-se necessário sublinhar que a mobilidade de pessoas está fortemente inserida na agenda das preocupações políticas e sociais da atualidade. É o que pensa Adey (2017, p. 1), que, entre os fluxos migratórios que cita como exemplo, menciona especificamente o caso da Síria, como se vê abaixo.

Repare nas vastas mobilidades de migrantes que fazem viagens perigosas para a Europa a partir do Norte, Leste e Sul da África, da Síria e do Oriente Médio. Hoje, podemos ver um dos movimentos de pessoas mais massivos da história desde a Segunda Guerra Mundial ou a Partição da Índia e do Paquistão (ADEY, 2017, p. 1).

A guerra na Síria é uma consequência da Primavera Árabe, uma série de protestos em diversos países do Oriente Médio que começou no final de 2010, na Tunísia, e chegou ao território sírio em março de 2011. Com manifestações a favor da democracia e contra Bashar al-Assad – no poder em 2000, tendo sucedido seu pai, Hafez, que assumiu em 1971, e ficou até 2024, quando foi deposto –, a situação rapidamente escalou após a repressão do governo (ŽUBER; MOUSSA, 2018, p. 248).

Žuber e Moussa (2018, p. 248-249) também atribuem parcela de culpa à influência estrangeira pela violência na Síria. Rússia, Irã e o grupo libanês Hezbollah, por exemplo, ficaram ao lado de Assad, enquanto Estados Unidos, Turquia, Catar e Arábia Saudita apoiaram a oposição armada. Com esse cenário de desestabilização, somado à presença de grupos terroristas, como o Estado Islâmico e o braço local da Al-Qaeda, o número de refugiados passou a aumentar.

De acordo com o relatório *Global Trends* do Acnur, a situação humanitária gerada pela guerra na Síria foi responsável por atrair uma grande atenção do mundo. Estima-se que, em 2015, 11,7 milhões de sírios precisaram deixar suas casas, considerando todos aqueles que se deslocaram dentro do próprio país e os que foram para outros países e, portanto, se tornaram refugiados (UNHCR, 2016, p. 6).

Neste segundo caso, o número chegou a 4,9 milhões, ainda levando em consideração o ano de 2015. A Síria, dessa forma, encabeça a lista dos principais países de origem dos refugiados. A crise de refugiados de 2015 foi principalmente de sírios, mas não envolveu apenas tal nacionalidade. Em

seguida, aparece o Afeganistão, com 2,7 milhões, ou seja, uma diferença de 2,2 milhões (UNHCR, 2016, p. 14). Desse total de refugiados sírios, cerca de 500 mil chegaram à Europa por mar, o que representa metade desse tipo de chegada ao território europeu (UNHCR, 2016, p. 7).

Reconhecemos eventuais problemáticas que possam surgir a partir da utilização do termo “crise”, conforme demonstra Aguiar (2019). A autora sugere que seja feita uma “leitura crítica” em casos como esse. Afinal, uma “reflexão é premente pois as ‘crises’ parecem eclodir em contínuo, do Iêmen à Venezuela e, com elas, a repetição quase circular de um humanitarismo de resgate” (AGUIAR, 2019, p. 38).

Mesmo com isso em mente, optamos por seguir com o já estabelecido termo “crise”, Além de acreditarmos que, dessa forma, a leitura seja mais fluida, podendo proporcionar, assim, um melhor entendimento da mesma, optamos por considerar esse evento ocorrido na síria uma "crise" pelo contingente de migrantes sírios ou os debates desencadeados internacionalmente sobre a capacidade e o "dever" dos países mais "capacitados" para acolher tais imigrantes em resposta aos conflitos armados.

Um dado que impressiona, e que pode estar ligado ao fato de quem está dizendo que é uma crise, diz respeito à atenção que esses movimentos migratórios de 2015 receberam na Europa ao passo que nenhum país do continente europeu esteve entre os que mais receberam refugiados ao final daquele ano (UNHCR, 2016, p. 15).

Em termos quantitativos, quem lidera a lista, de acordo com UNHCR (2016, p. 15), é a Turquia, seguida por Paquistão e Líbano, sugerindo que as crises de refugiados sírios, e também afegãos, foram muito mais locais (e regionais, com maior impacto em países vizinhos. Estes países entendidos como países em desenvolvimento, naturalmente, encontraram maiores dificuldades estruturais para receber tantas pessoas em tão pouco tempo, e de forma digna, levantando a questão de quem teria a capacidade e o dever de arcar com essa resposta: o Sul ou o Norte global?

Já em termos proporcionais à população, é o Líbano quem está à frente (UNHCR, 2016, p. 18). Para reforçar o argumento de que os impactos são mais locais, nota-se, conforme o Quadro 3 abaixo, que a República Democrática do Congo aparece, ao mesmo tempo, nas listas de principais países de origem e

destino (quantitativamente) dos refugiados. Situação semelhante ocorre com o Sudão do Sul, que, além de ser um dos principais países de origem, está na lista dos principais países de destino em termos proporcionais à população. Países europeus aparecem apenas nesta última lista, nas nona e décima posições.

**Quadro 3** – Principais países de origem e destino de refugiados em 2015

<b>Origem</b>	<b>Destino (quantitativamente)</b>	<b>Destino (proporcionalmente)</b>
Síria	Turquia	Líbano
Afeganistão	Paquistão	Jordânia
Somália	Líbano	Nauru
Sudão do Sul	Irã	Turquia
Sudão	Etiópia	Chade
Rep. Dem. do Congo	Jordânia	Djibouti
Rep. Centro-Africana	Quênia	Sudão do Sul
Mianmar	Uganda	Mauritânia
Eritreia	Rep. Dem. do Congo	Suécia
Colômbia	Chade	Malta

**Fonte:** adaptação de UNHCR (2016, p. 15-18)

Os dados mencionados também sugerem que, na Europa, receios advindos do acolhimento aos refugiados são mais sociais e culturais do que econômicos. Mesmo assim, setores das sociedades de alguns países costumam se mostrar contrários a uma política migratória considerada receptiva sob o argumento de que os estrangeiros são um risco do ponto de vista econômico porque poderiam, em tese, tomar empregos de cidadãos nativos. Cassidy (2015), contudo, contesta tal linha de raciocínio.

Para ele, essa tomada de empregos pode, de fato, ocorrer, mas sem um impacto significativo. O autor lembra que muitos dos imigrantes possuem qualificação e diz que refugiados costumam executar trabalhos que a população local não quer, além de empreenderem por conta própria, tornando a economia local mais pujante. Logo, receber refugiados não seria negativo economicamente, sendo os desafios de integração mais sociais e políticos e menos econômicos (CASSIDY, 2015).

Também é relevante enfatizar que a visão de que um Estado é “ameaçado

pelos migrantes é uma narrativa política”. É como se os refugiados fossem instrumentalizados dentro de um contexto de “jogos políticos” que atendam a interesses da classe. Trata-se da “construção de situações enquanto problemas”, que permite “negar outros problemas ou para transformar dificuldades estruturais em alvos fáceis” (BIGO, 2002, p. 68-69).

### **3.2.1. As posturas de Reino Unido e Catar**

Este tópico servirá para mostrar brevemente quais foram as posturas diante da crise de refugiados de 2015 por parte do Reino Unido e do Catar, países de origem da BBC e da Al Jazeera, respectivamente. O período de análise compreende o ano seguinte ao da referida crise, isto é, 2016.

A principal política pública implementada pelo Reino Unido no tocante aos refugiados sírios foi o *Syrian Vulnerable Person Resettlement Scheme* (VPRS), lançado em janeiro de 2014. Em 2016, como o governo britânico se viu pressionado para aceitar mais refugiados, de diferentes nacionalidades, que não se enquadravam no VPRS, novas medidas foram anunciadas (HOUSE OF COMMONS LIBRARY, 2017, p. 11).

Em abril, o governo britânico estabeleceu uma parceria com o Acnur, focada na recepção de crianças, e também apoiou financeiramente países da União Europeia para lidarem com a crescente imigração, embora não tenha participado do mecanismo de transferência de responsabilidade pelos refugiados que chegaram ao continente europeu pela Grécia ou pela Itália, por exemplo, e não permaneceram lá. A justificativa oficial foi a de que, se o fizesse, poderia criar um incentivo para pessoas se arriscarem em rotas ainda mais longas e perigosas (HOUSE OF COMMONS LIBRARY, 2017, p. 11-12).

Convém lembrar que, em 2016, a maioria dos votantes aprovou a saída do Reino Unido da União Europeia, um processo que ficou popularmente conhecido como Brexit. Como a saída se concretizou posteriormente, não houve um impacto direto na política migratória ao longo daquele ano. De qualquer forma, o Brexit tem pouca influência na legislação sobre refugiados (MULTIFAITH ALLIANCE FOR SYRIAN REFUGEES, 2018, p. 4).

Uma outra política pública implementada pelo Reino Unido durante o período analisado foi o programa *Community Sponsorship*, lançado em julho e

cujo objetivo era o de envolver diretamente as comunidades na acolhida. Por meio dele, voluntários se disponibilizaram a ajudar os refugiados no país a obterem acesso a diversos serviços e, assim, fazer com que eles se sentissem bem-vindos (HOUSE OF COMMONS LIBRARY, 2017, p. 21).

No ano em questão, foi concedido asilo ou formas alternativas de proteção a 1.591 sírios, um índice de aprovação na decisão inicial de 86%, além de mais 4.368 que entraram no país a partir do VPRS. Segundo o governo britânico, as recusas estão ligadas, em parte, ao reassentamento de sírios em outros países da União Europeia (GOV.UK, 2017). Ademais, dados do início de 2016 apontam que, até aquele momento, o Reino Unido destinou, desde o começo da crise, mais de 1,1 bilhão de libras em ajuda financeira (THE NATIONAL ARCHIVE, 2018).

Em termos de políticas públicas, o Catar implementou, em 2016, a iniciativa QUEST. Seu objetivo era o de dar apoio a pessoas, principalmente jovens, afetadas pelo conflito na Síria tanto dentro quanto fora do país, com foco em educação, saúde e habilidades específicas para o mercado de trabalho. No entanto, a iniciativa não foi colocada em prática no Catar, que apenas a bancou, e se restringiu à Jordânia, ao Líbano e à Turquia, além da própria Síria (QATAR FUND FOR DEVELOPMENT, 2022).

De acordo com dados divulgados em setembro de 2016, o Catar destinou uma ajuda financeira de quase 1,6 bilhão de dólares para aliviar as consequências da crise humanitária que se desencadeou a partir do conflito sírio (PERMANENT MISSION OF THE STATE OF QATAR TO THE UNITED NATIONS, 2016). O país, por outro lado, foi criticado por receber poucos refugiados sírios, a exemplo de seus vizinhos da região do Golfo.

É preciso pontuar que o Catar não é signatário da Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951. Por isso, refugiados no país não estão plenamente protegidos, e há pessoas que fugiram de guerras e chegaram lá sem o status oficial de refugiados, dificultando a contabilização. Em 2016, houve 83 pedidos oficiais de asilo no Catar, sendo a maioria de sírios e iraquianos. Diante desse contexto, o governo catari alegou que, por liderar e apoiar medidas de ajuda aos refugiados sírios, mesmo que não os receba em grandes quantidades, cumpriu suas responsabilidades no que diz respeito a essa questão (GOLDEN, 2017).

As críticas ao Catar e aos demais países do Golfo, como a Arábia Saudita, o Bahrein, os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait, estão relacionadas ao fato de eles estarem geograficamente mais próximos à Síria e terem uma situação econômica estável. Apesar disso, o panorama não mudou, e um dos motivos que pode explicar essa falta de disposição para receber refugiados sírios é o papel que esses países desempenharam na guerra, apoiando diretamente grupos contra o governo da Síria e, dessa forma, contribuindo para a violência (FATHALLA, 2015).

Assim, ressaltamos aqui a íntima e estreita relação entre os governos (e suas iniciativas públicas) e a mídia (e sua sensibilização) diante da crise de refugiados de 2015. Neste cenário, é possível reconhecer a importância da mídia que, se por um lado, é instrumentalizada por esses governos para anunciar suas propostas de medidas reparadoras e responsáveis diante do influxo de refugiados - lembrando que o instituto do refúgio é um pacto político-jurídico internacional entre países para proteção de indivíduos -, atuando para a diplomacia pública, por outro lado, ela goza de certa autonomia republicando ou definindo suas abordagens a essa crise internacional.

### **3.3. A reprodução do Orientalismo em novas crises: os refugiados hoje**

Para que se tenha uma maior noção da extensão do drama dos sírios, em 2022 – último ano com dados disponíveis –, passados sete anos desde o ápice da crise, apesar de a guerra ter diminuído em intensidade, a Síria ainda é o país com o maior número de refugiados. Com 6,5 milhões – um acréscimo de 1,6 milhão em relação a 2015 –, está à frente da Ucrânia, outro país que vive um período extenso de conflitos suscitados por disputas geopolíticas globais - que tem 5,7 milhões (UNHCR, 2023, p. 19).

No que se refere aos países que mais recebem refugiados, o topo da lista ainda é composto por quem está nas vizinhanças de regiões conflituosas. A Turquia permanece em primeiro, seguida por Irã e Colômbia, um reflexo das questões que atingem Síria, Afeganistão e Venezuela, respectivamente. País europeu que mais recebeu refugiados, a Alemanha está na quarta posição, refletindo não só a grande quantidade de sírios, mas também de ucranianos que buscaram refúgio em território alemão. Diferentemente do relatório sobre 2015,

o de 2022 não traz os dados proporcionais à população dos países que mais receberam refugiados. (UNHCR, 2023, p. 21).

**Quadro 4** – Principais países de origem e destino de refugiados em 2022

<b>Origem</b>	<b>Destino</b>
Síria	Turquia
Ucrânia	Irã
Afeganistão	Colômbia
Venezuela	Alemanha
Sudão do Sul	Paquistão
Mianmar	Uganda
Rep. Dem. do Congo	Rússia
Sudão	Sudão
Somália	Peru
Rep. Centro-Africana	Polônia

**Fonte:** adaptação de UNHCR (2023, p. 19-21)

Conforme os quadros 3 e 4, notamos que, na comparação entre as listas de 2015 e 2022 sobre os principais países de origem dos refugiados, houve apenas duas entradas: Ucrânia e Venezuela no lugar de Eritreia e Colômbia. Os demais trocaram de posições entre si, com a Síria se mantendo em primeiro. Já no caso dos principais países que recebem refugiados, as mudanças foram maiores. Líbano, Etiópia, Jordânia, Quênia, República Democrática do Congo e Chade foram substituídos por Colômbia, Alemanha, Rússia, Sudão, Peru e Polônia.

Em 2015, ao todo, eram 21,3 milhões de refugiados. Considerando todas as pessoas que tiveram que se deslocar de forma forçada, incluindo os deslocados internamente dentro de seus próprios países, o número chega a 65,3 milhões (UNHCR, 2016, p. 2). Em 2022, os dados são ainda mais alarmantes: 35,3 milhões de refugiados e 108,4 milhões de deslocados (UNHCR, 2023, p. 2).

Em outras palavras, os esforços da comunidade internacional não foram suficientes para diminuir a quantidade de refugiados. Pode-se até mesmo dizer que, em alguma medida, houve uma normalização do assunto, e algo que parecia enorme em 2015 se transformou em uma situação pior sete anos depois,

o que só reforça a importância desta pesquisa para buscar entender aquele episódio, que acarretou em problemas significativos para o mundo, com especial impacto para a Europa, que foi vista como principal local de destino desses migrantes.

De acordo com Barros-Platiau e Soendergaard (2021, p. 115), “a crise de refugiados a partir de 2015 fez com que a temática de migração ganhasse um destaque inédito”, tendo chegado “na primeira ordem da agenda política de vários países europeus”, que tiveram “falhas nos arranjos governamentais” expostas.

Mudde (2016, p. 25) elenca uma série de elementos que fizeram do ano de 2015 um momento turbulento na Europa. A crise de refugiados é um deles, mas também merecem menção os ataques terroristas em Paris e a crise da zona do euro. Na visão do autor, esses pontos contribuíram para que “movimentos populistas” passassem a estar “no centro da política europeia”.

A ameaça do terrorismo e a ansiedade sobre uma onda massiva de imigrantes do mundo muçulmano, juntamente com a crença generalizada de que a União Europeia mais dificulta do que ajuda quando se trata de tais problemas, criaram uma tempestade perfeita para os populistas, reforçando especialmente a posição da direita populista em muitos países (MUDDE, 2016, p. 25-26).

Dessa forma, a Europa, que guarda em sua história uma prática de colonização racista e supremacista, ao se ver diante de uma situação com vários refugiados do mundo não ocidental, respondeu com apoio a partidos populistas e de políticas xenofóbicas. O racismo com os refugiados de 2015 se tornou ainda mais evidente por meio da diferença de tratamento recebido pelos refugiados ucranianos de 2022, em comparação àquele recebido por refugiados sírios, inclusive por parte da mídia.

Bayoumi (2022) aponta para diversos exemplos, como o de um correspondente da CBS News. Durante uma transmissão ao vivo, ele disse que a Ucrânia “não é um lugar, com todo o respeito, como o Iraque ou o Afeganistão, que têm enfrentado conflitos por décadas”. E, ao falar da guerra em Kiev, a capital ucraniana, foi além: “Essa é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia - e também preciso escolher essas palavras com cuidado -, na qual não se esperava que isso acontecesse”. É difícil até imaginar o que o

jornalista teria dito se o não tivesse tido esse suposto cuidado com a escolha das palavras.

A BBC deu espaço para um ex-vice-procurador-geral da Ucrânia, sem questionar suas declarações, que, em uma entrevista, disse o seguinte: “Eu fico muito emocionado porque vejo europeus com olhos azuis e cabelos loiros sendo mortos todos os dias”. Já um jornalista da ITV adotou uma linha parecida: “O impensável aconteceu com eles. E esse não é um país em desenvolvimento do terceiro mundo. É a Europa” (BAYOUMI, 2022).

No Telegraph, um jornalista escreveu que os ucranianos “assistem Netflix e têm contas no Instagram, votam em eleições livres e leem jornais sem censura” para concluir que “a guerra não é mais algo que afeta populações empobrecidas e remotas”. Para ele, o que “choca” é que “eles se parecem tanto conosco [europeus]”. Na BFM TV, outro jornalista escancarou o racismo, citando a Síria: “Não estamos falando de sírios que fogem dos bombardeios do regime sírio apoiado por Putin. Estamos falando de europeus que partem em carros que se parecem com os nossos para salvar as suas vidas” (BAYOUMI, 2022).

Até mesmo na Al Jazeera, de onde supostamente se esperaria uma visão menos eurocentrista, houve um caso digno de nota. Nas palavras de um âncora da emissora do Catar:

Olhando para eles, a forma como estão vestidos, esses [refugiados] são prósperas - não gosto de usar a expressão - pessoas de classe média. Esses não são obviamente refugiados que procuram fugir de áreas do Oriente Médio que ainda se encontram em um grande estado de guerra. Essas não são pessoas que tentam fugir de áreas no Norte de África. Eles se parecem com qualquer um (BAYOUMI, 2022).

Vale destacar, ainda, que o racismo também esteve presente na fronteira da Ucrânia com outros países europeus, onde negros de origem africana que já viviam em solo ucraniano tentavam escapar da guerra, mas eram simplesmente jogados para fora de trens (RAY, 2023).

A cobertura da mídia, como se percebe pelos casos relatados anteriormente, foi muito mais receptiva aos ucranianos em relação aos sírios. Isso ajudou a “mobilizar a ação cidadã e política a favor do acolhimento dos refugiados ucranianos, ao contrário do que aconteceu em 2015 com o drama dos refugiados sírios” (REILLY; FLINN, 2022 apud SALES, 2023, p. 1-2).

Para Sales (2023, p. 4-5), a cobertura da mídia se baseou em um duplo

padrão no tratamento com sírios e ucranianos, gerando “sentimentos e percepções negativas contra a chegada de pessoas do Oriente Médio às costas europeias”. Segundo ele, com uma cobertura enviesada e estereotipada, “narrativas positivas foram criadas com base no pretexto de que os ucranianos são pessoas educadas e se parecem com europeus”.

Enquanto isso, a cobertura sobre os sírios teve um foco menos humanitário, com prioridade para questões como ameaça à segurança devido a um suposto aumento do risco de terrorismo e o impacto econômico casuado pela chegada dos refugiados, bem como as diferenças culturais entre os sírios e os europeus (CHOULIARAKI; ZABOROWSKI, 2017; GEORGIU; ZABOROWSKI, 2018; GREUSSING; BOOMGAARDEN, 2017 apud SALES, 2023, p. 5). Portanto,

o povo sírio foi retratado no horário nobre da televisão como uma ameaça aos valores culturais europeus e à estabilidade econômica da União Europeia. Esse enquadramento contribuiu para o aumento de sentimentos e políticas anti-imigrantes em muitos países europeus, enquanto os meios de comunicação social também contribuíram para a propagação de desinformação e para a polarização da opinião pública (SALES, 2023, p. 5)

Por fim, convém mencionar os atuais acontecimentos no Oriente Médio a respeito da Faixa de Gaza e do Líbano, que têm sido alvos do governo de Israel. É provável que os próximos dados sobre refugiados incluam números maiores de palestinos e libaneses, assim como de países vizinhos entre aqueles que mais recebem essas pessoas. Já se sabe que há muita gente deixando o Líbano rumo à Síria, de onde tantos outros fugiram anos atrás (SWELL; AJI, 2024).

Os elementos aqui trazido apontam para o que seria mais uma manifestação do Orientalismo no atual século XXI em que se reproduz a imagem inventada de um Oriente perigoso e que precisa de ajuda e de ser ocupado ou combatido pelo Ocidente, tal qual sugeriu Said no final da década de 1979, ou seja, poderíamos dizer que estamos diante de um Orientalismo repaginado evidenciado pelos fluxos migratórios e de refugiados.

### **3.4. Considerações parciais**

Iniciamos este capítulo com a conceituação do termo refugiado e

problematização do instituto do refúgio, com base na Convenção das Nações Unidas Relativa ao Estatuto dos Refugiados. Vimos como o referido documento apresentava deficiências ao limitar o tempo e espaço de quem poderia se enquadrar na definição, excluindo, na prática, não europeus. Mostramos como o Protocolo Relativo ao Estatuto dos Refugiados, a Convenção de Kampala e a Declaração de Cartagena buscaram corrigir esses problemas.

Feita essa contextualização referente ao termo, partimos, em seguida, para a explicação do que foi a crise de refugiados de 2015 em si, desde sua origem na Síria até dados sobre o fluxo migratório daquele período, de acordo com relatório do Acnur. Trouxemos, também, as posturas de Reino Unido e Catar diante de tal episódio, por serem os países onde ficam as sedes de BBC e Al Jazeera, respectivamente.

Enfim, atualizamos os dados do Acnur sobre os refugiados, discorremos a respeito da situação humanitária na atualidade, com seus impactos especialmente na política, e ressaltamos como houve um duplo padrão no tratamento de sírios e ucranianos na Europa, caracterizando a crise de refugiados de 2015 como um evento significativo da expressão atualizada do Orientalismo.

## **CAPÍTULO 4**

### **A CRISE DE REFUGIADOS DE 2015 SEGUNDO BBC E AL JAZEERA**

Este capítulo é dividido em três partes. Na primeira e na segunda, mostramos os resultados das análises quantitativa e qualitativa do material selecionado, respectivamente. Na quantitativa, apresentamos os dados de maneira mais bruta, de forma a introduzir o que se vê na qualitativa, com uma apresentação mais explicativa e aprofundada. Cada uma dessas partes tem um subtópico para tratar especificamente do cruzamento de determinados dados considerados pertinentes que nos parecem importantes achados oferecidos por

esta pesquisa aos debates sobre a cobertura midiática e o comportamento da mídia diante de eventos críticos da política internacional. A terceira parte, enfim, corresponde às considerações parciais.

#### 4.1. Os achados por categorias: análise quantitativa

Antes de iniciar a análise, para efeito de melhor compreensão, reproduzimos, abaixo, o quadro com as explicações de cada categoria.

**Quadro 5** – Reprodução das categorias da análise de conteúdo

<b>Categoria</b>	<b>Descrição</b>
Autoria	Se a matéria tem identificação nominal na autoria, mesmo que apenas em algum trecho do texto (1A), não tem identificação nominal, mas diz ter usado conteúdo de agência de notícia (2A) ou não tem identificação nominal, nem diz ter usado conteúdo de agência de notícia (3A)
Formato	Se o texto é um artigo de opinião (1B), uma reportagem (2B) ou uma notícia factual (3B)
Fonte	Se a matéria tem os próprios refugiados como fonte de informação (1C), de forma a dar voz a eles, se são usados outros tipos de fontes para retratar o assunto, como a governamental, ou uma análise do próprio autor, em caso de artigo de opinião (2C), ou se há uma mescla de fontes (3C)
Posicionamento	Se a matéria adota um posicionamento a favor do acolhimento aos refugiados (1D), contrário (2D) ou se isso não está explícito (3D)
Inferiorização	Se, em algum momento, os refugiados ou sua origem são tratados como inferiores aos europeus (1E) ou não (2E)
Impacto	Se o texto trata dos impactos da crise dos refugiados na política (1F), na percepção da sociedade (2F) ou em ambas as áreas (3F)
Tipo de Orientalismo	Se a matéria apresenta características do Orientalismo de forma deliberada (1G) ou de forma não intencional/estrutural (2G); ou se não apresenta característica alguma do

Orientalismo (3G); ou se, além de não apresentar característica alguma, adota uma postura crítica em relação ao Orientalismo, eventualmente apresentando alternativas a ele (4G)

Perspectiva

Se a matéria retrata mais o drama dos refugiados (1H), de quem os recebe (2H), de ambos (3H) e ou de nenhum (4H)

**Fonte:** elaboração do autor

Considerando as 15 matérias da BBC e 34 da Al Jazeera selecionadas pela metodologia deste trabalho, verifica-se que, no caso do primeiro veículo, oito tiveram identificação nominal de autoria (1A) - 53,33% -, enquanto sete não tiveram qualquer tipo de identificação de autoria (3A) - 46,67%. Em relação ao segundo veículo, 21 tiveram identificação - 61,76% - e apenas uma não teve - 2,94% -, além de outras 12 - 35,29% - que também não tiveram identificação nominal, mas deixaram explícito que foram utilizados conteúdo de agência de notícia (2A).<sup>13</sup>

Os dados apontam, portanto, que, na BBC, houve um equilíbrio entre matérias que foram assinadas por alguém e aquelas nas quais não consta assinatura, nem qualquer tipo de referência à agência de notícia. Já a Al Jazeera usou e identificou conteúdo de agência de notícia, mas contou com muito mais matérias assinadas por alguém, o que sugere um possível maior interesse em se posicionar do que a Al Jazeera.

**Quadro 6** – Autoria das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1A</b>	<b>2A</b>	<b>3A</b>
<b>BBC</b>	8 (53,33%)	0	7 (46,67%)
<b>Al Jazeera</b>	21 (61,76%)	12 (35,29%)	1 (2,94%)

**Fonte:** elaboração do autor

Sobre o formato das matérias, a BBC teve somente um artigo de opinião (1B) - 6,67% - e cinco notícias factuais (1C) - 33,33% -, ao passo que a maioria

<sup>13</sup> Em alguns momentos da análise quantitativa, a soma das porcentagens não resultará em 100% devido a arredondamentos.

dos textos foi reportagem (2B) - 60% -, que se diferencia de uma notícia factual ao não só relatar um fato, mas explicá-lo com mais profundidade por meio, por exemplo, de entrevistas com especialistas. Na Al Jazeera, esses números estão em patamares mais próximos: 13 artigos de opinião - 38,24% -, dez notícias factuais - 29,41% - e 11 reportagens - 32,35%.

Dessa forma, nota-se que o veículo britânico deu mais prioridade a reportagens, com menos espaço para notícias factuais e praticamente nenhum para textos opinativos. O catari, por sua vez, recorreu mais a artigos de opinião, sem deixar de lado as demais opções de formato. Não se pode dizer que a escolha por mais artigos de opinião seja editorial, do próprio veículo, ou um resultado da demanda de quem os escreve e procura o veículo. O que se pode dizer é que a Al Jazeera foi mais opinativa, e a BBC, explicativa.

**Quadro 7** – Formato das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1B</b>	<b>2B</b>	<b>3B</b>
<b>BBC</b>	1 (6,67%)	9 (60%)	5 (33,33%)
<b>Al Jazeera</b>	13 (38,24%)	11 (32,35%)	10 (29,41%)

**Fonte:** elaboração do autor

Em relação às fontes, tanto a BBC quanto a Al Jazeera se valeram muito mais de fontes que não foram os próprios refugiados, podendo estas ser oficiais ou o próprio autor do texto, em caso de um artigo de opinião. No primeiro caso, duas matérias tiveram os refugiados como fonte (1C) - 13,33% -, com oito utilizando outras fontes (2C) - 53,33%. No segundo, apenas uma com os refugiados como fonte - 2,94% -, e impressionantes 27 com outras fontes - 79,41% -, o que se explica, em parte, pelo alto número de artigos de opinião.

Houve, ainda, textos com mesclas de fontes (3C): 5 da BBC - 33,33% -, e 6 da Al Jazeera - 17,65%. Mesmo somando os dados de 3C com 1C, ou seja, mescla de fontes e refugiados como fonte, respectivamente, observa-se que ambos os veículos deram muito menos voz aos refugiados na comparação com outras fontes. Em outras palavras, em uma cobertura sobre a crise de refugiados, eles não foram devidamente ouvidos.

**Quadro 8** – Fontes das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1C</b>	<b>2C</b>	<b>3C</b>
<b>BBC</b>	2 (13,33%)	8 (53,33%)	5 (33,33%)
<b>Al Jazeera</b>	1 (2,94%)	27 (79,41%)	6 (17,65%)

**Fonte:** elaboração do autor

Quanto ao posicionamento das matérias, os dois veículos adotaram uma postura a favor do acolhimento dos refugiados (1D) na maior parte das matérias: 12 na BBC - 80% - e 28 na Al Jazeera - 82,35%. Tal fato mostra que ambos, apesar de construírem imagens e ideias outras sobre os refugiados sírios nesta crise de 2015, também buscam contribuir com a sensibilização da opinião pública sobre o evento dos fluxos de saída da Síria em um contexto de conflito em que a empatia humana é valorizada. Logo, apesar de eles serem pouco ouvidos do ponto de vista jornalístico, a causa dos refugiados, de uma forma geral, foi retratada como algo positivo.

Tanto é que só uma matéria da Al Jazeera adotou um posicionamento contrário ao acolhimento dos refugiados (2D) - 2,94%, e nenhuma da BBC. Constatou-se também que, em três textos dos britânicos - 20% - e cinco dos cataris - 14,71% -, a postura foi mais neutra, não ficando explícito um posicionamento a favor ou contrário ao acolhimento dos refugiados (3D).

**Quadro 9** – Posicionamento das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1D</b>	<b>2D</b>	<b>3D</b>
<b>BBC</b>	12 (80%)	0	3 (20%)
<b>Al Jazeera</b>	28 (82,35%)	1 (2,94%)	5 (14,71%)

**Fonte:** elaboração do autor

No que se refere à inferiorização dos refugiados nas matérias de BBC e Al Jazeera, trata-se de algo que ocorreu (1E) em quatro matérias da primeira - 26,67% - e em outras quatro da segunda - 11,76% -, isto é, bem menos do que as 11 do veículo britânico - 73,33% - e 30 do catari - 88,24% - em que não houve inferiorização (2E).

Mais uma vez, pode-se dizer que, embora em ambos os veículos haja

uma maior frequência de outras fontes falando sobre os refugiados do que eles falando sobre si mesmos, não houve mais casos em que eles ou suas origens foram retratados como inferiores aos europeus, diferentemente do que se poderia pensar a princípio.

**Quadro 10** – Inferiorização dos refugiados nas matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1E</b>	<b>2E</b>
<b>BBC</b>	4 (26,67%)	11 (73,33%)
<b>Al Jazeera</b>	4 (11,76%)	30 (88,24%)

**Fonte:** elaboração do autor

Os dados encontrados também indicam que as matérias da BBC trataram um pouco mais dos impactos da crise dos refugiados na política, seja doméstica, seja internacional (1F) do que na percepção da sociedade (2F), com seis - 40% - e cinco - 33,33% - textos para cada um desses pontos, respectivamente. Na Al Jazeera, por seu turno, a diferença foi maior: 17 matérias trataram dos impactos na política - 50% - à medida em que 10 - 29,41% - abordaram os impactos na percepção da sociedade.

Assim, é possível afirmar que, nas duas coberturas, os desdobramentos da crise de refugiados foram mais focalizados na política do que na percepção da sociedade. Registra-se, ainda, que houve textos que trataram dos impactos em ambas as áreas ao mesmo tempo: quatro da BBC - 26,67% -, e sete da Al Jazeera - 20,59%.

**Quadro 11** – Impacto das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1F</b>	<b>2F</b>	<b>3F</b>
<b>BBC</b>	6 (40%)	5 (33,33%)	4 (26,67%)
<b>Al Jazeera</b>	17 (50%)	10 (29,41%)	7 (20,59%)

**Fonte:** elaboração do autor

No que tange ao tipo de Orientalismo, identifica-se quatro possibilidades: se a matéria apresenta características do Orientalismo de forma deliberada (1G), de forma não intencional/estrutural (2G), se não apresenta característica alguma do Orientalismo (3G) ou se, além de não apresentar característica alguma, adota uma postura crítica em relação ao Orientalismo, eventualmente apresentando

alternativas a ele (4G).

Diante de nossa análise, temos que dez 10 matérias da BBC não apresentaram característica alguma do Orientalismo - 66,67% -, enquanto três apresentaram de forma não intencional/estrutural - 20%. Uma apresentou de forma deliberada - 6,67% -, e outra, além de apresentar característica alguma, adotou uma postura crítica – 6,67%.

Já em relação às matérias da Al Jazeera, de forma parecida com as da BBC, 21 não apresentaram característica alguma do Orientalismo - 61,76%. Contudo, de forma diferente do veículo britânico, o catari, em suas matérias, não só não apresentou característica alguma, como também adotou uma postura crítica em seis textos - 17,65%. Além disso, quatro apresentaram de forma deliberada - 11,76% -, e três, de forma não intencional - 8,82%.

**Quadro 12** – Tipo de Orientalismo das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1G</b>	<b>2G</b>	<b>3G</b>	<b>4G</b>
<b>BBC</b>	1 (6,67%)	3 (20%)	10 (66,67%)	1 (6,67%)
<b>Al Jazeera</b>	4 (11,76%)	3 (8,82%)	21 (61,76%)	6 (17,65%)

**Fonte:** elaboração do autor

Enfim, na categoria referente à perspectiva, podemos notar que as matérias da BBC retrataram mais o drama de quem recebe os refugiados (2H), em oito oportunidades - 53,33%. O mesmo ocorreu nas da Al Jazeera, em 15 oportunidades - 44,12%. No veículo britânico, três retratam o drama dos refugiados (1H), também três o de ambos (3H) - 20% cada - e uma de nenhum (4H) - 6,67%. No catari, nove retrataram o drama dos refugiados - 26,47% -, seis de nenhum - 17,65% - e quatro de ambos - 11,76%.

Dito isto, tem-se que, em ambas as coberturas, o drama predominante foi o de quem recebe os refugiados em vez do drama vivido pelos próprios refugiados. Porém, nota-se também que houve, proporcionalmente, mais matérias da Al Jazeera que retrataram o drama dos refugiados ou ficaram neutras, retratando nenhum dos lados, do que da BBC.

**Quadro 13** – Perspectiva das matérias de BBC e Al Jazeera

	<b>1H</b>	<b>2H</b>	<b>3H</b>	<b>4H</b>
--	-----------	-----------	-----------	-----------

<b>BBC</b>	3 (20%)	8 (53,33%)	3 (20%)	1 (6,67%)
<b>Al Jazeera</b>	9 (26,47%)	15 (44,12%)	4 (11,76%)	6 (17,65%)

Fonte: elaboração do autor

#### 4.1.1. Cruzando dados quantitativos

Uma vez considerada a categoria “Tipo de Orientalismo” como a mais relevante para esta pesquisa, decidiu-se cruzar os dados da mesma com os das outras, começando pela autoria. Nas tabelas, as porcentagem foram retiradas por perderem a importância no todo quando os dados são cruzados e analisados separadamente. E, a partir de agora, para evitar uma escrita repetitiva, não serão especificados de novo o que significa cada combinação de números e letras das categorias, e apenas os achados mais pertinentes serão mencionados.

Em relação à BBC, verifica-se que, das dez matérias que não apresentaram característica alguma do Orientalismo, cinco tiveram identificação de autoria, enquanto as outras cinco não, ou seja, a questão da autoria não parece ter tido um peso significativo para determinar a ausência de elementos orientalistas. No caso da Al Jazeera, há uma diferença, já que a grande maioria dos textos sem Orientalismo tiveram a autoria devidamente identificada, em 13 vezes, ou pelo menos deixaram explícito que foi utilizado conteúdo de agência, em sete vezes.

Um ponto que chama a atenção é que, em ambos os veículos, todos os textos que, além de não terem tido alguma característica do Orientalismo, adotaram uma postura crítica, eventualmente apresentando alternativas, foram assinados por alguém (um da mídia britânica, e seis da catari), isto é, nota-se que, para ser mais crítico, é necessário mais exposição, não sendo possível deixar a autoria oculta ou se basear em agência.

**Quadro 14** – Tipo de Orientalismo x autoria das matérias de BBC e Al Jazeera

<b>BBC</b>	<b>1A</b>	<b>2A</b>	<b>3A</b>
<b>1G</b>	0	0	1
<b>2G</b>	2	0	1
<b>3G</b>	5	0	5
<b>4G</b>	1	0	0

<b>Al Jazeera</b>	<b>1A</b>	<b>2A</b>	<b>3A</b>
<b>1G</b>	2	2	0
<b>2G</b>	0	3	0
<b>3G</b>	13	7	1
<b>4G</b>	6	0	0

**Fonte:** elaboração do autor

No que se refere ao formato das matérias da BBC, percebe-se que oito das dez que não apresentam característica do Orientalismo são reportagens, dando a entender que, em textos mais profundos, como são as reportagens na comparação com notícias factuais e artigos de opinião, a tendência é ter menos generalizações e, portanto, menos Orientalismo. Por outro lado, todas as três matérias que apresentam característica do Orientalismo de forma não intencional são notícias factuais, que tendem a ser menos elaboradas.

Nas matérias da Al Jazeera que não são orientalistas, a diferença entre a quantidade de reportagens, notícias factuais e artigos de opinião é bastante reduzida, mas, mesmo assim, o primeiro desses três formatos é mais frequente. Ainda se tratando do veículo catari, dos seis textos que adotam uma postura crítica ao Orientalismo, quatro são artigos de opinião, enquanto dois se enquadram como reportagens, e nenhum é notícia factual. Mais uma vez, pode-se dizer que, para ser crítico, é preciso se expor mais, como ocorre em um texto opinativo.

**Quadro 15** – Tipo de Orientalismo x formato das matérias de BBC e Al Jazeera

<b>BBC</b>	<b>1B</b>	<b>2B</b>	<b>3B</b>
<b>1G</b>	0	0	1
<b>2G</b>	0	0	3
<b>3G</b>	1	8	1
<b>4G</b>	0	1	0

  

<b>Al Jazeera</b>	<b>1B</b>	<b>2B</b>	<b>3B</b>
<b>1G</b>	2	0	2
<b>2G</b>	0	1	2
<b>3G</b>	7	8	6



No que diz respeito ao posicionamento das matérias da BBC e Al Jazeera, confirmou-se, em ambos os casos, o que já se esperava: as que se posicionaram a favor do acolhimento aos refugiados foram majoritariamente aquelas que não apresentaram característica do Orientalismo.

Na Al Jazeera, vieram, em seguida, os textos que adotaram uma postura crítica ao Orientalismo, o que também é normal. Já na BBC, vieram, em seguida, os textos que tiveram Orientalismo de forma não intencional. Em outras palavras, são textos que, apesar de serem orientalistas em algum ponto, buscam, em linhas gerais, serem favoráveis aos refugiados.

Chama a atenção, porém, um texto da BBC que apresentou característica do Orientalismo de forma deliberada, mas adotou um posicionamento favorável aos refugiados, e um texto da Al Jazeera que não apresentou característica do Orientalismo, mas adotou um posicionamento contrário aos refugiados. Esses dois textos serão tratados de maneira específica mais à frente, na parte da análise qualitativa.

**Quadro 17** – Tipo de Orientalismo x posicionamento das matérias de BBC e Al Jazeera

<b>BBC</b>	<b>1D</b>	<b>2D</b>	<b>3D</b>
<b>1G</b>	1	0	0
<b>2G</b>	3	0	0
<b>3G</b>	7	0	3
<b>4G</b>	1	0	0

  

<b>Al Jazeera</b>	<b>1D</b>	<b>2D</b>	<b>3D</b>
<b>1G</b>	2	0	2
<b>2G</b>	2	0	1
<b>3G</b>	18	1	2
<b>4G</b>	6	0	0

**Fonte:** elaboração do autor

Em relação à inferiorização, as matérias da BBC não causam surpresa: todas que apresentaram característica do Orientalismo de forma deliberada ou não intencional retrataram os refugiados ou sua origem como inferiores, ao passo que todas que não apresentaram característica do Orientalismo ou adotaram uma postura crítica ao mesmo foram na direção contrária, ou seja, sem

inferiorização.

Por sua vez, a Al Jazeera, embora a maioria de suas matérias siga esse padrão, há um caso de texto que apresentou característica do Orientalismo de forma deliberada, mas sem inferiorização, e outros dois que apresentaram característica do Orientalismo de forma não intencional, também sem inferiorização. Na análise qualitativa, entraremos em detalhes para explicar como isso foi possível.

**Quadro 18** – Tipo de Orientalismo x inferiorização nas matérias de BBC e Al Jazeera

<b>BBC</b>	<b>1E</b>	<b>2E</b>
<b>1G</b>	1	0
<b>2G</b>	3	0
<b>3G</b>	0	10
<b>4G</b>	0	1

  

<b>Al Jazeera</b>	<b>1E</b>	<b>2E</b>
<b>1G</b>	3	1
<b>2G</b>	1	2
<b>3G</b>	0	21
<b>4G</b>	0	6

**Fonte:** elaboração do autor

Sobre o impacto das matérias da BBC, vê-se que aquelas sem característica do Orientalismo focaram principalmente nos impactos na sociedade, em quatro ocasiões, contra três que focaram na política e outras três que focaram em ambas as áreas. Enquanto isso, o foco foi na política no caso das que apresentaram característica do Orientalismo de forma deliberada ou não intencional.

Dito de uma outra maneira, na BBC, se o texto trata dos impactos na política, é mais provável que haja características orientalistas. E, se o texto trata dos impactos na sociedade, é mais provável que não haja esse tipo de característica. Contudo, nas matérias da Al Jazeera, a primeira lógica se repete, mas a segunda não, já que a maioria das matérias sem Orientalismo tratou mais dos impactos na política, e não na sociedade.

**Quadro 19** – Tipo de Orientalismo x impacto das matérias de BBC e Al Jazeera

<b>BBC</b>	<b>1F</b>	<b>2F</b>	<b>3F</b>
<b>1G</b>	1	0	0
<b>2G</b>	2	1	0
<b>3G</b>	3	4	3
<b>4G</b>	0	0	1

  

<b>Al Jazeera</b>	<b>1F</b>	<b>2F</b>	<b>3F</b>
<b>1G</b>	2	2	0
<b>2G</b>	2	0	1
<b>3G</b>	10	7	4
<b>4G</b>	3	1	2

**Fonte:** elaboração do autor

Finalmente, quanto à perspectiva das matérias da BBC, detecta-se que todas as que apresentaram característica do Orientalismo de forma deliberada ou não intencional retrataram a perspectiva de quem recebe os refugiados em vez da perspectiva dos mesmos, enquanto houve um equilíbrio no que se refere às que não apresentaram características orientalistas, e o único texto que adotou uma postura crítica ao Orientalismo retrata a perspectiva dos refugiados. Na Al Jazeera, esses padrões se repetem.

**Quadro 20** – Tipo de Orientalismo x perspectiva das matérias de BBC e Al Jazeera

<b>BBC</b>	<b>1H</b>	<b>2H</b>	<b>3H</b>	<b>4H</b>
<b>1G</b>	0	1	0	0
<b>2G</b>	0	3	0	0
<b>3G</b>	3	3	3	1
<b>4G</b>	0	1	0	0

  

<b>Al Jazeera</b>	<b>1H</b>	<b>2H</b>	<b>3H</b>	<b>4H</b>
<b>1G</b>	0	2	0	2
<b>2G</b>	0	1	1	1
<b>3G</b>	9	9	2	1
<b>4G</b>	0	3	1	2

**Fonte:** elaboração do autor

## 4.2. Compreendo os achados: análise qualitativa

Na análise qualitativa, não pretendemos dedicar muito tempo à categoria “Autoria” por esta ter uma característica mais quantitativa, mas vale a pena registrar que é possível haver identificação parcial de autoria, como em *Migrant crisis: PM says UK will fulfil moral responsibilities*, publicada pela BBC em 3 de setembro de 2015.

O texto começa de uma forma comum na BBC: sem identificação de autoria, nem mesmo indicando que conteúdo de agência de notícia foi utilizado. Pode-se supor que o mais adequado seja aplicar o clássico “Da Redação”, quando um redator da equipe de um veículo de comunicação, geralmente com menos experiência profissional do que um repórter, apenas redige informações públicas.

Porém, no fim do texto, há uma análise de Laura Kuenssberg, acreditada como editora política da BBC. Por isso, a matéria foi classificada como tendo sua autoria identificada, mas de forma parcial. Também convém mencionar o texto *German volunteers launch ‘Airbnb for refugees’*, de 9 de setembro de 2015, o único da Al Jazeera sem identificação de autoria. O veículo catari geralmente identifica o nome do autor ou, ao final, diz que recorreu a agências de notícias. Neste, contudo, aparece apenas “Al Jazeera”, o que seria uma espécie de “Da Redação”.

De volta à primeira matéria citada, e já partindo para a categoria “Formato”, a análise da editora de política da BBC por si só não interfere no fato de se tratar principalmente de uma notícia factual, já que a parte analítica está somente no fim, depois das informações factuais, contextualizando-as, não se tratando, portanto, de uma reportagem ou um artigo de opinião.

Um bom exemplo de artigo de opinião é *Refugee crisis: Where are the Gulf countries?*, da Al Jazeera. Publicado em 6 de setembro de 2015 por Afzal Ashraf, consultor do *Royal United Services Institute*, o autor se concentra em criticar os países árabes do Golfo por fazerem pouco pelos refugiados. Coincidentemente, um artigo de opinião sobre o mesmo assunto é *Migrant crisis: Why the Gulf states are not letting Syrians in*, publicado pela BBC - aliás, o único artigo de opinião deste veículo - um dia depois e assinado por Michael Stephens,

que é o chefe do escritório no Catar do mesmo instituto no qual Ashraf trabalha como consultor.

No entanto, os textos trazem focos distintos. O da BBC busca mostrar que os países do Golfo estavam fazendo alguma coisa, mas poderiam fazer mais, ao passo que o da Al Jazeera é mais duro nas suas críticas, até mesmo tentando tirar um pouco da responsabilidade do Ocidente. Ressaltamos que considerando que o primeiro veículo é o britânico e o segundo é catari, os papéis, no que se refere ao foco, estão, em tese, invertidos. Os dois trechos abaixo ilustram essa diferença.

Uma raiva particular tem sido direcionada aos Estados árabes do Conselho de Cooperação do Golfo (Arábia Saudita, Bahrein, Kuwait, Qatar, Omã e Emirados Árabes Unidos), que mantiveram firmemente fechadas as suas portas aos refugiados. Em meio às críticas, é importante lembrar que os Estados do Golfo não ficaram parados e nada fizeram pelos refugiados da Síria. (BBC, 2015, tradução nossa).

A crise dos refugiados não só exige uma solução urgente, mas também levanta questões fundamentais sobre a natureza da política e da liderança no mundo árabe e muçulmano. [...] Uma hashtag popular em árabe “Consciência Árabe” argumentou que o mundo árabe está ignorando os refugiados árabes, que procuravam salvação no Ocidente. Outra campanha pediu aos Estados ricos do Golfo que relaxassem as suas regras sobre os refugiados (Al Jazeera, 2015, tradução nossa).

Quanto à categoria “Fonte”, a BBC publicou, em 7 de setembro de 2015, um texto intitulado *Laith Al Saleh: This viral photo falsely claims to show an IS fighter posing as a refugee*, que desmente uma publicação no Facebook, segundo a qual um refugiado sírio supostamente seria um terrorista. “Lembram desse rapaz? Posando para fotos do Estado Islâmico no ano passado - agora, ele é um ‘refugiado’” (tradução nossa), diz o autor da publicação.

Figura 3 – Publicação no Facebook desmentida em matéria da BBC



Fonte: BBC

Em um caso como esse, o ideal é encontrar a pessoa que está sendo acusada de ser um terrorista. Foi o que a *Associated Press* fez, e a BBC, embora não tenha sido responsável por entrevistá-lo, repercutiu, dando os devidos créditos. Logo, a fonte dessa matéria é o próprio refugiado, que, antes de fugir da destruição de sua cidade natal, Aleppo, lutou pelo grupo Exército Livre da Síria, de oposição ao governo, mas não terrorista. “Na Síria, a Al Qaeda quer me pegar, o Daesh [Estado Islâmico], o governo - eu lutei contra todos eles. Não me importo. Algumas pessoas estão com medo. Eu não estou” (tradução nossa), explicou.

A crise de refugiados sírios de 2015 fez com que a mídia relembresse outras crises de refugiados no passado. Por exemplo, a BBC, na matéria *Migrant crisis: The refugee's post which moved thousands*, de 8 de setembro de 2015, repercutiu uma publicação viral de um refugiado vietnamita, e o entrevistou, sobre como sua mãe foi bem-recebida, em 1984, no Reino Unido, para

argumentar a favor de uma boa recepção por parte dos britânicos em relação aos refugiados oriundos da Síria.

Já a Al Jazeera publicou a matéria *A refugee tale: Memoirs of a European refugee*, em 25 de setembro de 2015. Trata-se de um texto em formato de memórias de um refugiado do Kosovo, que conta a sua trajetória, no final do século passado, e questiona qual será o futuro dos refugiados do momento.

Os três últimos textos foram os únicos que tiveram apenas os refugiados como fonte. Houve, claro, aqueles com mescla de fontes. É o caso de *Refugee crisis: Voices from the streets of Germany*, uma reportagem publicada pela Al Jazeera em 17 de setembro. Nele, a jornalista entrevista pessoas sobre suas percepções em relação à crise de refugiados. Algumas dessas pessoas são refugiados, mas nem todas.

Por outro lado, uma amostra padrão de uma matéria somente com fonte governamental é *Hungarian PM: We don't want more Muslims*. É uma notícia factual, divulgada pela Al Jazeera em 4 de setembro, destacando uma fala do primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, durante uma coletiva de imprensa. “Por favor não venham... É arriscado vir. Não podemos garantir que vocês serão aceitos” (tradução nossa), disse.

Em outro momento, o primeiro-ministro húngaro declarou que os europeus estão com medo porque as lideranças políticas não estão conseguindo controlar a situação. Para Orbán, ele “deveria ter o direito de decidir que nós [húngaros] não queremos um grande número de muçulmanos no nosso país” (tradução nossa). Apesar de repercutir falas como essas, a matéria foi classificada como tendo uma postura a favor da acolhida aos refugiados porque, como se vê a seguir, houve um posicionamento explícito da Al Jazeera, o que, porém, ficou no final do texto e poderia ter aparecido antes.

A Hungria tem sido amplamente criticada pela sua forma de lidar com o fluxo de refugiados para a Europa. Uma cerca na fronteira com a Sérvia é uma das várias medidas em curso para dificultar a entrada e permanência de refugiados na Hungria. O governo também está endurecendo as leis de asilo, introduzindo penalidades para travessia ilegal das fronteiras e a planejando fechar permanentemente campos de refugiados (AL JAZEERA, 2015, tradução nossa).

A única matéria da Al Jazeera cujo posicionamento foi considerado contrário à acolhida aos refugiados foi *We're missing the point about Syrian*

*refugees*, um artigo de opinião de Hamish de Bretton-Gordon, conselheiro de organizações não governamentais operando na Síria e no Iraque para assuntos relacionados a armas químicas, publicado em 5 de setembro de 2015.

O autor defende uma mudança na abordagem em relação aos refugiados no sentido de ter menos destaque ao recebimento dos mesmos por parte de países europeus. Para ele, o ideal teria sido promover uma união de esforços contra grupos terroristas e o governo da Síria de modo a proporcionar um retorno seguro dos refugiados sírios ao seu país, o que, na sua visão, seria melhor para eles do que ficar na Europa. Em seu artigo de opinião, Bretton-Gordon escreveu que

Devemos criar 'zonas seguras' e uma zona de exclusão aérea agora a fim de levar os sírios de volta à Síria. Isto será melhor para o povo sírio; será rentável e moralmente muito melhor para a Síria do que permitir potencialmente cinco milhões de refugiados sírios na Europa e no Médio Oriente. O Reino Unido, com os seus aliados na coligação militar internacional, deve intensificar a luta contra o Estado Islâmico e pressionar para remover Bashar al-Assad da Síria a fim de criar um ambiente habitável para os civis na Síria (AL JAZEERA, 2015, tradução nossa).

Ainda no que tange à categoria “Posicionamento”, um caso interessante de postura favorável da BBC é a reportagem *How Sweden tries to assimilate its influx of refugees*, de 21 de setembro de 2015. O texto tem como objetivo mostrar a estratégia da Suécia sobre o acolhimento aos refugiados e repercute falas positivas, como quando o ministro sueco da Imigração, Morgan Johansson, diz que uma boa parte dos refugiados consiste em pessoas capacitadas e que, por isso, vão ajudar a economia local.

Por outro lado, um caso de matéria sem posicionamento explícito é *Europe gets 8,000 refugees daily - UN*, de 25 de setembro de 2015. O texto é uma notícia factual clássica, apenas relatando dados oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU) relacionados ao fluxo de refugiados em direção ao continente europeu, sem tomar um lado específico.

Já no que se refere à categoria “Inferiorização”, esta pode se manifestar tanto na reprodução de declarações de líderes políticos quanto na escrita do próprio jornalista. Na primeira situação, destaca-se a matéria da BBC *UK to accept 20,000 refugees from Syria by 2020*, de 7 de setembro de 2015. Nela, há uma frase do então primeiro-ministro britânico, David Cameron, colocando o

Reino Unido em uma suposta posição de superioridade em relação aos refugiados: “Continuaremos a mostrar ao mundo que este país é um país de compaixão extra, sempre defendendo os nossos valores e ajudando os necessitados” (tradução nossa), disse.

A segunda situação se vê presente na matéria *Migrant crisis: More EU states impose border checks*, de 14 de setembro de 2015. O texto, sem identificação de autoria, é uma notícia factual que aborda o aumento do controle nas fronteiras de países europeus e, em dado momento, o redator afirma que “a maioria dos migrantes que surgiram na Hungria nas últimas semanas fugiu de conflito, opressão e pobreza na Síria, no Iraque, no Afeganistão e na Eritreia” (tradução nossa).

Um outro exemplo, e que, por sinal, também trata da Hungria, é *Refugees begin arriving at Hungary-Austria border*, matéria da Al Jazeera de 5 de setembro de 2015. Sem identificação de autoria, a notícia factual declara, de uma maneira bem generalizada, que, com as novas medidas de segurança adotadas após confrontos entre a polícia e os refugiados, o governo húngaro estaria, de certa forma, admitindo que “perdeu o controle diante do número esmagador de refugiados determinados a chegar à Europa Ocidental, tendo fugido da guerra e da pobreza no Médio Oriente, África e Ásia”.

Na categoria “Impacto”, um exemplo interessante de matéria que trata do impacto da crise de refugiados na política também diz respeito à Hungria. O texto *Hungary’s defence minister resigns over refugee crisis*, publicado pela Al Jazeera em 7 de setembro de 2015, não poderia ser mais ilustrativo. A notícia factual discorre sobre a renúncia do Ministro húngaro da Defesa, Csaba Hende, devido às dificuldades enfrentadas com o grande fluxo migratório.

Já a reportagem *Germany’s intrepid refugee helpers*, também publicada pela Al Jazeera em 7 de setembro de 2015, destaca a ação de voluntários alemães que desafiam a lei para ajudar refugiados a entrarem na Alemanha. Em outras palavras, um impacto na percepção da sociedade alemã. Por exemplo, uma das voluntárias disse que “foi bom ver como a pessoa que levamos conosco ficou tão feliz por ter encontrado esse tipo de solidariedade” (tradução nossa).

Já a matéria da BBC *Migrant crisis: What next for Germany’s asylum seekers?*, de 14 de setembro de 2015, é um caso que retrata o impacto tanto na política quanto na sociedade. A reportagem menciona as pressões sofridas pela

então chanceler da Alemanha, Angela Merkel, por parte de aliados devido à sua estratégia de receber mais refugiados, bem como explica as medidas adotadas pelo governo alemão. Além disso, o texto faz uma contextualização histórica, mostrando que essa não é a primeira vez que a sociedade alemã teve que lidar com um grande fluxo migratório.

Agora em relação à categoria “Tipo de Orientalismo”, a já mencionada matéria *Migrant crisis: More EU states impose border checks*, de 14 de setembro de 2015, é a única da BBC que apresentou característica do Orientalismo de forma deliberada, justamente em razão do trecho inferiorizante aqui reproduzido e que foi escrito pelo próprio redator do veículo britânico: “A maioria dos migrantes que surgiram na Hungria nas últimas semanas fugiu de conflito, opressão e pobreza na Síria, no Iraque, no Afeganistão e na Eritreia” (tradução nossa).

Na Al Jazeera, um exemplo de texto com característica do Orientalismo de forma deliberada é *Hundreds break past police near Hungary border*, de 8 de setembro de 2015. Logo na primeira frase da matéria, escrita com o auxílio de conteúdo de agência de notícia, há uma frase extremamente generalizante ao adjetivar os refugiados como “raivosos e frustrados” (tradução nossa).

Considerou-se como característica do Orientalismo de forma não intencional ocasiões nas quais o veículo de comunicação terceirizou declarações dessa natureza, ou seja, não colocou em suas próprias palavras, como quando um jornalista reproduziu falas de outras pessoas. Um exemplo é a matéria *Migrant crisis: UK council leaders seek more resources*, publicada pela BBC em 5 de setembro de 2015.

Nesta notícia factual sobre a atuação de líderes de conselhos do Reino Unido em busca de mais recursos para lidar com a crise de refugiados, a BBC repercutiu a fala de uma liderança de oposição ao governo britânico, que, mesmo apoiando o acolhimento aos refugiados, recorreu a uma generalização ao dizer que se tratam de “famílias desesperadas” (tradução nossa).

Porém, também é possível que haja característica do Orientalismo de forma não intencional sem terceirizar falas. Foi o que se deu na matéria *Thousands of refugees in limbo at Budapest rail station*, publicada pela Al Jazeera em 2 de setembro. Nela, o veículo catari, utilizando conteúdo de agência, simplesmente se referiu à Síria como um país “devastado pela guerra”

(tradução nossa), sem providenciar maiores contextualizações ao leitor, que poderia imaginar que o conflito estava ocorrendo por todas as partes da Síria, e não em algumas localidades específicas, como de fato ocorreu.

Casos interessantes de matérias sem característica de Orientalismo são *Migrant crisis: Middle East refugees who chose Brazil over Europe*, publicada pela BBC em 16 de setembro de 2015, e *When it comes to refugees, terminology matters*, publicada pela Al Jazeera em 1º de setembro de 2015. O primeiro texto é uma reportagem, sem generalização ou inferiorização, sobre refugiados que decidiram ir para o Brasil em vez da Europa, e o segundo é um artigo de opinião, assinado por Metin Corabatir, presidente do *Research Centre on Asylum and Migration*, que defende o uso do termo “refugiado”, com base do direito internacional, no lugar de “migrantes”.

No que diz respeito a textos que, além de não apresentarem característica do Orientalismo, adotam uma postura crítica ao mesmo, *Migrant crisis: Why Central Europe resists refugee quota*, de 22 de setembro, é o único da BBC. A reportagem aborda a resistência de países da Europa Central à política de cotas para recebimento de refugiados, e se destaca ao rebater duas situações que aconteceram na República Tcheca.

Na primeira, uma mulher tcheca ligou para a polícia relatando ter visto um homem de pele negra carregando o que aparentemente seria um rifle de sniper, mas o repórter enfatiza que, na verdade, era somente um limpador de chaminés, coberto de sujeira e segurando suas buchas. Na segunda, a polícia foi chamada para averiguar o comportamento suspeito do que seriam refugiados de pele negra no centro de uma cidade. No entanto, eram três jogadores de futebol estrangeiros que atuavam em um clube local. A reportagem diz que a República Tcheca convive com uma “histeria antirrefugiados” (tradução nossa).

Na Al Jazeera, um bom exemplo é o artigo de opinião *Cameron’s refugee calculation*, publicado pelo jornalista Alastair Sloan em 11 de setembro de 2015. Ele sustenta que o governo do Reino Unido deveria fazer mais pelos refugiados e explicitamente critica jornais, especialmente aqueles mais alinhados com a direita, que rotulam negativamente os refugiados. De acordo com seu raciocínio,

Os defensores desta visão dizem que a cobertura é simplesmente realista – não podemos nos dar ao luxo de acolher refugiados. Ignoram que os argumentos econômicos contra a migração foram derrubados

estudo após estudo – a imigração tanto dentro como fora da União Europeia teve um enorme efeito positivo no erário público (AL JAZEERA, 2015, tradução nossa).

A última categoria a ser analisada é “Perspectiva”. Uma matéria que retrata a perspectiva dos refugiados é *Tripped refugee heading to Spain’s football academy*, publicada pela Al Jazeera em 16 de setembro de 2015. É uma notícia factual que discorre sobre a situação de um refugiado que trabalhava como treinador de futebol na Síria e conseguiu um emprego nessa área na Espanha. Sua história viralizou depois de imagens terem flagrado uma jornalista húngara colocando o pé à sua frente para que ele tropeçasse.

Figura 4 – Momento em que jornalista húngara faz refugiado sírio tropeçar



Fonte: Reuters, reproduzida pela Al Jazeera

Já uma matéria que retrata a perspectiva de quem recebe os refugiados é *What more can US do to help displaced Syrians?*, publicada pela Al Jazeera em 4 de setembro de 2015. É uma reportagem que tem como objetivo mostrar o que os Estados Unidos já fizeram, estão fazendo e ainda podem fazer pelos refugiados sírios, mesmo estando geograficamente longe do conflito e não sendo

o destino imediato deles e apesar de um sentimento anti-imigração crescente no país.

Por ser economicamente forte e com um grande histórico de imigração, a verdade é que teria condições de ir muito além na ajuda aos refugiados. Além disso, o texto não aborda, por exemplo, o envolvimento americano na guerra da Síria, embora indireto, com apoio principalmente aos curdos, e acaba transmitindo uma noção de que o país não tem relação com o que se passa no Oriente Médio, mas possui um lado humanitário que prevalece, como se percebe no trecho abaixo.

Os EUA ficam a cerca de 10.745 quilômetros da Síria, longe da crise de refugiados que atualmente se desenrola na Europa. Funcionários do governo Obama dizem que estão horrorizados com o que veem, mas insistem que não podem ser os únicos a intervir e melhorar a situação. Dito isto, os EUA têm estado envolvidos na resposta humanitária desde os primeiros dias da guerra civil na Síria. [...] Autoridades dos EUA dizem que já gastaram mais de 4 bilhões de dólares desde 2011 para ajudar os sírios a escapar da guerra civil do seu país. Mas eles insistem que os EUA não podem permitir a entrada de todos. Dizem que o objetivo dos EUA, e o objetivo da comunidade internacional, é acabar com a guerra civil e fazer com que seja seguro o retorno dos sírios às suas casas (AL JAZEERA, 2015, tradução nossa).

Uma matéria que retrata, de forma equilibrada, ambas as perspectivas é a notícia factual da Al Jazeera *Record half-a-million refugees reach Europe this year*, de 29 de setembro de 2015. Em tese, poderia, a partir de dados oficiais e informações de fontes governamentais, focar apenas no lado de quem recebe, mas também mostra o drama dos refugiados ao mencionar números a respeito do resgate de pessoas durante a travessia do Mar Mediterrâneo.

Enfim, somente para o registro, a matéria *Aqeela Asifi: A life of teaching Afghan refugee girls*, de 16 de setembro de 2015, é a única da BBC que retrata nenhum dos lados, isto é, o drama dos refugiados ou de quem os recebe. A reportagem conta a história de uma refugiada afegã que trabalha como professora no Paquistão ensinando outras refugiadas de seu país há mais de 20 anos. Não aborda a crise de refugiados de 2015 especificamente, nem mostra a situação no país que está recebendo refugiados ou trajetórias de quem está escapando de conflitos, mas, sim, um caso de uma refugiada já consolidada em outro país há muito tempo.

#### 4.2.1. Cruzando dados qualitativos

Na seção 4.1.1., na qual houve o cruzamento de dados quantitativos, cinco matérias chamaram a atenção. Dessas, quatro já foram mencionadas aqui, e apenas uma ainda não. Trata-se do texto *Israel to build fence to keep refugees out*, publicado pela Al Jazeera em 6 de setembro de 2015. O que desperta o interesse a respeito dele é que, embora haja característica do Orientalismo de forma não intencional, não houve inferiorização.

O Orientalismo de forma não intencional em questão se deu na reprodução de uma fala do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, com generalização acerca dos refugiados. Ao anunciar a construção de uma cerca entre as fronteiras de Israel e da Jordânia, ele disse que não deixaria que seu país fosse “submerso por uma onda de migrantes ilegais e ativistas terroristas” (tradução nossa). A fala, sem dúvida, é problemática, pois coloca refugiados como terroristas em potencial. Contudo, não há necessariamente uma inferiorização dos mesmos em relação a outros povos.

Outra matéria com Orientalismo de forma não intencional, mas sem inferiorização, foi *Thousands of refugees in limbo at Budapest rail station*, da Al Jazeera. Como vimos, nesta reportagem, a Síria foi tratada como um país “devastado pela guerra”, mas isso é uma generalização, e não uma inferiorização. Em outras palavras, percebe-se que é, de fato, possível haver Orientalismo sem inferiorização, desde que, por outro lado, haja generalização.

O mesmo se aplica ao texto *Hundreds break past police near Hungary border*, também da Al Jazeera, que apresenta com caso de Orientalismo de forma deliberada, quando, sem terceirizar a fala, o texto do veículo catari rotula os refugiados como “raivosos e frustrados”. Mais uma vez, uma generalização, e não uma inferiorização.

Na BBC, destaca-se *Migrant crisis: More EU states impose border checks*. O texto apresenta característica de forma deliberada ao afirmar, com suas próprias palavras, que “a maioria dos migrantes que surgiram na Hungria nas últimas semanas fugiu de conflito, opressão e pobreza na Síria, no Iraque, no Afeganistão e na Eritreia”. Porém, a notícia factual adota um posicionamento favorável ao acolhimento aos refugiados por meio de uma questão curiosa: ao

final, há uma seção com informações para quem está em busca de refúgio na Europa.

Por fim, a matéria *We're missing the point about Syrian refugees*, da Al Jazeera, adota um posicionamento contrário ao acolhimento aos refugiados, mas, apesar disso, não apresenta característica do Orientalismo. Tal posicionamento se configura em razão de o autor, neste artigo de opinião, defender que se fale menos sobre países europeus recebendo refugiados e mais sobre formas de lutar contra o governo sírio e grupos terroristas para que haja uma maior segurança na Síria, e os sírios que se refugiaram possam voltar para casa. Pode-se concordar ou discordar deste argumento contra o recebimento de refugiados, mas o fato é que nele realmente não há características orientalistas.

### **4.3. Considerações parciais**

Neste capítulo, começamos analisando quantitativamente as matérias da BBC e da Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015, passando por cada uma das oito categorias da análise de conteúdo (autoria, formato, fonte, posicionamento, inferiorização, impacto, tipo de Orientalismo e perspectiva). Identificamos, por exemplo, que, proporcionalmente, a Al Jazeera teve mais textos com identificação de autoria e artigos de opinião do que a BBC, que, por sua vez, contou com mais reportagens e maior frequência de uso dos próprios refugiados como fonte.

Os dois veículos apresentaram índices muito próximos quanto ao posicionamento favorável à acolhida dos refugiados, enquanto o britânico teve mais matérias com inferiorização dos mesmos e que retratam os impactos dos fluxos migratórios para a sociedade e a perspectiva de quem os recebe. Já as do catari retrataram mais vezes os impactos na política e a perspectiva dos refugiados.

Também proporcionalmente, os textos da Al Jazeera apresentaram mais característica do que estamos entendendo por Orientalismo - uma forma de representação do Oriente por parte do Ocidente, colocando o primeiro em uma posição inferior ao segundo e utilizando generalizações e estereótipos com o objetivo de criar uma relação de dominação - de forma deliberada e, ao mesmo tempo, mais postura crítica ao Orientalismo, ao passo que os textos da BBC

apresentaram mais característica do Orientalismo de forma não intencional, e o índice de textos sem características orientalistas de ambos ficou no mesmo patamar.

Ainda na análise quantitativa, cruzamos os dados referentes aos tipos de Orientalismo com os das demais categorias e verificamos, entre outras coisas, que foi possível ter textos com Orientalismo, mas sem inferiorização e com posicionamento favorável ao acolhimento dos refugiados, assim como sem Orientalismo, mas com posicionamento contrário.

Na seção seguinte, analisamos as matérias qualitativamente, com destaque para aquelas em que a manifestação do Orientalismo ou as formas de criticá-lo estão explícitas ao generalizar os refugiados como “raivosos e frustrados”, no primeiro caso, e ao criticar abertamente jornais que rotulam negativamente as pessoas que buscam refúgio, no segundo.

## CONCLUSÃO

Chegada a conclusão, é importante, antes de mais nada, retomar a pergunta que norteou esta dissertação: de que forma a lógica de inferiorização do outro tal qual apontada no Orientalismo de Said continua vigente na prática da cobertura da mídia sobre a crise de refugiados sírios de 2015?

A partir deste problema de pesquisa, nossa hipótese de que a cobertura da BBC contribui para reforçar o Orientalismo, que inferioriza os refugiados sírios, enquanto a da Al Jazeera vai na direção oposta e, além de não ser orientalista, busca ser antiorientalista não se confirma totalmente. Isso mostra que não é possível fazer generalizações, como “BBC é orientalista” e “Al Jazeera é antiorientalista”, tendo cada qual nuances específicas, algo que se torna possível na empiria e na análise de um volume maior de matérias jornalísticas sobre o fenômeno sob nosso foco.

. No caso da BBC, 26,6% das matérias trataram os refugiados como inferiores, enquanto 73,33% não. Já em relação à Al Jazeera, os índices foram de 11,76% e 88,24%, respectivamente. Em outras palavras, percebemos que, comparando um veículo com o outro, houve, de fato, mais inferiorização dos refugiados por parte da BBC do que da Al Jazeera. Porém, examinando especificamente o veículo britânico, notamos uma maior frequência de matérias sem inferiorização.

Quanto ao tipo de Orientalismo, a lógica foi parecida, isto é, as matérias da BBC, analisadas separadamente, não apresentaram, em sua maioria, características orientalistas, somando as opções 3G (sem característica do Orientalismo) e 4G (além de não haver característica do Orientalismo, adota uma postura crítica). Por outro lado, comparando com a Al Jazeera, houve mais matérias com características orientalistas, somando as opções 1G (característica do Orientalismo de forma deliberada) e 2G (de forma não intencional), por parte do veículo britânico.

Além disso, é relevante apontar que, considerando apenas a opção 4G, ou seja, quando a matéria não só não apresenta característica alguma do Orientalismo, como também adota uma postura crítica em relação a ele, eventualmente apresentando alternativas, isso ocorreu em 17,65% das vezes com a Al Jazeera contra 6,67% da BBC. Logo, a Al Jazeera foi mais

antiorientalista do que a BBC.

Logo, chegamos à conclusão de que as coberturas de BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015, vistas separadamente, não foram majoritariamente orientalistas, mas, comparando uma com a outra, a primeira foi mais orientalista do que a segunda, sendo que o veículo catari buscou, ainda, ser mais antiorientalista do que o britânico, como era de se esperar, inclusive considerando o histórico da criação da Al Jazeera

Consideramos este resultado da pesquisa como algo bastante satisfatório, entre outras razões, porque os dados empíricos coletados para esses dois casos ajudam a mostrar o equívoco de certos preconceitos sociais, fundados com base em generalizações, além do fato de que, metodologicamente, nota-se que há muito mais explicações para os achados, isto é, há também muito mais causas para os efeitos observados (eventos são multicausais) requerendo uma análise mais aprofundada e completa e uma perspectiva sistêmica-complexa.

Dessa forma, também consideramos como atingido o objetivo geral da pesquisa, que era o de explicar de que forma as coberturas midiáticas da BBC e da Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015 reproduzem a lógica de inferiorização do outro não europeu tal qual apontadas no Orientalismo de Said. Demonstramos, qualitativamente, em diversas matérias, como características orientalistas, a exemplo de inferiorizações e generalizações, se fizeram presentes.

No primeiro capítulo, discutimos o Orientalismo como um fenômeno social e político e suas formas de manifestação contemporânea baseados nas relações assimétricas que se expressam na inferiorização do outro, e trouxemos uma conceitualização deste termo (Orientalismo), que, muitas vezes, torna-se difícil de ser definido e conceituado. Assim, a construção teórica da pesquisa, baseada na obra da Said, o que não se restringe ao primeiro livro, parece atender ao objetivo desta pesquisa de discutir o Orientalismo como um fenômeno social e político e suas formas de manifestação contemporânea, ao reforçar a díade ontológica - eu e o outro; ou o refugiado sírio e o europeu.

Cabe, nesta conclusão, enfatizar que, para nós, portanto, o Orientalismo aplicado à prática política internacional nada mais é do que uma forma de representação do Oriente por parte do Ocidente, colocando os povos subjugados

por um eurocentrismo em uma posição inferior ao segundo, o Ocidente hegemônico por meio da utilização de generalizações e estereótipos com o objetivo de criar e reforçar uma relação de dominação.

No segundo capítulo, examinamos a atuação de BBC e Al Jazeera como veículos midiáticos que potencialmente servem a determinadas visões de mundo. Ambos são total ou parcialmente controlados por governos e, assim, têm a capacidade de atuar como instrumentos de *soft power* por meio da diplomacia pública, quando a mídia é usada por atores estatais e até mesmo não estatais para influenciar a opinião pública em outros países.

No terceiro capítulo, explicamos a crise de refugiados sírios de 2015 como um evento significativo da expressão atualizada do Orientalismo. Ressaltamos a necessidade de se adotar um olhar interseccional, tendo em vista o duplo padrão no tratamento de sírios e ucranianos na Europa, algo que mostra uma maior empatia dos povos europeus pelos ucranianos tendo em vista a cor da pele, dos olhos e sua cultura “europeia”, e, em contraponto, o constrangimento no caso dos sírios, o que poderia ser interpretado como uma possível ameaça aos padrões culturais europeus hegemônicos.

Finalmente, no quarto capítulo, analisamos as coberturas midiáticas, em perspectiva comparada, por meio da análise de conteúdo de matérias on-line veiculadas por BBC e Al Jazeera sobre a crise de refugiados sírios de 2015. Esse acesso a fontes primárias possibilitou o maior diálogo entre a empiria e a teoria, e a possibilidade de revisar e renovar a literatura sobre o tema delimitado pela pesquisa. Não só nas categorias que dizem respeito mais diretamente às formas de representação, como inferiorização e tipos de Orientalismo, mas também nas demais categorias sugeridas por nós (autoria, formato, fonte, posicionamento, impacto e perspectiva), foi possível analisar em detalhe o comportamento midiático em um evento dessa magnitude na cena internacional. Essas categorias, juntas, contribuíram para uma visão mais ampla da percepção desse fenômeno em ambas partes do mundo.

Na análise quantitativa, cruzamos os dados referentes aos tipos de Orientalismo com os das demais categorias e verificamos, entre outras coisas, que foi possível ter textos com Orientalismo, mas sem inferiorização e com posicionamento favorável ao acolhimento dos refugiados, assim como sem Orientalismo, mas com posicionamento contrário.

O caminho metodológico desta pesquisa de tipo hipotético-dedutiva procurou apresentar uma tipologia analítica para identificação da presença do Orientalismo em coberturas midiáticas de fenômenos atuais como esta crise de refugiados de 2015. Isso nos parece útil para pesquisas vindouras que pretendam analisar material empírico similar.

São quatro os tipos identificados de comportamento dos canais midiáticos ao retratar os “outros” povos - não europeus ou orientais: (i) orientalismo deliberado, quando há intenção explícita de ser orientalista, mobilizando termos, ideias e imagens inferiorizantes do outro não europeu; (ii) orientalismo estrutural, quando se recorre a ideias que estão nas estruturas sociais, como generalizações e estereótipos, mas sem intenção; (iii) aorientalismo, quando não há características orientalistas, isto é, os outros são vistos e respeitados como não ocidentais, sem ser diferenciados e vitimizados ou vistos como ameaças; e (iv) antiorientalismo, quando se adota uma postura crítica à inferiorização dos povos não ocidentais, eventualmente apresentando alternativas.

Tal tipologia nasceu a partir da combinação entre a construção teórica-conceitual e a metodologia desta dissertação, ou seja, fazendo dialogar o material empírico (matérias jornalísticas publicadas) e as discussões teóricas provenientes das obras de Said e posteriores interpretações e atualizações, como o (neo)orientalismo e o pós-orientalismo.

Acreditamos que, como Said ainda é um autor frequentemente referenciado e suas ideias se mostram presentes na academia, nosso trabalho parece pertinente para análises de conjunturas sobre fenômenos atuais. Reconhecemos, porém, há algumas limitações relacionadas ao tempo e ao volume do acervo do material empírico, o que, abre outras possíveis agendas de pesquisa. Uma constatação ao final da pesquisa realizada é a de que essas análises se beneficiariam muito da análise de discurso, que possibilitasse um estudo detalhado de matérias estrategicamente selecionadas e mesmo de declarações oficiais de lideranças políticas veiculadas pela mídia.

## REFERÊNCIAS

ABDUL-MAGEED, Muhammad M.; HERRING, Susan C. Arabic and English news coverage on aljazeera. net. *In*: SUDWEEK, Fay; HRACHOVEC, Herbert; ESS, Charles. (org). **Cultural Attitudes Towards Technology and 2008**. Perth: Murdoch University, p. 271-285, 2008.

ABRAHAMIAN, Ervand. The US media, Huntington and September 11. **Third World Quarterly**, v. 24, n. 3, p. 529-544, 2003.

ADEY, Peter. **Mobility**. Abingdon: Routledge, 2017.

AGNEZ, Luciane Fasarella. **Correspondente internacional**: uma carreira em transição. Curitiba: Appris, 2017.

AGUIAR, Carolina Moulin. Entre a crise e a crítica: migrações e refúgio em perspectiva global. **Monções**, v. 8, n. 16, p. 21-41, 2019.

AGUIAR, Pedro. **Jornalismo internacional em redes**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.

AL JAZEERA. About Us. [202-]. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/about-us>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

ARAUJO, Luiz Antônio. **Paisagens obsessivas**: O discurso Orientalista nas revistas semanais de informação brasileiras. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS-PLATIAU, Ana Flávia; SOENDERGAARD, Niels. **Organizações e Instituições Internacionais**. São Paulo: Contexto, 2021.

BAYOUMI, Moustafa. They are ‘civilised’ and ‘look like us’: the racist coverage of Ukraine. *The Guardian*, 02 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2022/mar/02/civilised-european-look-like-us-racist-coverage-ukraine>>. Acesso : 30 out. 2024.

BBC. Charter and Agreement. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/aboutthebbc/governance/charter>>. Acesso em: 09 jun. 2024.

\_\_\_\_\_. Global news services. [202-a] Disponível em: <<https://www.bbc.com/aboutthebbc/whatwedo/worldservice>>. Acesso em: 09 jun. 2024.

\_\_\_\_\_. Licence fee and funding. [202-b]. Disponível em: <<https://www.bbc.co.uk/aboutthebbc/governance/licencefee>>. Acesso em: 09 jun. 2024.

\_\_\_\_\_. History of the BBC [201-]. Disponível em: <<https://www.bbc.com/historyofthebbc/timelines/>>. Acesso em: 09 jun. 2024.

BIGO, Didier. Security and immigration: Toward a critique of the governmentality of unease. **Alternatives**, v. 27, n. 1, p. 63-92, 2002.

BRANNAGAN, Paul Michael; GIULIANOTTI, Richard. Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football’s 2022 World Cup finals. **Leisure Studies**, Londres, v. 34, n. 6, p. 703-719, 2014.

BROADCASTING. Copy of Royal Charter for the continuance of the British Broadcasting Corporation, dez. 2016. Disponível em:

<[https://downloads.bbc.co.uk/bbctrust/assets/files/pdf/about/how\\_we\\_govern/2016/charter.pdf](https://downloads.bbc.co.uk/bbctrust/assets/files/pdf/about/how_we_govern/2016/charter.pdf)>. Acesso em: 09 jun. 2024.

BURITY, Caroline Rangel Travassos. A influência da mídia nas relações internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática. **Contemporânea**, v. 11, n. 1, p. 166-179, 2013.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, p. 98-111, 2021.

CASSIDY, John. The economics of Syrian Refugees. *The New Yorker*, 18 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/news/john-cassidy/the-economics-of-syrian-refugees>>. Acesso em: 27 mai. 2023.

CASTRO, Isabelle Christine Somma de. **Orientalismo na Imprensa Brasileira: A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Árabe) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DEMANT, Peter Robert. Os estudos sobre Oriente Médio e mundo muçulmano no Brasil nos últimos 15 anos (2001–2016). **Malala**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 6-8, 2017.

DEMICHELLI, Maurício. **A guerra na Síria e a construção da soberania americana: uma análise discursiva da cobertura do The New York Times**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DOBOŠ, Pavel. Communicating temporalities: The Orientalist unconscious, the European migrant crisis, and the time of the Other. **Political Geography**, v. 80, p. 1-10, 2020.

EL-ENANY, Nadine. Aylan Kurdi: The Human Refugee. **Law and Critique**, v. 27, p. 13-15, 2016.

EL-NAWAWY, Mohammed; ISKANDAR, Adel. **Al-Jazeera**: the story of the network that is rattling governments and redefining modern journalism. Cambridge: Westview Press, 2003.

FATHALLA, Amira. Por que países ricos do Golfo não abrem as portas para refugiados sírios? BBC Brasil, 07 set. 2015. Disponível em: <[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903\\_refugiados\\_sirios\\_hb#:~:text=Segundo%20a%20Anistia%20Internacional%2C%2095,ilh%C3%A3o%2C%20s%C3%A3o%20os%20principais%20destinos](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_refugiados_sirios_hb#:~:text=Segundo%20a%20Anistia%20Internacional%2C%2095,ilh%C3%A3o%2C%20s%C3%A3o%20os%20principais%20destinos)>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GOLDEN, Shannon. Six Facts About Syrian Refugees in Qatar. BORGEN Magazine, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.borgenmagazine.com/refugees-in-qatar/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GILBOA, Eytan. Diplomacy in the media age: Three models of use and effects. **Diplomacy & Statecraft**, v. 12, n. 1, p. 1-28, 2001.

\_\_\_\_\_. Global Communication and Foreign Policy. **Journal of Communication**, v. 52, n. 4, p. 731-748, 2002.

GOV.UK. Accredited official statistics - Asylum. 23 fev. 2017. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/statistics/immigration-statistics-october-to-december-2016/asylum>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

GONZALEZ, Rodrigo Stumpf. O método comparativo e a ciência política. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2008.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá. **Teoria das Relações Internacionais**. São Paulo: Contexto, 2021.

HOBSON, John M. Globalization. *In*: TICKER, Arlene B.; SMITH, Karen (org). **International Relations from the Global South: Worlds of Difference**. Abingdon: Routledge, 2020.

HOUSE OF COMMONS LIBRARY. The UK Response to the Syrian Refugee Crisis. 14 jun. 2017. Disponível em: <<https://researchbriefings.files.parliament.uk/documents/SN06805/SN06805.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

JOHNSON, Thomas J., FAHMY, Shahira. The CNN of the Arab World or a Shill for Terrorists? How Support for Press Freedom and Political Ideology Predict Credibility of Al-Jazeera among its Audience. **The International Communication Gazette**, v. 70, n. 5, p. 338-360, 2008.

MAALOUF, Amin. **As cruzadas vistas pelos árabes**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

MARIANO, Marcelo. **O jornalismo da Al Jazeera como instrumento de soft power no contexto da crise diplomática do Catar de 2017**. TCC (Especialização em Produção e Práticas Jornalísticas na Contemporaneidade) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2020.

MÁRQUEZ-BUSTOS, Natalia Andrea. **Análisis crítico del discurso: Daesh en el New York Times, la BBC y Al Jazeera**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2018.

MCCAULEY, Michael P.; ART, B. Lee; HALLECK, DeeDee; PETERSON, Paul E (org). **Public broadcasting and the public interest**. Abingdon: Routledge, 2016.

MIGUEL, Lorena Maria dos Santos. **Primavera Árabe**: o discurso orientalista no jornalismo brasileiro. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MORSE, Daniel Ryan. Egypt, Orientalism, and the BBC World Service, 1952–2013. **Historical Journal of Film, Radio and Television**, v. 39, n. 3, p. 1-15, 2019.

MUDDE, Cas. Europe's populist surge: A long time in the making. **Foreign affairs**, v. 95, n. 6, p. 25-30, 2016.

MULTIFAITH ALLIANCE FOR SYRIAN REFUGEES. The Syrian Refugee Crisis: UK Response. 2018. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/Religion/Islamophobia-AntiMuslim/Civil%20Society%20or%20Individuals/MultifaithAllianceforSyrianRefugees-3.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2018.

NEGRI, Camilo. O desenho de pesquisa comparativo em Ciências Sociais: reflexões sobre as escolhas empíricas. **Série CEPPAC**, v. 35, p. 1-19, 2011.

NOGUEIRA, Silvia. Reflexões sobre o papel da mídia na construção do nationess: os casos da Telesur e da Al-Jazeera. **Carta Internacional**, v. 7, n. 2, p.117-126, 2012.

NUNES, Paulo Henrique Faria. **Direito internacional público**: introdução crítica. Curitiba: Juruá, 2015.

NYE JR., Joseph S. Get Smart: Combining Hard and Soft Power. **Foreign Affairs**, Nova York, v. 88, n. 4, p. 160-163, 2009a.

\_\_\_\_\_. Public Diplomacy and Soft Power. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, p. 94-109, 2008.

\_\_\_\_\_. Soft Power. **Foreign Policy**, Washington, n. 80, p. 153-171, 1990.

\_\_\_\_\_. **Soft Power: The Means to Success In World Politics**. Nova York: Public Affairs, 2009b.

\_\_\_\_\_. The Information Revolution and Soft Power. **Current History**, Los Angeles, v. 113, n. 759, p. 19-22, 2014.

PEREIRA, Lucélia Gomes. **Representações do Oriente Médio da imprensa: uma análise da editoria internacional dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

PERMANENT MISSION OF THE STATE OF QATAR TO THE UNITED NATIONS. Qatar Provides Nearly \$ 1.6 Billion to Alleviate Suffering of Syrian People. 22 set. 2016. Disponível em: <[https://ny.mission.qa/en/media/news/detail/2016/09/29/qatar-provides-nearly-\\$-1.6-billion-to-alleviate-suffering-of-syrian-people](https://ny.mission.qa/en/media/news/detail/2016/09/29/qatar-provides-nearly-$-1.6-billion-to-alleviate-suffering-of-syrian-people)>. Acesso em: 25 jun. 2024.

QATAR FUND FOR DEVELOPMENT. “Quest” Initiative for Refugees and Displaced Persons. 22 jun. 2022. Disponível em: <<https://qatarfund.org.qa/questinitiative-for-refugees-and-displaced-persons/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

RAGIN, Charles C. **La construcción de la investigación social: Introducción a Los Métodos Y a Su Diversidad**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de los Andes, 2007.

RAMDANE, Tahraoui; SOUAD, Merah. Between orientalists and Al Jazeera: Image of Arabs in the west (Comparative inquiry). **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 1, n. 4, p. 160-169, 2011.

RASHEED, Lamiaa Ahmed; HAMAD, Reem Adnan. The Representation of Refugees' Crisis through the Lenses of Edward Said's Orientalism: A Post-Colonial Study of Khaled Hosseini's *The Kite Runner*. **Journal of Language Studies**, v. 5, n. 1, p. 120-133, 2021.

RAY, Rashawn. The Russian invasion of Ukraine shows racism has no boundaries. Brookings, 03 mar. 2023. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/the-russian-invasion-of-ukraine-shows-racism-has-no-boundaries/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

RAYES, Chantal. A outra face da guerra. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry (org). **Guerra e imprensa**: um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003.

ROBINSON, Piers. The policy-media interaction model: Measuring media power during humanitarian crisis. *Journal of peace research*, v. 37, n. 5, p. 613-633, 2000.

ROSA, Marina de Almeida. A Influência do Movimento Pan Africanista para a Proteção Internacional aos Refugiados. **Monções**, v. 11, n. 21, p. 278-298, 2022.

SAID, Edward W. **Covering Islam**: how the media and the experts determine how we see the rest of the world. Nova York: Vintage Books, 1997.

\_\_\_\_\_. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

\_\_\_\_\_. O choque de ignorâncias. Folha de S. Paulo, 17 out. 2001. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1710200128.htm>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

\_\_\_\_\_. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SALES, Matías Ibañez. The refugee crisis' double standards: media framing and the proliferation of positive and negative during the Ukrainian and Syrian crisis. **Euromesco Policy Brief**, v. 129, p. 1-12, 2023.

SAMUEL-AZRAN, Tal. Al-Jazeera, Qatar, and New Tactics in State-Sponsored Media Diplomacy. **American Behavioral Scientist**, v. 57, n. 9, p. 1293-1311, 2013.

SANCHEZ, Giovana. Fenômeno mundial do jornalismo televisivo: Al Jazeera. Superinteressante, 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/cultura/fenomeno-mundial-do-jornalismo-televisivo-al-jazeera/>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SANTOS, Andreza Patricia Almeida dos; NÉIA, Lucas Martins. Orientalismo, massas migratórias e o universo dos refugiados na telenovela brasileira: o caso de Órfãos da Terra. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo et al. (org). **XVI Congresso Ibercom 2019** [livro eletrônico]: comunicação, violências e transições/AssIBERCOM Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação Pontifícia Universidad Javeriana (Colômbia). São Paulo: Assibercom, p. 1032-1049, 2021.

SCHERER, Laura Alves; PRESTES, Vanessa Amaral. Trabalho de Imigrantes e Refugiados(as) na perspectiva interseccional: raça/etnia, gênero e classe em debate. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 12, 2021.

SEWELL, Abby; AJI, Alberta. Thousands are pouring into Syria, fleeing worsening conflict in Lebanon. Associated Press, 25 set. 2024. Disponível em: <<https://apnews.com/article/lebanon-israel-syria-refugees-displaced-8a1fbde03c81fb3672e27d479f5b5a34>>. Acesso em: 01 nov. 2024.

SILVA, Fernanda Maurício da. O Telejornalismo no Brasil e no Reino Unido: Uma Análise Histórica das premissas do Jornalismo da Globo e da BBC. **Intercom**, XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

SILVA, João Victor Borba Moura e; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. O orientalismo no discurso da mídia: a cobertura da Folha de São Paulo durante a Revolução Egípcia de 2011. **Culturas Midiáticas**, v. 5, n. 2, p. 1-14, 2012.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A evidência de práticas orientalistas como instrumento do imperialismo no pós-11 de Setembro. **Geografias**, v. 9, n. 2, p. 56-74, 2013.

SOUZA, Daniele dos Santos de. **Eu venho de Aleppo**: o discurso (neo)orientalista na (auto)biografia de um refugiado sírio. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental**: potências emergentes e a nova ordem global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

THE NATIONAL ARCHIVE. Supporting Syrian and the Region. 01 jul. 2018. Disponível em: <<https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20180601150255/https://www.supportingsyria2016.com/about/the-uk/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

TRIVUNDŽA, Ilija Tomanić. Orientalism and Journalism. **The International Encyclopedia of Journalism Studies**, p. 1-7, 2019.

TODMAN, Will. Don't Rush Syrian Refugees' Return. Center for Strategic & International Studies, 11 dez. 2024. Disponível em: <<https://www.csis.org/analysis/dont-rush-syrian-refugees-return>>. Acesso em: 16 jan. 2025.

UNHCR. Global Trends: Forced Displacement in 2015. 20 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

\_\_\_\_\_. Global Trends: Forced Displacement in 2022. 14 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>>. Acesso em: 25 mai. 2024.

VELOSO, Natália. Jornalista da AL Jazeera foi morta por soldados de Israel, diz ONU. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/jornalista-da-al-jazeera-foi-morta-por-soldados-de-israel-diz-onu/>>. Acesso em: 19 jun. 2024.

VENTERINK, Hooge Loes. **Orientalist Discourses in Dutch Politics: The Refugee Crisis**. Dissertação (Mestrado em Religião, Conflito e Globalização) – Universidade de Groningen, Groningen, 2018.

WAY, Lyndon C. S. Orientalism in online news: BBC stories of Somali piracy. **Journal of African Media Studies**, v. 5, n. 1, p. 19-33, 2013.

ZAHARNA, R. S. Mapping out a Spectrum of Public Diplomacy Initiatives: Information and Relational Communication Frameworks. *In*: SNOW, Nancy; TAYLOR, Phillip M (org). **Routledge Handbook of Public Diplomacy**. Abingdon: Routledge, 2009.

ŽUBER, Marian; MOUSSA, Samuel Sahel. Arab Spring as a background of civil war in Syria. **International Conference Knowledge-Based Organization**, v. 24, n. 1, p. 245-251, 2018.

**ANEXO**

Link da tabela com as matérias analisadas:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1eaqnMYsw6VmkyMrqWHaggbUzRW3ogndClroupJ3EXXI/edit?usp=sharing>